



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**INSTITUTO DE CULTURA E ARTE**  
**CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E PROPAGANDA**  
**NICOLE STEFANI DOURADO DE FREITAS**

**EDUCOMUNICAÇÃO E REDE CUCA: O PROGRAMA JUVLAB NA FORMAÇÃO**  
**DE JOVENS COMUNICADORES NO ANO DE 2022**

**Fortaleza**

**2024**

NICOLE STEFANI DORADO DE FREITAS

EDUCOMUNICAÇÃO E REDE CUCA: O PROGRAMA JUVLAB NA FORMAÇÃO DE  
JOVENS COMUNICADORES NO ANO DE 2022

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof.a. Dra. Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante

Fortaleza

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F937e Freitas, Nicole Stefani Dourado de.  
Educomunicação e Rede Cuca : o programa JuvLab na formação de jovens comunicadores no ano de 2022 / Nicole Stefani Dourado de Freitas. – 2024.  
92 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Publicidade e Propaganda), Fortaleza, 2024.  
Orientação: Profa. Dra. Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante.

1. Educomunicação. 2. JuvLab. 3. Rede Cuca. 4. Juventude. 5. Política pública. I. Título.  
CDD 070.5

NICOLE STEFANI DORADO DE FREITAS

EDUCOMUNICAÇÃO E REDE CUCA: O PROGRAMA JUVLAB NA FORMAÇÃO DE  
JOVENS COMUNICADORES NO ANO DE 2022

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof.a. Dra. Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante

Aprovada em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.a. Dra. Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.a. Dra. Glícia Maria Pontes Bezerra  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.a. Ma. Marcia Maria Ximenes  
Centro Universitário Estácio do Ceará

Ao meu pai Messias e à minha avó Graça: por  
me ensinarem sobre coragem, amor e sobre a  
vida.

## AGRADECIMENTOS

A minha eterna gratidão a Deus, que, em sua infinita misericórdia, me olha, cuida e me ensina que não há “olhos que viram, nem ouvidos que ouviram, nem mentes que imaginaram o que Ele preparou para quem O ama” (1Co 1:9). Obrigada, Jesus, pois, mesmo sem merecer, Seu amor e graça me acompanham desde o ventre da minha mãe. Muito obrigada!

Ao meu pai, Messias, meu maior apoiador. Forte, inteligente e meu motivo para seguir em frente. Eu não sou nada sem você, Pai! Você é minha rocha e minha inspiração, dando-me força, sustentando-me em momentos difíceis, abrindo-me as portas para viver o melhor da educação. Ser sua filha é um privilégio. Obrigado, por me amar em meus piores dias. Você é meu herói!

À minha avó, Gracinha: nada do que eu disser será suficiente para agradecer o que já fez por mim. Seu amor, compaixão e cuidado durante todos os dias da minha vida só me fazem entender que você é Graça derramada em nossas vidas. Muito obrigado por tudo, Vozinha!

Aos meus Richard, Ariel e Isabela. Vocês foram os melhores presentes que nossa família já me deu. R, com sua inteligência fora do normal, A, com sua empatia única e I, com seu amor inesgotável: eu amo ser uma de vocês! Obrigado por me acolherem e fazerem da gente o RANI!

Aos meus tios paternos: vocês formam pilares imprescindíveis em minha vida. Suas histórias, conselhos e carinho por mim me fazem sentir amada e especial. Obrigada por tanto!

À minha mãe, Liliana, e aos meus tios maternos: obrigada por confiarem em mim e no que sou capaz. Nosso sangue me dá força!

Ao meu bem, Miguel, por todo o seu amor e parceria. Encontrar você foi de longe uma das maiores sortes da minha vida, mais do que acaso, destino. Obrigada por seu meu ponto de equilíbrio, meu ombro amigo e a companhia de hoje e para o resto dos meus dias. Mal posso esperar para dividir a vida com você. Eu o amo!

Às minhas Raquel e Beatriz, por tantas parceria e conexão fora do comum. Raquel, viver a faculdade com você me trouxe segurança, me tirou boas risadas e me fez conhecer o amor da amizade. Beatriz, quem diria que, ao falar com você no primeiro dia de aula, eu estava conhecendo uma de minhas melhores amigas?! Que sorte a nossa! Deus sabe da importância da nossa amizade transpondo faculdade, mas para a vida. Quero levá-las para sempre! Obrigada

Aos meus amigos da faculdade, por sua amizade, apoio e risadas durante esses quatro anos de graduação. Sem dúvida alguma, a publicidade me deu os melhores presentes. Vamos

voar juntos! Obrigada!

À minha amiga, Bia. Inventamos juntas nossas primeiras brincadeiras e hoje você me vê concluir a faculdade! Obrigada por longos anos de apoio, risadas e histórias gostosas de ouvir. Eu amo sua amizade! Vamos muito longe ainda!

Ao Moura, por seu apoio e compreensão durante meus anos de graduação. Sem você, o caminho para chegar até aqui seria tortuoso. Você é parte importante dessa trajetória. Muito obrigada!

À minha orientadora, professora doutora Andrea Pinheiro, por ter abraçado a ideia e me ouvido atentamente quando achei que não havia saída para finalizar o trabalho. Você foi essencial! Muito obrigada!

À minha banca, composta por Glícia Pontes e Márcia Ximenes, por terem aceitado somar neste trabalho e nesta fase tão importante, muito obrigada!

Ao Rafael Lemos, por ter acolhido e me auxiliado tão depressa. Amigo, tenha certeza de que você foi peça essencial neste trabalho!

À Bianca Kethulen e ao João Bento, por terem se empenhado em me ouvir e contribuído com minha pesquisa, muito obrigada!

À Carla, Davi, Maiana, Rafaelle e Sue, por me permitirem escutar seus depoimentos, tão especiais, e suas perspectivas, tão singulares. Muito obrigado por terem abraçado a ideia de participar desta pesquisa.

À JuvLab, por ter me presenteado com tantas surpresas boas, muito obrigada!

A todos os que tornaram a graduação essa fase tão especial. Cada dinâmica, piadas internas e trabalhos enlouquecedores formaram em mim uma profissional curiosa, atenta e, acima de tudo, humana. Fui muito feliz sendo parte de vocês. Obrigada!

*Quando eu deixei de olhar tão ansiosamente para o que me faltava e passei a olhar com gentileza para o que eu tinha, descobri que, de verdade, há muito mais a agradecer do que a pedir. (ANA JÁCOMO)*



## RESUMO

Explora a influência da educomunicação na formação de jovens comunicadores, tendo como objeto de estudo a Agência Experimental de Comunicação - JuvLab, do Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Rede Cuca). A JuvLab é uma política pública do Município de Fortaleza que propõe vivências profissionais direcionadas à comunicação, desenvolvendo competências técnicas que visam à criação de produções para as novas tecnologias de mídia (Observatório da Juventude, 2021). No intuito de inteirar-se da realidade escolhida, foram realizados estudos de campo (Gil, 2008) por meio de entrevistas semiestruturadas com coordenador, supervisora e egressos do Programa, bem como se efetivaram pesquisas bibliográficas, baseando a investigação em autores como Mário Kaplún (1984, 1998, 2022), Cicilia Peruzzo (2004, 2002, 2009, 2011, 2013, 2017), Ismar Soares (2002, 2003, 2011, 2013) e Paulo Freire (1977, 1979, 2003). Os dados coletados foram analisados com suporte na hermenêutica de Gadamer (2005) no intuito de responder à pergunta: **- Quais as repercussões que a educomunicação, por intermédio da JuvLab, da Rede Cuca, teve na trajetória de jovens egressos do Programa no ano de 2022?** Como objetivos específicos buscamos compreender a natureza da JuvLab e sua atuação na instituição e com a própria comunidade, para tal, realizamos breve pesquisa bibliográfica, associada a entrevistas realizadas com o coordenador e a supervisora do JuvLab; investigamos o percurso pessoal, profissional e acadêmico dos jovens comunicadores egressos da JuvLab no ano 2022, mediante coleta de relatos; e, intentamos compreender e fundamentar como educomunicação esteve presente nestes percursos. Esta demanda indicou que o Programa contribuiu unanimemente com a jornada dos jovens comunicadores, fortalecendo trajetórias pessoais e profissionais. Pelo fato de esta política pública, entretanto, ter em uma de suas fundamentações a “reparação de uma vulnerabilidade social”, tendo como um dos objetivos a criação e articulação de interfaces entre os programas da Rede Cuca e o mundo do trabalho (Observatório da Juventude, 2021), a inserção no mundo de trabalho ainda aparece em destaque dentro do Programa, deixando em segundo plano aspectos como a análise crítica, a atuação ativa e indagadora e as lutas e enfrentamentos na conquista da liberdade jovem. Portanto, as conclusões sugerem que a JuvLab exerceu influência sobre os jovens comunicadores no ano de 2022, mas que, para ampliar esse sucesso, impõe-se fortalecer ações fundamentadas, principalmente, em formar jovens críticos, conscientes e livres.

**Palavras-Chave:** educomunicação; JuvLab; Rede Cuca; juventude; política pública.

## ABSTRACT

It explores the influence of educommunication in the training of young communicators, having as its object of study the Experimental Communication Agency - JuvLab, of the Urban Center of Culture, Art, Science and Sports (Rede Cuca). JuvLab is a public policy of the Municipality of Fortaleza that proposes professional experiences aimed at communication, developing technical skills that aim at the creation of productions for new media technologies (Observatório da Juventude, 2021). In order to understand the chosen reality, field studies were carried out (Gil, 2008) through semi-structured interviews with the coordinator, supervisor and graduates of the Program, as well as bibliographical research, basing the investigation on authors such as Mário Kaplún (1984, 1998, 2022), Cicilia Peruzzo (2004, 2002, 2009, 2011, 2013, 2017), Ismar Soares (2002, 2003, 2011, 2013) and Paulo Freire (1977, 1979, 2003). The collected data were analyzed with support from Gadamer's hermeneutics (2005) in order to answer the question: - What are the repercussions that educommunication, through JuvLab, from Rede Cuca, had on the trajectory of young people who graduated from the Program in 2022? Its specific objectives aim to understand the nature of JuvLab and its performance in the institution and with the community itself, for this purpose, by carrying out a brief bibliographical research, combined with interviews conducted with the coordinator and supervisor; researching the personal, professional and academic paths of young communicators who graduated from JuvLab in 2022, through the collection of reports; and, understanding and substantiating whether educommunication exerts an influence on these paths. This demand indicated that the Program unanimously contributed to the journey of young communicators, strengthening their personal and professional trajectories. However, because one of the foundations of this public policy is the “repair of a social vulnerability”, with one of its objectives being the creation and articulation of interfaces between the Cuca Network programs and the world of work (Observatório da Juventude, 2021), insertion into the world of work still appears prominently within the Program, leaving aspects such as critical analysis, active and inquisitive action, and the struggles and confrontations in the conquest of youth freedom in the background. Therefore, the conclusions suggest that JuvLab exerted an influence on young communicators in 2022, but that, in order to expand this success, it is necessary to strengthen actions based mainly on training critical, conscious, and free young people.

**Keywords:** educommunication; JuvLab; Rede Cuca; youth; public policy.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>JUVENTUDE E POLÍTICAS PÚBLICAS</b>	<b>14</b>
2.1	As juventudes	14
2.3	Políticas públicas e o jovem em foco	18
<b>3</b>	<b>A EDUCOMUNICAÇÃO</b>	<b>22</b>
3.1	O que é educomunicação?	22
3.2	Educação formal e educomunicação	26
3.3	Educom(o) política pública	28
<b>4</b>	<b>Uma Juventude da Comunic(ação)</b>	<b>30</b>
4.1	A JuvLab	31
4.2	Os jovens comunicadores	35
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>41</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>44</b>
	<b>APÊNDICES</b>	<b>54</b>
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	54
	APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA EX-BOLSISTAS	56
	APÊNDICE C- ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA MONITORES JUVLAB	57
	APÊNDICE D - ENTREVISTA APLICADA A EX-BOLSISTA DAVI OLIVEIRA	58
	APÊNDICE E - ENTREVISTA APLICADA A EX-BOLSISTA ANNA GARCIA	63
	APÊNDICE F - ENTREVISTA APLICADA A EX-BOLSISTA CARLA ARAUJO	67
	APÊNDICE G - ENTREVISTA APLICADA A EX-BOLSISTA ANA DA COSTA	70
	APÊNDICE H - ENTREVISTA APLICADA A EX-BOLSISTA MAIANA BORGES	76
	APÊNDICE I - ENTREVISTA APLICADA A SUPERVISORA BIANCA DIAS	81
	APÊNDICE J - ENTREVISTA APLICADA A COORDENADOR JOÃO BENTO	87

## 1 INTRODUÇÃO

Não é de hoje que a educação e a comunicação andam paralelamente. Seja com Célestin Freinet (1965), quando o autor introduziu uma impressora em sua prática pedagógica, fazendo os alunos comunicarem entre si e com a comunidade (Ferreira, 2021), ou mesmo com o professor Paulo Freire (1979), que enxergava a comunicação como um pilar das práticas educativas. Foi, no entanto, em Mário Kaplún (1998) que esta combinação recebeu um neologismo: a **educomunicação**, definida atualmente como um conjunto de ações destinadas a integrar “às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação [...], criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos [...] e melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas” (Soares, 2014, p. 1-2).

Em um sistema hierárquico determinado pelo capital, como o Município de Fortaleza (Ceará), ao Estado incumbe desenvolver políticas públicas como medida de “compensação” para a sociedade (Goulart, 2011), direcionada, inclusive, para os jovens, que, na visão governamental, se enquadram uma situação “sem perspectivas para o futuro, [...] sendo vítima de situações sociais precárias e aquém das necessidades mínimas para garantir uma participação ativa no processo de conquista da cidadania” (Abramovay *et al*, 2002, p. 9).

Deste modo, multiplicaram-se as políticas públicas que “incluam o jovem no seu processo de desenvolvimento” (Abramovay, 2002, p. 10), considerando-as

não como atividades complementares à formação e à ampliação do acervo de informações, mas como um direito de cidadania com repercussões múltiplas, contribuindo para valores positivos, para um reencanto sobre a vida, que beneficiariam não somente os jovens, mas à sociedade em geral (Castro *et al*, 2001, p. 13).

Pensando em estimular a autonomia e o protagonismo desses jovens, além de tentar “recolocar a educação em sintonia com ambiente social e cultural profundamente modificado pela presença das mídias, pela globalização e pela reestruturação dos modos de ser e viver dos indivíduos e grupos sociais” (Alves, 2007, p. 44), um dos paradigmas orientador destas políticas é a **educomunicação**, propondo nelas práticas colaborativas e interdisciplinares, unindo educação, comunicação e a tecnologia como medida de incentivo à plena cidadania (SOARES, 2015).

Os Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte - Cuca, foram implantados em 2008 pela Prefeitura de Fortaleza. Sua primeira sede foi na Barra do Ceará, com o Cuca Barra, e, posteriormente, em outros bairros de vulnerabilidade social, sendo eles o Cuca

Mondubim, Cuca Jangurussu, Cuca José Walter e o Cuca Pici. Os Cucas têm como público-alvo jovens de 15 a 29 anos e realizam gratuitamente práticas esportivas, profissionais, culturais e formativas, fomentando políticas públicas e incentivando protagonismo jovem (Instituto Cuca, 2021).

Dentre os programas, destaca-se o objeto de estudo deste trabalho, a Agência Experimental de Comunicação da Rede Cuca (JuvLab), um laboratório criativo de produção de conteúdo, propondo-se, desta maneira, a compreender quais foram as reais repercussões da educomunicação, por meio da JuvLab, a jornada dos jovens comunicadores egressos do Programa, constituindo o objetivo geral do estudo ora sob relato. Seus objetivos específicos tencionam identificar, mediante breve pesquisa bibliográfica, aliada a entrevistas realizadas com o coordenador e a supervisora, o caráter do programa JuvLab e sua atuação perante a comunidade e dentro da própria instituição; pesquisar, por via de relatos, o percurso pessoal, profissional e acadêmico de jovens comunicadores egressos da JuvLab no ano 2022; e, compreender e fundamentar se a educomunicação influencia nestes percursos.

Esta pesquisa faz-se necessária, porquanto denota uma distinta perspectiva ante novo programa, a JuvLab, da instituição Rede Cuca, a qual foi anteriormente estudada em outros aspectos, com os trabalhos “Juventude e mídia: as competências midiáticas na formação dos jovens comunicadores do programa Repórter Cuca” (Torres, 2017); “A relação dialógica entre a educomunicação e a formação humana em Paulo Freire: uma análise sobre o protagonismo juvenil do Programa Conexões Periféricas” (Fernandes, 2019) e no trabalho “A Rede Cuca em Fortaleza-CE como política pública gratuita de caráter socioeducativo destinada às juventudes” (Gadelha, 2023). Aqui, contudo, se propõe discorrer com o foco no programa Juvlab, incentivando o ensino aliado à comunicação popular, o empoderamento jovem e a autonomia para a formulação de sua história.

A escolha do tema também não é eventual, já que eu em 2021, enquanto jovem comunicadora, pude atuar no programa da JuvLab. Vinda de uma das periferias de menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) em Fortaleza, o Jangurussu, as oportunidades estavam sempre a alguns bairros de distância, mantendo-a alheia ao que realmente queria aprender: a ação de comunicar. Conheci a Rede Cuca ainda no ensino médio, mas foi durante meu primeiro ano de graduação em Publicidade e Propaganda na Universidade Federal do Ceará (UFC) que pude vivenciá-la. Através de indicação de amigos, soube do Programa da JuvLab e vi ali a chance de praticar as teorias vistas na universidade. Durante quatro meses imersa no Programa, experimentei não só a comunicação na prática, mas também a melhor posicionar-me melhor na realidade periférica, tendo orgulho do lugar de onde vim, ampliando

a visão do mundo que me rodeia e entendendo que este não limita-se apenas às “chances” guardadas na Aldeota, mas que o “mundão é nosso”. Fiz *networking*, mas também bons amigos, tornando esta uma experiência especial e marcante.

Pensando em denotar experiências não mensuráveis, o método de coleta de dados utilizado é o qualitativo, realizado por via de entrevistas semiestruturadas com coordenador, supervisora e egressos do Programa, bem como uma metodologia do tipo descritiva, analisando as informações com suporte na hermenêutica de Gadamer (2005). Para compor os dados qualitativos desta pesquisa, foram coletados relatos de cinco jovens comunicadores egressos do programa JuvLab, com idades de 21 a 30 anos, além de entrevistas com um coordenador e uma supervisora do Programa. Seis relatos foram realizados de maneira on-line, por solicitação dos próprios entrevistados, e somente um presencialmente, na Rede Cuca José Walter. Todas as entrevistas foram concedidas mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido – disponível nos apêndices deste trabalho – assegurando tanto a gravação das falas no dispositivo da própria pesquisadora, como a utilização delas nesta investigação.

O segundo capítulo, é dedicado ao entendimento em torno de juventudes e políticas públicas, mapeando a compreensão a respeito das juventudes, dialogando com autores que discutem o tema, entre os quais Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt (1996), Juarez Dayrell (2003) e Philippe Ariès (1981), além de refletir sobre a implantação de políticas públicas pensadas e orientadas a estes jovens, considerando a discussão suscitada por autores como Alexandre Barbalho (2012), Carlos Costa (2000), Celina Souza (2006), Eliane Ribeiro (2006) e Patrícia Lânes e Marcos Goulart (2011).

O terceiro capítulo gravita ao redor da educomunicação, pensando em sua definição, com amparo nos autores Ismar de Oliveira Soares (1990, 2002, 2003), Jésus Martín-Barbero (1996) e Mário Kaplún (1985, 1998); destacando a junção “educação e comunicação”, pontuando, também, a diferença com a educação formal, utilizando como fundamentação o pensamento de Cecilia Peruzzo (2002, 2009) Paulo Freire (1977, 1979); além de pontuar o emprego de métodos baseados na educomunicação em políticas públicas, tendo como referenciais teóricos os autores Armand Mattelart (2009), Fernanda Marques e Blueth Talarico (2016) e Peruzzo (2004).

O quarto expressa a breve apresentação da Rede Cuca, evidenciando o Programa ora sob exame, a “Agência Experimental de Comunicação - JuvLab”, contendo relatos de coordenador, supervisora e egressos do Programa, pensando em correlacionar as

metodologias e as vivências descritas com os temas juventudes, políticas públicas e educomunicação, baseando-se nos autores Ribeiro e Lânes (2006), Goulart (2011), Kaplún (2002), Daniele Próspero (2013), Freire (1979), Cristiane Planca, Patrícia Schmidt e de Marília de Moraes (2010), José Moran (1998), Marília Sposito e Paulo César Carrano (2003), Soares (2011) Peruzzo (2004), entre outros.

No quinto módulo capitular, encontram-se as considerações finais desta pesquisa, destacando os crescimento da JuvLab por via da educomunicação neste grupo de jovens em específico, refletindo sobre autores já expressos no texto, também com sugestões assentes na educomunicação para o ampliamiento destas repercussões.

## **2 JUVENTUDES E POLÍTICAS PÚBLICAS**

Este segmento exprime algumas compreensões acerca das juventudes, entendendo os distintos conceitos e a problematização no contexto descrito, recorrendo como pilares aos autores Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt (1996), Juarez Dayrell (2001, 2003), Philippe Ariès (1981), entre outros. Além disso, também são expressos os dados demográficos quanto à realidade em que essas juventudes se encontram.

O tema das políticas públicas também é abordado neste capítulo, bem como a relação entre políticas públicas e juventudes. Mostram-se o conceito base para a pesquisa e uma breve contextualização histórica do objeto, contando com autores como Celina Souza (2006), Eliane Ribeiro e Patrícia Lânes (2006), Waner Lima (2012), bem assim com dados públicos nacionais, e municipais do Município de Fortaleza. Para mais, são postas problematizações a respeito dessas políticas públicas, expondo seu papel e relevância no âmbito juvenil; Entre alguns dos autores, estão Alexandre Barbalho (2012) e Marcos Goulart (2011).

### **2.1 As juventudes**

Entender o que é “ser jovem” demonstra ser uma m uma tentativa de classificar os jovens Pensar em classificar De acordo com a Política Nacional de Juventude, o recorte ideal para classificar os jovens encontra-se no intervalo das idades de 15 a 29 anos, entendido como um “critério etário”.

Segundo esse critério cronológico, jovem é a pessoa que está na faixa etária compreendida entre 15 e 24 anos. Essa definição, útil do ponto de vista demográfico, é complicada do ponto de vista jurídico, pois compreende pessoas que estão na menoridade e na maioridade, portanto detentoras de status legais inteiramente distintos (Costa, 2006, p. 67).

A idade, entretanto, é o suficiente para definir a juventude? O que de fato permeia essa

significação?

Na obra de Philippe Ariès (1981), **História Social da Criança e da Família**, o autor ensina que, durante o período pré-industrial, não havia uma separação entre a juventude, a infância e o mundo adulto. Antes mesmo de completarem uma década de vida, os filhos eram mandados para a casa de outros como aprendizes e davam início a sua “juventude”, fazendo deste um grupo preenchido por pessoas de nove a 40 anos de idade. De acordo com Ariès (1981), esta ideia de unificação de fases só foi desmistificada por humanistas e religiosos no século XV, por intermédio de suas teorias e práticas.

Para Dayrell (2003), entrar em um consenso quanto ao conceito de juventude é uma tarefa difícil, “principalmente porque os critérios que o constituem são históricos e culturais” (p.41), além de sua dimensão e diversidade. Ao se arriscar, porém, o autor se opõe à noção de juventude como uma fase de transitoriedade, ou do “vir a ser”, mas propõe que esta etapa deve ser vista “no presente”, com as próprias vivências e questões existenciais, não se resumindo ao futuro, nem a “uma passagem; ela assume uma importância em si mesma” (*Idem, ibidem*, p. 42).

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta (*Idem*).

Em **A História dos Jovens: da Antiguidade à Era Moderna**, e **História dos Jovens: a Época Contemporânea**, ambas de 1996, Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt reúnem uma série de ensaios sobre a juventude no contexto histórico, ou, como eles denominaram: a apresentação de “um terreno privilegiado de experimentação historiográfica” (1996, p. 10), que é a juventude. Em um dos textos, os autores destacam quanto a este paradigma etário atrelado aos jovens, afirmando que “em nenhum lugar, em nenhum momento da história, a juventude poderia ser definida segundo critérios exclusivamente biológicos ou jurídicos. Sempre e em todos os lugares, ela é investida de outros símbolos e de outros valores” (p.14).

Numa sociedade fortemente influenciada pelo olhar adulto, quem não se encontra nessa fase sofre algum tipo de discriminação. Nessa perspectiva, as etapas da vida não correspondem simplesmente a etapas biológicas, mas também às funções sociais. Cabe a pergunta: qual a função social destinada ao jovem no decorrer dos variados momentos históricos? (Salgueiro, 2009, p. 39).

Melucci (2001, p. 138) também se opõe a esta ideia de separação etária, afirmando que “os indivíduos não são jovens porque (ou apenas porque) têm uma certa idade, mas porque



seguem certos estilos de consumo ou certos códigos de comportamento e vestimenta”, portanto, constitui uma concepção dada por elaborações sociais, mais do que pela perspectiva biológica. O autor descarta, ainda, a ideia de que, para alcançar a “estabilidade adulta”, é preciso atravessar pela “passagem” da juventude, reconhecida como instável, afirmando que a vida, por si, é marcada pela incerteza, mobilidade e transitoriedade, e essas características não fazem parte de uma suposta “transição”, mas da existência (*Idem, Ibidem*, 2001).

Neste sentido, Dayrell (2001) também soma quando afirma que

Os fenômenos evolutivos presentes nas mudanças dos ciclos da vida são fatos que dizem respeito a cada momento da existência, fazendo das mudanças ou transformações uma característica estável da vida do indivíduo. O desenvolvimento é visto numa perspectiva de construção contínua, em que a cada fase que se vive não se perde nada daquilo que foi acumulado no percurso (P. 18).

Posto isto, o entendimento em torno da juventude não é mais somente tendido a um bloco, neste caso à condição biológica, mas também sob a compreensão de uma definição cultural (Melucci, 1997), migrando da ideia de “promessa de futuro” para um modelo cultural do presente (Peralva, 1997). Groppo (2000, p.8) ainda afirma que "trata-se não apenas de limites etários pretensamente naturais ou objetivos, mas também, e principalmente, de representações simbólicas e situações sociais com suas próprias formas que têm importante influência nas sociedades modernas".

Com amparo nessas novas significações, respeitando as particularidades, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO (2007) afirma não haver juventude, mas juventudes, no plural, que constituem um grupo heterogêneo, com múltiplas culturas juvenis oriundas de variados interesses e inserções na sociedade, com diversos modos de ser (social, étnica, de gênero etc.), cada um com sua oportunidade e dificuldade (Abramovay e Esteves, 2007).

Em 2005, o Governo Federal do Brasil instituiu a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) - designada para cuidar de programas e ações específicas para tais grupos. Após um árduo caminho, na tentativa de conceder audiência a esses jovens, em 5 de agosto de 2013, o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852) foi criado no País, reafirmando os direitos dos jovens e suas individualidades, estabelecendo princípios e diretrizes das políticas públicas e o Sistema Nacional de Juventude (Sinajuve) (GOV.BR, 2022). O documento também prevê direitos específicos, como o Direito à Diversidade e à Igualdade; Direito à Comunicação e à Liberdade de Expressão; Direito à Cultura; Direito à Cidadania, à Participação Social e Política e à Representação Juvenil; Direito à Profissionalização, ao Trabalho e à Renda, entre

outros.

Na vida real, contudo, os resultados dessas leis ainda mostram algumas deficiências. Em 2019, o estudo **Desigualdades socioespaciais de acesso a oportunidades nas cidades brasileiras**, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), em parceria com o Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento (ITDP) (IPEA, 2020), mostrou um retrato das desigualdades de acesso a oportunidades nas maiores cidades brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Fortaleza, Porto Alegre e Curitiba) no ano de 2019. A pesquisa analisou “o tempo mínimo que o indivíduo leva para acessar a oportunidade mais próxima, o número total de oportunidade que se consegue acessar em diferentes intervalos máximos de tempo e a facilidade com que pessoas de diferentes áreas das cidades, níveis de renda e cor/raça conseguem acessar as oportunidades de empregos formais (de baixa, média e alta escolaridade), escolas públicas (educação infantil, nível fundamental e médio), e serviços de saúde prestados pelos Sistema Único de Saúde – SUS (com níveis de atendimento de baixa, média e alta complexidade)” (IPEA, 2019, p. 15), destacando a disparidade entre bairros de alto poder aquisitivo e os demais bairros das metrópoles.

Tal conclusão é reafirmada no estudo de Góes *et al.* (2021), que relata os estados do Nordeste, Sudeste e Sul, somados aos Estados do Amapá e Pará, como os de maior índice de desigualdade no Brasil. Ainda, no segundo trimestre de 2020, o Município de Fortaleza possuía em sua base da pirâmide uma média domiciliar *per capita* de R\$ 96,60, enquanto os 10% mais ricos recebiam um valor médio de R\$ 4,8 mil (Diário do Nordeste, 2020), deixando clara a desigualdade na Capital e estabelecendo uma realidade dos que “vivem em situação de fragilidade, desamparo e risco. (Eles) não têm planos de saúde e ganham, quando empregado, um pouco mais de um salário-mínimo ou bem menos, ganham muito pouco quando trabalham e, quando trabalham, trabalham muito” (Góis, 2012, p. 122).

De fato a juventude é trabalhadora, estudiosa, solidária, idealista e busca de forma orgânica ou inorgânica, na criatividade das diversas tribos, saltar o abismo existente entre a realidade social e os direitos consagrados na Constituição; entre os valores proclamados pela sociedade e a prática que os nega; entre as carências do presente e as infinitas possibilidades da vida pela frente; entre a precariedade das condições de subsistência e a miragem das prateleiras da sociedade de consumo abarrotadas de produtos inacessíveis; enfim, entre o sonho e a realização (Parra, 2004, p. 133).

As 24 horas não aparentam ser a mesma para todos, considerando que, enquanto uma juventude de maior poder aquisitivo divide seu tempo apenas entre casa e a escola, muitos dos que compõem a base da pirâmide se esforçam para terminar os estudos, seja por falta de incentivo ou pela existência de outras obrigações além da educação, como o sustento da família ou próprio, fazendo-lhes – na maioria das vezes – perder a antiga disposição latente.

Em expressas circunstâncias, aos 730 mil jovens de Fortaleza (Observatório da Juventude de Fortaleza, 2017), resta apenas o intento de finalmente ser reconhecido e fortalecido dentro de sua realidade, demandando por autonomia em uma narrativa que os coíbem e os punem, na tentativa de controlar alguns aspectos como violência, gravidez precoce, consumo de drogas (Krauskopf, 2003), já que, como exprimiu Aquino (2009), estes são vistos como um grupo de risco, caracterizado, principalmente, pelos “problemas” associados à juventude. Deixa-se, então, de incentivá-los e entendê-los dentro de seu entorno, considerando-se, sobretudo, o que fazem, o que os inspira, como vivem e o que anseiam.

Nessa perspectiva, estes jovens procuram políticas públicas adequadas e de qualidade, que não os desencorajem a lutar e a abraçar suas causas, os convidando a desempenhar seu papel político, fortalecendo sua identidade e senso de comunidade, mas sem abandonar sua natureza contestadora, de sorte que “a questão, então, é saber se uma política pública de juventude é capaz de permitir essa possibilidade: ser Política com ‘P’ maiúsculo.” (Goulart, 2011, p. 77).

## **2.2 Políticas públicas e o jovem em foco**

Para fortalecer esses jovens em sua trajetória, situando-os como “atores do desenvolvimento” no âmbito de sua comunidade, são necessárias iniciativas e políticas públicas orientadas para essas juventudes em sua jornada.

O conceito de políticas públicas detêm distintos sentidos (Souza, 2006). Consoante Lima (2012), política pública diz respeito a uma série de ações originárias dos processos governamentais – que envolvem ou não agentes não governamentais – dirigidas a solucionar problemas no concerto público, mas sem levar em conta ações particulares. Alencar (2004), a seu turno, ressalta que as políticas sempre vêm acompanhadas de eixos, como aquelas vinculadas às de educação ou saúde. Para guiar esta pesquisa acadêmica, o conceito de Souza (2006, p. 13) foi utilizado, quando ele ensina que é possível definir política pública como “o campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, ‘colocar o governo em ação’ e/ou analisar essa ação (variável independente) e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações (variável dependente)”, baseando-se em resolução, implementação, execução e avaliação.

Com suporte na expressa ideação, quando se cogita na proposição de uma série de ações pendidas para as juventudes, ou Políticas Públicas de Juventude (PPJ), Ribeiro e Lânes (2006) propõem que estas sejam compostas por um conjunto de princípios, estratégias e ações

que atendem às ansiedades dos jovens, em suas variegadas realidades, estabelecendo ainda seus

[...] direitos e responsabilidades e afirma suas identidades e potencialidades. A política é pública quando pertence a todos(as) e é construída por toda a sociedade. Assim, as políticas devem criar condições para que os(as) jovens participem da vida social, econômica, cultural e democrática do país (*Ibidem*, p. 08).

No Brasil, um dos primeiros marcos de políticas públicas ligadas à juventude foi a criação do chamado Código de Menores ou Código Mello de Matos, sancionado em 1927 e posto em prática até a década de 1970, funcionando como uma espécie de “saneamento social”, prezando pela “ordem” do grupo referido (Sousa, 2011). Após esse período, essa codificação foi substituída pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), impondo à pauta os direitos das crianças e adolescentes, já que na época focalizada o jovem ainda era parte de um outro grupo maior (Sousa, 2011). Na virada de século (1999-2000), graças a resquícios da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (1979), que lançou para 1985 o “Ano Internacional da Juventude: Participação, Desenvolvimento, Paz”, e em efeito iniciou uma análise da situação dessa população jovem nos países “menos desenvolvidos”, (ONU, 2019), o então presidente Fernando Henrique Cardoso convocou a emergência de ações governamentais com vistas a combater pobreza, entre elas para a juventude, havendo movimentações por parte do Estado direcionadas aos jovens considerados em vulnerabilidade social, principalmente moradores de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) Essas ações foram continuadas no primeiro ano de mandato de seu sucessor, Luiz Inácio Lula da Silva, *exempli gratia*, com a constituição da Secretaria Nacional de Juventude, em 2005, e a proclamação de 2006 como o Ano da Juventude no Brasil.

Já em Fortaleza, atos como a criação do Dia Municipal da Juventude, providência tomada em 2003, ou o do Grupo de Trabalho sobre Políticas Públicas de Juventude (GTPPJ), em 2004, o desenvolvimento da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude, criada em 2007 pela Lei Complementar nº 0047/2007, de 5 de dezembro, e até mesmo a idealização do Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Cuca) na Capital, marcaram a história governamental quanto às ações para o grupo juvenil. Segundo Alda (2011), o Município expandiu significativamente o trabalho dedicado para a juventude somente em 2005, com a posse da prefeita Luizianne Lins, desenvolvendo ações estudadas e aplicadas de maneira específica.

Entretanto, é importante salientar que essas ações governamentais direcionadas aos jovens, em sua maioria, exprimem “parte das representações normativas correntes sobre a

idade e os atores jovens que uma determinada sociedade constrói” (Sposito e Carrano, (2003, p. 03).

Essas “representações normativas” ou elaborações socialmente expressas situam o jovem – principalmente o periférico – como violento, perigoso, de fácil persuasão ou problema a ser solucionado dentro da “harmonia” da sociedade, como é exposto em uma das vertentes do ideário de políticas públicas propostas por Aquino (2009). Nela, o autor assinala que, tradicionalmente, as políticas públicas dirigidas a essa juventude divisam o jovem como um componente de grupo de risco ou um problema social, caracterizado principalmente pela delinquência e drogadição, exigindo políticas de segurança social. Com efeito, além de estarem vulneráveis a determinados problemas sociais de maneira mais intensa, como a pobreza, o difícil acesso à educação de qualidade, saúde e segurança, os jovens ainda são afetados pelo imaginário estabelecido sobre eles, sendo confundidos com os problemas que os afetam (Krauskopf, 2003).

O que nos deixa perplexo é que se fala tanto que a juventude não deve ser vista como um problema, porém, quando vemos as justificativas dessas ações, os problemas da população em relação aos jovens, aparecem de forma gritante, mostrando que políticas públicas de juventude, efetivamente, pretendem resolver grandes problemas sociais que não dizem respeito apenas aos jovens. São políticas públicas que se fundam em reparações, que pretendem reverter um jogo em prol de todo o corpo populacional (Goulart, 2011, p. 77).

Ademais, é importante destacar a reflexão de Magda Nico (2014), ao evidenciar que os problemas vivenciados por essa juventude possuem múltiplos causadores, e até suas variadas posições ou identidades se influenciam. Portanto, ao pensar em uma política pública para esse grupamento, não se há de levar em consideração apenas seu nome e onde mora, entendendo no cerne as questões que rodeiam tais pessoas. Ela é estudante? Ele é trabalhador assalariado? Pertence ao grupo LGBTQIA + ? Por que largou a faculdade? As políticas devem levar em consideração o entrelaçamento dessas condições e, desde então, desenvolver ações específicas, enxergando o jovem como sujeito, não somente o público-alvo de qualquer política pública.

Com amparo nestas múltiplas ações, compreendendo as particularidades juvenis, os jovens são impulsionados a se perceberem como sujeitos singulares, já que neles é despertada uma consciência individual sobre seus direitos e garantias. Nisto, entendem seu lugar no mundo como “solução” e não problema, produzindo frutos sobre si e acerca de sua realidade, não agindo somente em situações pontuais pelo instinto de adaptação, mas modificando as estruturas sociais e econômicas, atuando como autor principal na história a ser escrita (Boghossian; Minayo, 2009).

E, então, aportamos ao famigerado protagonismo, termo procedente da junção de duas palavras gregas: *prôtos e agonizesthai, protagonistés*, combater ou combatente principal. De maneira geral, o vocábulo se refere ao personagem principal de uma peça dramática, pessoa que desempenha ou ocupa o primeiro lugar em um acontecimento. A unidade de ideia **protagonismo**, todavia, se fragmentou e auferiu bastante força para referir-se a diversas situações específicas, uma das quais é o chamado **protagonismo juvenil**, cujo objetivo de maneira geral é “...criar condições para que o educando(a) possas exercitar, de forma criativa e crítica, essas faculdades na construção gradativa de sua autonomia” (Costa, 2000, p.139).

Em complemento, é importante destacar que, neste “empoderamento” ou “protagonismo” concedido aos jovens por meio das políticas públicas, a pessoa não tem de ser objeto, mas sujeito das ações. Portanto, não se deve ter o intuito de “[...] transformar o jovem pobre, marginalizado, subalternizado, em um protagonista de si mesmo, um empreendedor, um incluído” somente no objetivo “[...] de capitalizá-lo socialmente para que assim possa se desenvolver, ou seja, entrar de vez na sociedade de consumo e se transformar em cidadão-consumidor” (Barbalho, 2012 p. 12). O oposto, entretanto: deve-se pensar em uma cidadania “que implica na participação política em busca da construção de um projeto coletivo, que inclui a afirmação do espaço público e do Estado democráticos”, (Barbalho, 2012, p. 07).

De efeito – continuando na linha raciocinativa de Barbalho (*Idem*) – dá-se a renúncia ao “papo de *coach*” estado-unidense e sua “gestão de pessoas” – conduzidas, principalmente, para uma atuação como “cidadão-consumidor” – para, em contraposição, ocupar os espaços e a política, não se opondo às disputas de poder, lutas, nem enfrentamentos, mas agindo de modo ativo e indagador, tendo reconhecimento, “não apenas, dos (seus) direitos individuais, mas, também, dos coletivos; não apenas o direito à igualdade, mas também o direito à diferença” (Barbalho, 2012, p. 3).

Repetidas vezes se destaca o facto de que, para que o desenvolvimento faça sentido para a população em geral, e para os jovens em particular, quem são os que devem beneficiar com isso, uns e outros não devem ser considerados meramente como objetos de políticas de desenvolvimento, mas também como participantes ativos (ONU, 1975, p. 3).

E é com apoio na sua atuação ativa, aliada ao desenvolvimento da cidadania coletiva, que a juventude aprimora o senso crítico, estimulando sua criação e aguçando a cooperação, sendo suscetível, assim, de transformar o local onde vive, criando condições para “exercitar, de forma criativa e crítica, essas faculdades na construção gradativa de sua autonomia” (Costa, 2000, p.139).

Em adição, é oportuno exprimir a ideia de que de nada adianta propor intervenções por intermédio de variadas políticas, se essas não forem assentes em práticas realmente incentivadoras, que inovem na senda onde atuem, não situando o jovem como um problema para todo o resto da população, nem o resumindo a um recorte populacional e subsumidos em números, dados, amostras, probabilidades e previsões (Goulart, 2011), mas propondo atributos como autonomia, criticismo, integração, senso de coletividade e inclusão. É importante ater-se não somente à inclusão dos jovens na contextura de um discurso político, mas entender sua relevância e, mais ainda, a vantagem dessas políticas a esse grupo.

Assim expresso, uma juventude determinada a transformar sua realidade e seu destino, rompendo com antigos ciclos e superando situações adversas, propõe-se demandar por estas políticas públicas e oportunidades, lutando por espaço, atuação, educação, saídas e respeito, absorvendo práticas inovadoras para os apoiarem em um decurso de fortalecimento de sua trajetória e de sua liberdade, intervindo nas coisas do mundo e criando mais redes ou tramas sociais (Goulart, 2011), para que assim concorram para si e o seu entorno.

### **3 A EDUCOMUNICAÇÃO**

Neste capítulo são consideradas as significações da educomunicação, explorando o papel que ela desenvolve no fortalecimento das jornadas juvenis, pensando em sua criação, definição, atuação e finalidade, contando com autores como Ismar de Oliveira Soares (1990, 2002, 2003), Jesús Martín-Barbero (1996) e Mário Kaplún (1985, 1998), além de expressar uma visão geral da relação entre comunicação e educação, pensando em autoras como Cicilia Peruzzo (2002), por exemplo.

Em sua segunda parte, reflete-se acerca da oposição entre a educação formal e a educomunicação, recorrendo como parâmetro, em especial, ao pensamento dos autores Paulo Freire (1977, 1979), Kaplún (1984) e Peruzzo (2009).

Para finalizar esta unidade capitular, reporta-se ao modo como a educomunicação atua por meio das políticas públicas, revendo conceitos gerais da educomunicação expressidos na primeira parte e utilizando-se de estudos sobre o assunto, como os de Armand Mattelart (2009), Fernanda Marques e Blueth Talarico (2016) e Peruzzo (2004).

#### **3.1 O que é educomunicação?**

De acordo a Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em

Educomunicação (2015), instituição de referência no assunto, fundada em 2012, a Educomunicação é alcançada como

[...] um paradigma orientador de práticas sócio-educativo-comunicacionais que têm como meta a criação e fortalecimento de ecossistemas comunicativos abertos e democráticos nos espaços educativos, mediante a gestão compartilhada e solidária dos recursos da comunicação, suas linguagens e tecnologias, levando ao fortalecimento do protagonismo dos sujeitos sociais e ao consequente exercício prático do direito universal à expressão (ABPEducom, 2015).

A princípio, o ideário a respeito do significado de educomunicação manifesta-se com o professor, jornalista e radialista platino Mário Kaplún, em sua obra **El comunicador popular** (1985) e, posteriormente, na atualização do mesmo livro, intitulado **Una Pedagogia de La Comunicación** (1998). Em ambos, Kaplún descreve o educador e o nomeia, no primeiro livro, como “facilitador”, sob a inspiração de Célestin Freinet (1960, 1964) e Paulo Freire (1968, 1969), por acreditar em uma educação estimulante, comunicativa e crítica. Em Freinet (1960, 1964), era clara a oposição ao ensino tradicional, fechado e contrário à descoberta, ao interesse e ao prazer da criança. O pedagogo prezava por novos ambientes de aprendizagem, propondo em sua pedagogia o estímulo ao desenho e texto livres, as aulas-passeio, a correspondência interescolar, o jornal, o livro da vida (diário e coletivo), o dicionário dos pequenos, o caderno circular para os professores, entre outras coisas. Já em Paulo Freire (1968, 1969), é proposta uma educação que identifica a alfabetização como um processo de conscientização, capacitando o oprimido tanto para a leitura e escrita, quanto para a sua libertação. Freire acreditava que a comunicação era a essência da educação (2003), entendendo a relação professor e aluno como horizontal na produção compartilhada de conhecimento, e não uma narração de informações ou a chamada educação bancária, como meros “depósitos vazios” a serem preenchidos, colocando o educando como “um banco de dados sempre disponível para extrair ou colocar cifras, dados, informação e conhecimento solicitados no momento que assim deseje o professor” (Caballero, 2000, p. 53).

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante (Freire, 1977, p.79).

Nos livros de Kaplún, a atuação desse “facilitador” é destacada com base em experiências do próprio autor em atividades de educação popular, tanto na juventude, com o primeiro roteiro para a chamada *Escuela del Aire*, uma das pioneiras no campo das rádios educativas, como também quando este desenvolveu programas radiofônicos de teores crítico e



questionador, manejados, principalmente, para relatar e debater a situação em que o Uruguai se encontrava de 1960 a 1970 (Coelho, 2009), propondo-se a atuar de modo militante, resistindo à ideia de uma sociedade sem divisões de classe (Machado, 2008). Kaplún pretendia que a cultura e o letramento comunicacional se fizessem realidades, e a sociedade fosse humanizada, dialógica e cooperativa, reafirmando as identidades culturais (Bortoliero, 2006).

No Brasil, o professor Ismar de Oliveira Soares (1990) foi um dos pioneiros a abraçar o conceito, de sorte que definiu a educomunicação como um

Conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios massivos, usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas, e ampliar capacidade de expressão das pessoas (Soares, 2003, p. 1).

Esses ecossistemas, vistos na biologia como um conjunto de várias comunidades que continuamente interagem – e o fazem, também, com a natureza, na educomunicação não se diferenciam muito, já que demandam por descentralização de vozes, dialogicidade e interação das pessoas de iguais ou diferentes perspectivas, formando uma “teia” de relações e experiências. Em aditamento, consoante reflete Jesús Martín-Barbero (1996), um dos primeiros na conceituação de ecossistemas comunicativos, essas “teias” não são formadas apenas pela tecnologia na sociedade, mas pela junção da cultura, linguagens e de muito do que perpassa o ser humano, além de abraçar a “organização do ambiente, a disponibilidade de recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de educação comunicacional” (Soares, 2002: p.125).

A professora e pesquisadora Cicilia Peruzzo (2002), afirma que os estudos em torno da comunicação e educação tendem a enfocar as relações entre os seguintes campos:

- 1) a questão da ensino-aprendizagem, baseada em um processo comunicativo;
- 2) os meios de comunicação utilizados em instituições de ensino;
- 3) o papel da mídia no educar;
- 4) a educação para a recepção crítica de mensagens dos meios massivos.

Impõe-se salientar, entretanto, que a educomunicação ultrapassa o letramento midiático ou a formação de consumidores sensatos com mera aplicação das TICs

(Tecnologias da Informação e da Comunicação), mas a proposta característica desse paradigma propõe-se envolver as pessoas, modificando seus ecossistemas desde uma perspectiva dialógica (Soares, 2015). Em sendo assim, uma mudança é promovida no ensino-aprendizagem, sendo interativa, aberta e flexível, visando – aos que por meio desse ideário são ensinados – à ampliação da análise crítica, autonomia e expressão criativa (Fantin, 2015), além de incentivar o conhecimento e o acesso aos direitos humanos, sobretudo, o direito à comunicação.

Ao reduzir a comunicação educativa a sua dimensão instrumental, isto é, ao uso das mídias, o que se deixa de fora é justamente aquilo que é estratégico pensar: a inserção da educação nos processos complexos de comunicação da sociedade atual, no ecossistema comunicativo que constitui o entorno educacional difuso e descentrado produzido pelas mídias. Um entorno difuso de informações, linguagens e saberes, e descentrado com relação aos dois centros – escola e livro – que ainda organizam o sistema educativo vigente (Martín-Barbero, 2001, p. 59).

Alves (2007, p.18), também, contribui com o mote, ao enfatizar a ideia de que as práticas orientadas com suporte na educomunicação procuram propiciar a introdução dos recursos da informação e da comunicação no ambiente educativo, não apenas como instrumentos didáticos (tecnologias educativas) ou objeto de análise (leitura crítica dos meios), mas, principalmente, como meio de expressão e da produção de cultura.

Para mais, a pesquisadora Maria Aparecida Baccega (2009) ainda reforça:

Por isso, comunicação/educação inclui, mas não se resume a educação para os meios, leitura crítica dos meios, uso da tecnologia em sala de aula, formação do professor para o trato com os meios etc. Tem, sobretudo, o objetivo de construir a cidadania, a partir do mundo editado devidamente conhecido e criticado. Nesse campo, cabem: do território digital à arte-educação, do meio ambiente à educação a distância, entre muitos outros tópicos, sem esquecer os vários suportes, as várias linguagens – televisão, rádio, teatro, cinema, jornal, cibercultura etc. Tudo percorrido com olhos de congregação das agências de formação: a escola e os meios, voltados sempre para a construção de uma nova variável histórica (P. 20).

Esse direito de comunicar, neste caso, mediante a educação, é um dos aspectos fundamentais da cidadania – ou seja, o exercício dos direitos nas esferas social, política e civil – como destacou Peruzzo (2009), dado o “papel central que historicamente os meios de comunicação e as tecnologias de informação e comunicação eletromagnéticos e digitais, tais como o rádio, a televisão, a informática e a internet, exercem na sociedade” (Peruzzo, 2013 p. 172).

A comunicação, em construção, pode ser democratizada de modo a contribuir para a constituição cada vez mais ampliada da própria cidadania. Ela não está dada, nem completa. A cidadania avança na medida da consciência do direito a se ter o direito à comunicação e da capacidade de ação e articulação daqueles a quem ela se destina (Peruzzo, 2009, p. 42).

Impende expressar-se, contudo, a noção de que, quando se pensa nesse “direito de

comunicar”, logo vêm à mente o acesso à informação e a liberdade de opinião e de expressão, mas, em sua essência, esse direito passa pelo

[...] direito a conteúdos midiáticos de boa qualidade, pelo respeito e proteção às diferenças sociais de pessoas ou segmentos populacionais (não discriminação, sem estereótipos e sem denegrir a imagem), direito à privacidade, acesso aos direitos culturais acessíveis através das tecnologias de comunicação e informação (partilha do conhecimento científico e artístico etc.), direito à diversidade comunicativa, direito a democracia dos meios de comunicação (infra-estrutura, espectros e habilidades), enfim direito ao poder de comunicar (Peruzzo, 2013 p. 169).

Isto é, ao comunicar – neste caso, na educação – além do exercício de seu direito de ser cidadão, a pessoa amplia o entendimento sobre seu papel na sociedade, intentando, desde então, maneiras que a enquadrem como protagonista em sua história e transformando a sua realidade, já que “não se trata mais, portanto, de uma educação para informar (e menos ainda para moldar comportamentos), mas sim, busca FORMAR as pessoas e levá-las a TRANSFORMAR a sua realidade.” (Kaplún, 1998, p. 49. Traduziu-se<sup>1</sup>).

### **3.2 Educação formal e educomunicação**

De modo geral, a educomunicação implementa a inovação e a mudança, mantendo-se alheia ao tradicional, ao passivo e à educação conteudista.

Destarte, no intuito de transformar a sala de aula em um ambiente engajado, comunicativo e colaborativo, práticas arrimadas na educomunicação sobram cada vez mais utilizadas em instituições de ensino, já que “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (Freire, 1979, p. 69), não invadindo, nem manipulando, mas empenhando-se na transformação constante da realidade (Freire, 1979).

[...] A educação deve preparar mais para enfrentar os imprevistos do que para cumprir a norma, [...] é necessário o desenvolvimento da capacidade de conexão com os outros; isto é, a formação de um sujeito eminentemente social. E, finalmente, a capacidade de pensar e se expressar (Kaplún, 1984, p. 216. Traduziu-se <sup>2</sup>).

Em transposição aos meios de comunicação como veículos pedagógicos, as salas de aula convertem-se em um ambiente diverso e participativo, respeitando o diálogo horizontal, onde professores e alunos são agentes na formulação do conhecimento, e dando a cada aluno a liberdade de situar em pauta seus apontamentos, desenvolvendo, além da comunicação,

---

<sup>1</sup> Do original: “Ya no es, por tanto, una educación para informar (y menos aún para moldear comportamientos), sino que busca FORMAR a las personas y llevarlas a TRANSFORMAR su realidad” (Kaplún, 1998, p. 49).

<sup>2</sup> Do original: “La educación debe prepararse más para enfrentar imprevistos que para cumplir con la norma, [...] es necesario desarrollar la capacidad de conectarse con los demás; es decir, la formación de un sujeto eminentemente social. Y por último, la capacidad de pensar y expresarse” (Kaplún, 1984, p. 216).

também o seu senso crítico e a criatividade, compartilhando no ensino, não transferindo conhecimento.

Há que erradicá-la da face da terra, o mais rápido possível. Nesta educação vertical, hierárquica, autoritária, tudo se processa para imposição de um saber, pois que o professor sabe tudo e o aluno nada sabe e assim aceita, sem pestanejar, as normas que o Poder impõe. Procura-se, deste modo, desacreditar, extinguir, nos jovens, o espírito crítico, de liberdade e de responsabilidade e até a consciência da cultura e da identidade nacionais (Freire, 1977, p.17).

Exemplo de educomunicação em ambiente escolar é o projeto interdisciplinar chamado **Nossa Vida, Nossa Vila**, oriundo de uma escola da rede pública municipal da região central do Rio Grande do Sul, responsável por impulsionar diversas características nos alunos, tais como a consciência crítica, criativa e colaborativa, mostrando-se relevante e tornando-se molde para projetos futuros (Costa; Ghisleni; Carlesso, 2020).

De relevo é destacar, entretanto, que a educomunicação não há de estar limitada somente às paredes de uma escola, ou o chamado ensino formal (Marandino; Selles; Ferreira, 2009), mas propõe-se também a fortalecer ecossistemas para fora da sala de aula, promovendo a conscientização e a participação ativa da comunidade em processos educativos.

A formação do conhecimento contemporâneo se dá para além da educação formal, numa dinâmica de múltiplas mediações sociais. [...] Em especial, as novas gerações têm seus valores, opiniões e atitudes sedimentadas por veículos que não se interessam propriamente em sua educação, que não assumem explicitamente seu caráter pedagógico, mas que acabam frequentemente por influenciar mais profundamente a juventude que a educação desenvolvida na escola. A comunicação coloca-se, assim, no espaço da educação informal, que ocorre nas dinâmicas sociais do dia-a-dia onde o indivíduo se vê em interação (Barros, 1997, p.28).

Prova disto são os movimentos sociais e organizações sem fins lucrativos (ONGs) da sociedade civil que cada vez mais englobam tal paradigma, utilizando-se de uma comunicação comunitária, “de modo a provocar a mobilização social e a realizar ações concretas com vistas à melhoria da consciência política e das condições de existência das populações empobrecidas” (Peruzzo, 2009, p. 38).

Desse modo, o exercício do direito à comunicação comunitária já se entrelaça aos modos de educação informal (processada no dia-a-dia e por meio das práticas no âmbito da comunicação) e o não-formal (participação em treinamentos, oficinas propiciadas por instituições) que ocorrem no contexto das lutas sociais e possibilitam rico processo de educomunicação (*Ibidem*, p. 39).

E é participando por meio dessa educomunicação comunitária que as pessoas desenvolvem habilidades guiadas, tanto para a tecnologia e seu modo de operação, como para – e diz-se, por ser oportuno, até principalmente – o senso crítico, a comunicação assertiva, a criatividade e a colaboração (Peruzzo, 2009).

Kaplún (1998, p. 6 *apud* Coelho, 2009, p. 2) ainda reitera a ideia de que, dentro dessas movimentações, “a comunicação forma e organiza as pessoas”, impactando-as diretamente e a maneira como enxergam o mundo, tornando a comunicação um instrumento da totalidade das pessoas.

### **3.3 Educom(o) Política Pública**

A relação entre a comunicação popular e a Educação Popular resultaram no desenvolvimento da Educomunicação no Brasil (Marques e Talarico, 2016), afirmação esta já difundida desde Kaplún (2002) com a democratização da comunicação, enfrentando a hegemonia, incentivando a apropriação da comunicação por grupos minoritários e transformando a maneira como estes enxergam o mundo e o que fazem com isto, já que, como assinalou Matos (2006), a maneira como se percebe o mundo orienta as ações de cada um.

Para Mattelart (2009), essa democratização e a consequente ampliação do direito à comunicação conformam partes inseparáveis dos direitos sociais e civis, portanto, precisam e devem ser ofertados pelo Estado, como afirma o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852), seção VI, artigo 26: “O jovem tem direito à comunicação e à livre expressão, à produção de conteúdo, individual e colaborativo, e ao acesso às tecnologias de informação e comunicação.” (Estatuto da Juventude, 2013), principalmente àqueles que são afetados diretamente com as atuais e expressivas desigualdades em curso na sociedade, vivendo em um real desamparo e num evidente risco, conduzindo, além da escassez material, a carência simbólica.

O direito à comunicação na sociedade contemporânea inclui o direito ao poder de comunicar, ou seja, que o cidadão e suas organizações coletivas possam ascender aos canais de informação e comunicação enquanto emissores de conteúdos, com liberdade e poder de decisão sobre o que é veiculado. (...) E o acesso do cidadão aos meios de comunicação na condição de protagonista é fundamental para ampliar o poder de comunicar (Peruzzo, 2004, p.77).

Com essa procedência é que as práticas orientadas pela educomunicação se fazem cada vez mais comuns em políticas públicas, com uma comunicação para o popular e dele advinda, já que transportam força ao sujeito e o habilitam, concedendo-lhe autonomia para produzir e comunicar, aguçando sua criatividade e incitando seu criticismo, pretendendo “estimular a tomada de consciência das classes dominadas, em forma de ação política que promova a libertação” (Brasil, 2019). Em soma, ter acesso a tal organização abre espaço para

algo ainda mais valioso: o “sentir-se” cidadão, uma vez que

A educação para a cidadania está na inserção das pessoas num processo de comunicação, onde ela pode tornar-se sujeito do seu processo de conhecimento, onde ela pode educar-se através de seu engajamento em atividades concretas no seio de novas relações de sociabilidade que tal ambiente permite que sejam construídas (Peruzzo, 2002, p.1).

Prova disto foi o programa **Mais Educação**, instituído pela Portaria Interministerial n.º 17/2007 (Brasil, 2007), que se propunha ofertar, em escolas públicas regulares, atividades optativas (oficinas) a serem implantadas no contraturno. Em sua primeira versão (2008), foram disponibilizados para matrículas nas escolas dez “macrocampos” de variados conhecimentos. Entre eles, um denominava-se **Educomunicação** (utilizado como referencial teórico e metodológico). A iniciativa foi coordenada pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC), em parceria com a Secretaria de Educação Básica (SEB/MEC) e com as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação brasileiras.

Num adendo, a educomunicação dentro dessas políticas públicas possui um papel ainda mais decisivo para a juventude, já que, quando ofertada de maneira assertiva, impulsiona o jovem no desempenho de sua missão como agente social, uma vez que “a participação dos jovens como atores sociais na formulação e implementação dos programas, projetos e medidas tem sido ponto fulcral dessas políticas desde, pelo menos, 1985” (Souza, 2009, p. 13), reconhecendo seu potencial e dando o suporte necessário para que transformem sua realidade, deixando para trás as ideias imediatistas e dando espaço para as projeções.

E é na contextura destas políticas, por via dos métodos educomunicativos, que são desencadeados pilares cruciais na vida dessa juventude, como destaca a publicação virtual **Projetos de Educação, Comunicação & Participação – Perspectivas para Políticas Públicas** (2004), coordenada pelo jornalista Fernando Rossetti com o apoio do Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância). Nela, Rossetti relata iniciativas que se utilizam da comunicação e linguagem multimídia para formar adolescentes e jovens no Brasil e, de maneira disparada, os resultados apontavam para participantes com habilidades ampliadas, vocabulário e repertório preenchidos, a existência de uma comunicação assertiva, além de impulsionarem competências alinhadas para o trabalho em grupo, negociação de conflitos, planejamento de projetos, entre outros ganhos. Rossetti (2004) ainda assinala que a produção ativa de comunicação eleva a autoestima, favorece o trabalho em grupo e a interdisciplinaridade, incentiva a pesquisa e análise de informações e tende a derrubar os muros da escola, colocando-a em contato com a comunidade que o rodeia.

#### **4 UMA JUVENTUDE DA COMUNIC(AÇÃO)**

Para compreender o funcionamento de uma política pública assentada na educomunicação e a maneira como esta se insere em uma juventude comunicadora, o experimento ora sustentado elege como objeto de estudo a chamada “Agência Experimental de Comunicação (JuvLab)”, promovida pelo Programa Futuros, por meio dos Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Rede Cuca), localizados no Município de Fortaleza (CE), tema destacado neste capítulo.

Na primeira parte, há a introdução sobre a natureza da Instituição Rede Cuca, bem como o objeto de estudo deste trabalho: o programa JuvLab. São destacados o histórico do Programa, como ele surgiu e de que modo funciona atualmente, baseando-se em uma investigação bibliográfica, assim como em entrevistas realizadas com o Coordenador de Educomunicação, Tecnologia e Linguagens da Rede Cuca, João Bento, e com a Supervisora de Educomunicação, Tecnologia e Linguagens, da Rede Cuca José Walter, Bianca Dias, expondo as modalidades como enxergam as repercussões do Programa nos jovens e os resultados considerados mais relevantes ante uma avaliação interna.

Para visualizar essas repercussões, todavia, faz-se necessário ouvir os participantes deste processo: os jovens comunicadores. Portanto, a segunda e última parte deste capítulo é dedicada a exprimir o ponto de vista de cinco ex-bolsistas da JuvLab egressos da turma de 2022, com amparo em entrevistas semiestruturadas, realizadas on-line.

Nestas entrevistas, intenta-se identificar quem são esses jovens comunicadores, compreendendo sua visão entre sonhos e oportunidades, demais de compreender como enxergam o programa da JuvLab.

Os dados coletados foram analisados com base na hermenêutica de Gadamer (2005), que destaca a importância de manter opiniões e experiências prévias na interpretação de certas informações, afirmando que “sem uma prévia compreensão de si, que é nesse sentido um preconceito, e sem a disposição para uma autocrítica, que é igualmente fundada na nossa autocompreensão, a compreensão histórica não seria possível nem teria sentido” (Gadamer, 2003, p. 12), entendendo desta forma que para a compreensão do outro, seria necessário compreender a si mesmo.

As sete entrevistas, realizadas com coordenador, supervisora e ex-bolsistas da JuvLab, foram previamente autorizadas mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, disponível no apêndice deste ensaio, ensejando as gravações no dispositivo a que se tem acesso e, posteriormente, o emprego dos registros gravados para esta pesquisa.

#### **4.1 A JuvLab**

Os Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte – Cuca foram implantados em 2008 pela Prefeitura de Fortaleza, iniciando na Barra do Ceará, com o Cuca Barra, e depois em bairros de vulnerabilidade social em Fortaleza, sendo eles o Cuca Mondubim, Cuca Jangurussu, Cuca José Walter e o recentemente inaugurado Cuca Pici, com propostas sociais e formativas, fomentando políticas públicas e incentivando protagonismo jovem (Instituto Cuca, 2021). Os Cucas têm como público-alvo jovens de 15 a 29 anos e realizam gratuitamente práticas esportivas, profissionais, culturais e formativas, estimulando políticas públicas e incentivando protagonismo jovem (Instituto Cuca, 2021).

Dentre os programas, destaca-se o objeto de exame impresso neste estudo, a Agência Experimental de Comunicação da Rede Cuca (JuvLab), reconhecida como um

[...] um laboratório criativo de produção de conteúdo, em que os selecionados participarão de vivências profissionais junto aos projetos na área de comunicação e a instituições nos territórios atendidos pela Rede Cuca, desenvolvendo competências técnicas relacionadas à criação de formatos voltados às novas tecnologias de mídia, tendo a Juv.TV, Radioescolas e Podcasts da Rede Cuca e a TV Terra do Sol como principais canais de difusão (Observatório da Juventude, 2021).

Ao indagar sobre o surgimento da Agência, a supervisora de Educomunicação, Tecnologia e Linguagens da Rede Cuca José Walter, Bianca Dias, expressa que essa ampliação se dá na tentativa de suprir “uma necessidade do mundo que a gente vive na comunicação atualmente” (2024, entrevista pessoal), afirmando que:

O repórter CUCA e a JuvTV são muito produção audiovisual, os meninos não trabalhavam tanto a questão de rede social, por exemplo, não trabalhavam tanto a questão do design, a questão da publicidade em si, então a gente meio que pensou a JuvLab para agregar mesmo as outras produções que a gente já tinha, né?! [...] então foi a necessidade mesmo de acompanhar a tecnologia e as mudanças que existem dentro da comunicação.

João Bento, coordenador de Educomunicação, Tecnologia e Linguagens, da Rede Cuca, também ressalta que, além das necessidades do próprio “universo da comunicação”, o Programa tinha o intuito de alcançar as necessidades dos próprios jovens:

A galera do jornalismo conseguia exercitar muito essa veia da comunicação



comunitária dentro do audiovisual, dentro do rádio, na fotografia, enfim, né?! Então conseguia se qualificar tecnicamente para essa lógica do mundo do trabalho, ao mesmo tempo que conseguia trabalhar comunicação numa perspectiva diferente, uma perspectiva mais voltada de fato a promoção de direitos e aí faltava esse lugar da publicidade, do design, né?! (2024, entrevista pessoal).

Desta maneira, situa-se como política pública, no mesmo passo em que modifica suas estratégias e ações no tentame de “suprir” as necessidades destes jovens, como expresso em Ribeiro e Lânes (2006), no capítulo 2.

Com uma ajuda de custo de R\$ 500,00 (quinhentos reais), os jovens “participarão de vivências profissionais junto aos projetos na área de comunicação e a instituições nos territórios atendidos pela Rede Cuca” (Observatório da Juventude, 2021), capacitando-se e desprendendo-se de uma margem com poucas oportunidades, propondo o “protagonismo e a participação juvenil [...], o desenvolvimento da capacidade de análise, crítica e inovação [...] e criar e articular interfaces entre os projetos da Rede Cuca e o mundo do trabalho” (Observatório da Juventude, 2021). Portanto, o Programa compreende a noção do direito à comunicação, a participação e protagonismo jovem, as novas relações dialógicas nas instituições de ensino e a gestão democrática, pontos fundamentais no decurso da educomunicação (Goulart, 2011). Em contrapartida, também demonstra a chamada “perspectiva dupla”, divisada por Abramovay *et al.* (2002), de que, por um lado, os jovens seriam “receptores de serviços públicos que buscassem enfrentar a equação desigualdades sociais e exclusão social; e, por outro lado, atores estratégicos no desenvolvimento de sociedades mais igualitárias e democráticas” (p. 66-67).

Com procedência no entendimento de que, apesar de significar vivências e demandas “reais”, o Programa assenta-se na educomunicação, e por isso se afirma prioritariamente como um processo formativo, já que, “[...] quando fazemos comunicação educativa estamos sempre buscando, de uma forma ou de outra, um resultado formativo” (Kaplún, 2002, p. 15; traduziu-se<sup>3</sup>).

A gente recebe demandas da secretaria de juventude, da prefeitura, né, dos outros setores da Rede Cuca também para fazer cobertura, enfim, assim como eu falei do Comunidade em Pauta, que a gente teve que criar a identidade visual deles e produzir conteúdos para eles colocarem nas redes sociais, então, espera-se que a ‘galera’ entregue um conteúdo de qualidade, né? Só que a gente tem que estar o tempo todo nesse processo de ‘a gente está formando jovens’, então eles têm esse processo de errar, né? Porque é um processo prioritariamente formativo (Dias, 2024, entrevista pessoal).

A JuvLab também tem em seus fundamentos a intercomunicação, em que os sujeitos são “[...] ‘coparticipantes’ da produção compartilhada do conhecimento, ‘sujeitos

---

<sup>3</sup> Do original: “[...] cuando hacemos comunicación educativa estamos siempre buscando, de una y otra manera, un resultado formativo” (Kaplún, 2002, p. 15)

interlocutores’ atuando em condições de plena reciprocidade” (Próspero, 2013, p. 28), havendo, desta maneira, dialogicidade em suas atuações, conceito defendido por Paulo Freire, afirmando que “ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não impor consignas. Ser dialógico é empenhar-se na transformação, constante, da realidade (1979, p.43), fornecendo “bases sólidas para um modelo educacional dialógico, democrático e participativo” (Planca; Schmidt; de Moraes, 2010, p.10).

[...] Então, toda a produção, ou a formação, todo pensamento da agência, ele é baseado nesse diálogo entre o ser instituição, né, o ser Cuca, que é um prédio, que se não tem jovens lá dentro, se não tem pessoas lá dentro, ele é um prédio, mas esse prédio hoje, né?! Essa política pública, ela tem uma alma, ela tem um lugar de olhar esse direcionamento, então existe esse diálogo com essa instituição, com a equipe técnica, né, profissionais que acompanham e com os jovens (Bento, 2024, entrevista pessoal).

É importante ressaltar que esse diálogo também acontece com a comunidade. Dias (2024) ressalta que, em transposição às necessidades do mercado ou da empregabilidade, o Programa também atua cogitado para as necessidades da própria comunidade, como é o caso das empreendedoras que trabalham dentro do Cuca, parte de um projeto do setor de empregabilidade da mesma instituição. “Muitas delas estão aqui trabalhando, vendendo suas produções, mas (elas) não tem uma marca, elas não tem uma, enfim, uma rede social, não tem o básico assim, né?! Para poder evoluir no projeto delas” (Dias, 2024, entrevista pessoal), pensando em um fortalecimento do senso comunitário, caminhando em direção da “[...] inclusão, da integração. Da inclusão de pessoas diferentes, de formas distintas de ver. Caminha na aproximação de mais pessoas, de mais grupos; no estabelecimento de vínculos, de pontes para aproximar-nos das pessoas [...]” (Moran, 1998, p. 10).

Ainda, Bento (2024) destaca:

Não é um fundamento único de gerar emprego, né, mas há uma preocupação da Rede (Cuca) hoje, de conseguir garantir caminhos de possibilidades para os jovens, porque a gente compreende, né, que quando eu falo ‘a gente’ é o Banco Mundial, é uma série de organismos que vão trabalhando com esse indicador de que a não inserção profissional é uma vulnerabilidade por si só e ela é um agravante para outras demarcadores sociais, demográficas, enfim (Entrevista pessoal).

Regularmente, o Programa é gerido para jovens de 18 a 29 anos (Seleção Juventude, 2023), mas destina-se, em especial, “às comunidades que ficam ao redor do Cuca” (Dias, 2024, entrevista pessoal), tendo como meta posterior alcançar toda a Fortaleza.

A Agência encontra-se (2024) na 4ª. edição, mas já não está nos mesmos moldes do primeiro ano. O edital inaugural, publicado em 2021 e nomeado como **Programa Jovens Comunicadores – Agência Experimental de Comunicação**, previu a seleção de “30 (trinta) jovens com idade de 18 (dezoito) a 29 (vinte e nove) anos para integrarem a Agência

Experimental de Comunicação e a produção de conteúdo em canais [...]” (Observatório Da Juventude, 2021).

O edital endereçado, porém, para a seleção do grupo pesquisado da turma de 2022, intitulado **Programa Futuros - 2022**, tencionava selecionar cem jovens, englobando, assim, os nove programas presentes no Futuros, entre eles a Agência Experimental de Comunicação - JuvLab (Observatório Da Juventude, 2022).

Após o lançamento do edital, há uma análise das inscrições observando as motivações e interesses, as perspectivas de atuação, repertório e experiências que o jovem destacou e comprovou em sua ficha (Seleção Juventude, 2023). Efetiva-se, então, um teste prático, com audições e entrevistas, de acordo com o projeto escolhido, finalizando com a aprovação dos bolsistas.

As primeiras semanas dos aprovados são utilizadas para formações e oficinas, com vistas a conceder uma “introdução mesmo dentro da comunicação, que aí é roteiro, é gravação, é design, para a gente meio que nivelar mesmo o conhecimento de todo mundo, para que depois eles possam ir para a prática” (Dias, 2024, entrevista pessoal). Após o nivelamento, suas funções serão definidas de acordo com a sua afinidade e experiência, entendendo

[...] mais ou menos ali quantos designers a gente vai ter, quantos vídeo makers a gente vai ter, então quando eles começam o projeto, a gente já tem uma noção de qual interesse deles, né? E aí a gente pergunta para eles, qual área eles querem atuar, e aí a gente só define (Dias, 2024, entrevista pessoal).

Ultrapassando as atuações dos jovens volvidas, em especial, para campanhas educativas e atendimento ao público, o projeto também dá oportunidade a que os bolsistas vivenciem “o máximo possível das experiências do Cuca, e não só com comunicação” (Bento, 2024, entrevista pessoal), propondo-se a escutar os comunicadores e suas demandas externas, incentivando a “[...] curiosidade, a postura ativa e a experimentação do aluno [...]”, (Chiarella, 2015, p. 419), além de atuar de jeito interdisciplinar.

A gente vem escutando muito os meninos (bolsistas) a partir do que eles trazem para a gente dentro do edital, a gente define muito junto com eles, né, até para entender o quê que eles esperam aprender aqui, né?! Porque eles trazem as ideias muitas vezes e a gente obviamente, como um lugar de formação, oferece o profissional para estar ali orientando (Dias, 2024, entrevista pessoal).

Ao término do projeto, um *pitch* é realizado, conduzindo profissionais que já estão no mercado de trabalho para observar o que foi produzido, fazer comentários e qualificar as produções. A ideia é tanto agregar conhecimento para os bolsistas, como também dar visibilidade para eles.

Consoante expressiu Dias (2024, entrevista pessoal), o projeto é bem sucedido

quando,

[...] para além desse índice de ‘entraram no mercado de trabalho’, é ver isso sabe, é ver a galera se encontrando dentro da profissão, é ver como eles evoluíram, é ver que eles muitas vezes chegam aqui sem esperança, né?! Chegam aqui desmotivados mesmo, porque muitas vezes entendem que esse espaço não é para eles, né?! Que mexer numa câmera não é para eles, que eles nunca vão conseguir comprar uma câmera, mas que ao longo do processo eles se descobrem dentro desse momento, né dentro dessa formação e saindo aqui já com muitos planos, né?!

Bento (2024, entrevista pessoal) assinala que “sempre destaca a qualidade técnica das produções”, assim como a “inserção no mundo do trabalho, assim, compreendendo não só o mercado formal, mas a própria inserção no ensino superior a própria compreensão, né, dentro dessa vivência”.

A cada dez jovens que passam por nossa formação, pelo menos quatro conseguem ingressar, durante ou logo após a formação em algum tipo de experiência profissional, né? E isso é um indicador também muito positivo, porque isso demonstra a comunicação saindo de uma perspectiva reducionista, assim, de apropriação técnica, que basta você ensinar o software que o jovem vai conseguir entrar no mercado de trabalho etc., indo por uma perspectiva mais dialógica mais complexa, mais filosófica do campo da comunicação a gente consegue gerar um impacto uma permanência maior dos jovens dentro do mundo do trabalho, né?! (Bento, 2024, entrevista pessoal).

Destacando uma preocupação a longo prazo com estes jovens por parte do Programa, através dos organizadores, pensando em na etapa “pós-JuvLab”.

## 4.2 Os jovens comunicadores

Para compreender, entretanto, as reais repercussões da educomunicação, por meio da JuvLab, faz-se necessário ouvir aqueles que nela experimentaram participação: os jovens comunicadores.

Mediante entrevistas realizadas com cinco deles, foram relatadas suas perspectivas e percepções sobre a natureza formativa da JuvLab, da qual foram integrantes, sendo trazidas suas identidades reais e previamente autorizadas, por carregarem vivências e personalidade para o seu discurso, sendo eles:

Davi Oliveira - 23 anos, estagiário, ex-bolsista da JuvLab na turma de 2022, estudante de Publicidade e Propaganda na Universidade Federal do Ceará (UFC) e morador da Vila Manoel Sátiro, em Fortaleza;

Anna Garcia - 24 anos, *freelancer* de audiovisual, ex-bolsista da JuvLab na turma de 2022, estudante de Engenharia de Pesca na UFC e moradora do bairro Quintino Cunha, em Fortaleza;

Carla Araújo- 21 anos, fotógrafa, ex-bolsista da JuvLab na turma de 2022, estudante de Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará (UECE) e moradora da Grande Messejana, em Fortaleza;

Ana da Costa - 27 anos, *videomaker* e *designer*, ex-bolsista da JuvLab na turma de 2022 e moradora da Grande Messejana, em Fortaleza;

Maiana Borges - 30 anos, mãe, turismóloga, ex-bolsista da JuvLab na turma de 2022 e moradora do bairro José Walter, em Fortaleza.

A maioria desses jovens não encontrou o Programa por acaso, já acompanhando a Rede Cuca pela divulgação dos programas na própria entidade ou por sua atuação junto a eles. Oliveira (2024) acentua que, sempre ao

[...] fazer curso, seja natação, vôlei ou alguma capacitação técnica, eu procurava sempre o Cuca, então o Cuca do Mondubim, que era o mais próximo da minha casa, né, quando eu morava no Maracanaú, era uma referência, então eu sempre ficava aqui e acolá olhando para ver se tinha algum curso, alguma coisa que me interessava, que me brilhava os olhos (2024, entrevista pessoal).

Costa (2024) relata uma distinta perspectiva, tomando conhecimento do Programa por acaso, já que

[...] nunca tinha feito curso no Cuca, né?! [...] Daí eu consegui fazer minha inscrição no curso e comecei a fazer um curso na área de fotografia e audiovisual, aí eu fiz tanto no Jangurussu, quanto no Mondubim, aí no Mondubim, eu tava em uma aula, aí tinha um cartaz e aí tinha sobre sobre o JD, né? E aí quando abriu inscrições, eu já me inscrevi, e aí logo depois que eu terminei o curso, aí já abriram inscrições para o Futuros e aí eu já tava olhando mais as coisas da Rede Cuca e tudo mais, e aí eu fui lá e me inscrevi, porque eu disse assim ‘Ah, agora eu tenho um portfólio pra eu conseguir me inscrever’, né?! (Entrevista pessoal).

Há uma demanda por profissionalização comum aos ex-bolsistas, chamada por Sposito e Carrano de “fetiche da capacitação do jovem para um mercado de trabalho de poucas oportunidades” (2003, p. 31). Borges (2024), por exemplo, assinala que procurava “qualificação profissional e prática, né?! Prática sobre na área, como é que era trabalhar na área de *marketing*, de comunicação num veículo como o Cuca” (Entrevista pessoal). Oliveira (2024) relata posicionamento semelhante, assinalando que

[...] além da questão da renda, o que brilhou os olhos foi a experiência, né, de agência, coisa que até então eu não tinha, tanto de agência, quanto de estágio. Eu estava praticamente no sexto/sétimo semestre quando eu me inscrevi para o edital e eu ainda não tinha passado por essa experiência. Eu falei, ‘não, é, se eu for entrar

para o mercado de trabalho, eu preciso ter uma experiência comprovada' (Entrevista pessoal).

E são essas “poucas oportunidades” que levam estes jovens a abraçarem políticas que se concentrem “na formação de capital humano, com fortes investimentos em educação e formação profissional e no incentivo à participação política juvenil” (Ipece, 2013, p. 03 e 04). Oliveira (2024) ainda destaca que um de seus objetivos “era sair de lá com um estágio formal, sabe?! Estágio onde eu conseguisse sobreviver, né, aqui em Fortaleza e também aprender mais, né?! Extrair tudo que eu pudesse extrair do programa” (entrevista pessoal).

Borges (2024) relata que: “foi bem ‘punk’ durante muito tempo, porque eu dependi financeiramente também do meu esposo, por muito tempo” (entrevista pessoal). Então, naquele momento, sua intenção “era sair e ter uma nova perspectiva profissional”.

Costa (2024, entrevista pessoal) narra uma situação parecida:

[...] na verdade, eu acho que quando eu entrei eu não tinha muita perspectiva não, eu tava muito assim, outra coisa também, que a monitoria ela dá bolsa, né? E aí eu fui também muito pensando sobre isso, por causa tipo assim, “Ah, eu não tô trabalhando e aí é uma renda extra ali que vai entrar para mim, além de já tá estudando alguma coisa que me interessa, né? Então acho que foi duas coisas.

Por outra perspectiva, quando se pensa no aspecto educativo do Programa, com base principalmente em práticas educacionais, os ex-bolsistas relatam ter tido boas experiências. Araújo (2024), por exemplo, observa sobre a rotatividade na agência:

[...] porque todo mundo participa de um pouco de tudo, foi uma experiência assim bem legal, experimentar um pouco de tudo, até coisas assim, que às vezes eu nem imaginava que ia tá, eu estava até no em frente das câmeras, que eu não gostava muito, mas eu tive essa experiência também, como parte lá de repórter, né?! Tipo isso, foi muito legal (Entrevista pessoal).

A transdisciplinaridade baseada no diálogo entre diversos conhecimentos (SOARES, 2015) também aparece em destaque nos depoimentos dos ex-bolsistas. Borges (2024) contribui, afirmando que:

[...] lá é interessante que a gente circulou por várias áreas: fotografia, videomaker, edição, a própria área do social mídia, jornalismo, então assim, era um dever que eles tinham conosco de ‘Ah, vocês vão circular várias áreas para vocês aprenderem um pouco de tudo, por isso que se chama até a agência e Experimental, né da gente experimentar, né?! (Entrevista pessoal).

Soares (2011, p. 45) exprime que a “educação se preocupará, essencialmente, com o aluno, com sua relação consigo mesmo, enquanto pessoa [...]”, tópico relatado por Garcia (2024), à medida que foi empoderada durante os dez meses na Agência:

[...] eu tava entrando na fotografia, eu já tinha uma base, mas eu me senti muito insegura para mostrar o meu trabalho e a coordenação, a galera que tava

trabalhando [...] me deram muito suporte, muito mesmo. Tipo, me deram coragem para eu conseguir desenvolver meu trabalho, acreditar no meu próprio trabalho, coisas que eu não via, eles me davam um suporte muito grande, que eu não tinha em casa, eu não tinha como a minha família, com alguns amigos e assim isso fez eu me desenvolver muito dentro da agência (Entrevista pessoal).

Araujo (2024) ressalta que, durante a participação no Programa, sentiu-se mais confiante sobre o que produzia.

Eu me sentia mais confiante quando as pessoas confiavam os projetos em mim eu ficava ‘Caramba, então realmente posso fazer isso’. [...] Então querendo ou não, confiança é algo que precisa no mercado de trabalho, eu já tinha um pouco e aí tive essa experiência, né?! (Entrevista pessoal).

Ainda houve uma preocupação dentro do Programa com a consolidação da coletividade e colaboração, expressa por Peruzzo (2009), ao falar da comunicação comunitária, reiterando o entendimento a sugerir que “todos são solidários, todos são vencedores, nega-se a competição e se propõe uma caminhada lado a lado” (Brasil, 2019). Demais disso, situa sob questão os ecossistemas comunicativos expressidos por “Martín-Barbero para designar o entorno tecnológico em que a escola está inserida, tendo sido ressignificado, por Soares, para designar as relações entre sujeitos sociais em dado espaço” (Próspero, 2013, p. 130).

Pra mim isso foi tão legal, eu tinha companheiros, eu dividia ideias, a gente se juntava e pensava: ‘ah, vamos trabalhar esse tema, mas e aí? o que que a gente vai fazer? vai ser uma campanha voltada para isso, pra isso e pra aquilo, aí nesse mês tem isso’, então era uma troca que eu achava muito preciosa, coisa que, apesar de ter né, esse contato hoje profissionalmente, estando trabalhando em uma agência, ter contato com times e tirar dúvidas, etc, não é o mesmo sentimento sabe?! Lá era muito coração, era muito massa, sabe?! (Oliveira, 2024, entrevista pessoal).

Percebe-se que, de variadas maneiras, os relatos destacam habilidades profissionais em foco, contando com uma parcela de autoconhecimento e características de formação pessoal.

[...] mas a questão da fotografia também, eu nunca tinha trabalhado profissionalmente mesmo, né, lá na agência era uma coisa experimental, mas era algo que você literalmente tava experimentando, você tava sendo profissional, mas não tinha o peso de ser profissional, entendeu?! Faz seu trabalho aqui, mas sem pressa, faça do teu jeito, da forma que tu quer. Me deu muitas possibilidades de ser criativa dentro do meu próprio momento (Garcia, 2024, entrevista pessoal).

Durante o andamento do Programa, é possível perceber nos jovens um posicionamento não passivo como alunos, mas ativos e focados na intenção experimental, principal proposta do Programa, colocando supervisores, coordenadores e alunos em “uma situação horizontal de produção, onde eles vivenciam uma prática que permite que exerçam seu papel de cidadão” (Soares, 2011, p.30), negando a educação bancária de Freire (1983), mas envolvendo-se na formulação do próprio conhecimento (Freire, 2007), como a criação da

campanha “Inclusive Eu”, pensada para pessoas PCD’s e idealizada e realizada pelos jovens comunicadores, realizando ensaios, conversando com o público-alvo e ouvindo suas histórias (Araújo, 2024, entrevista pessoal).

Em adição, Costa (2024) relata essa experimentação como constante, afirmando que: os “conteúdos eram mensais, a gente cria uma campanha mensalmente e tem que criar conteúdo tanto de reportagem, tanto de podcast, tanto de design, tanto de vídeo, e edição e tudo mais e aí a gente fica assim, ‘Ah, como assim meu Deus’” - risos (entrevista pessoal).

O *networking* também foi um diferencial. Garcia (2024, entrevista pessoal) relata que, após sair da agência, começou a trabalhar com colegas da Agência na área da produção de vídeos, aprendendo sobre uma área ainda desconhecida, tendo o Programa como um verdadeiro estímulo, despertando nela um desejo de se desenvolver na área de *videomaker* no Município de Fortaleza.

Pensando no cenário em que esses jovens se encontram, grande parte moradores de periferias de Fortaleza, usuários de uma política pública expressa na vulnerabilidade social, sem contar com os índices de desemprego chegando a 31% (Exame, 2022), a empregabilidade pós-JuvLab destaca-se como um importante parâmetro de sucesso do Programa baseado nos relatos dos ex-bolsistas:

[...] então assim que terminou a JuvLab, eu já engatei nesse trabalho, então para mim foi uma realização, sabe?! Uma abertura de portas. Com certeza foi assim, vira as chaves mesmo assim na minha vida essa questão, porque me deu a autoconfiança que eu precisava, hoje eu trabalho mais confiante sabe? (Oliveira, 2024, entrevista pessoal).

Experiência semelhante à relatada por Costa (2024):

eu também fiz muitas conexões, que isso é muito importante, né?! conexões tanto com o pessoal daqui do Cuca, né?! como com os profissionais do Cuca. E aí foi eh foi lá também que que foi através deles, né que eu consegui questões de linkagem para um trabalho que eu tô hoje, né? Então ele foi lá que ‘ah, vou indicar essas pessoas aqui da rede, que fizeram monitoria aqui’, e aí eu fiz a entrevista e tô trabalhando dentro dessa área, né?! (Entrevista pessoal)

Borges (2024, entrevista pessoal) ainda faz um trocadilho, afirmando que foi como se “tivesse feito uma faculdade prática em 10 meses”, passando por áreas nas quais ela inclusive não tinha habilidade, realçando um desejo de melhoria na qualidade de profissional.

Quando se pensa na importância do Programa como política pública, deste modo, gratuita, a resposta é quase unânime:

Olha como um dos fatores era a questão econômica e também tinha a questão do deslocamento, porque eu ainda morava, a priori, no Maracanaú, demorava bastante



tempo [...]. Então assim com certeza sabe, não só a questão do dinheiro e tal, mas também a questão do deslocamento. Então se fosse pago, eu acredito que eu cogitaria um pouco a não fazer (Oliveira, 2024, entrevista pessoal).

Costa (2024) destaca inclusive que

[...] o fato de ser exatamente gratuito e também da bolsa me fez com poder participar dela, até porque tipo, na época eu não tinha carteirinha. Então eu pagava inteira, né? E aí parte da bolsa era só minha passagem. Então era ela que me dava o combustível (Entrevista pessoal).

Deste modo, afirma o Programa como necessário, feito política pública, ao passo que incentiva o direito à comunicação e a comunicação popular (PERUZZO, 2004), contribuindo para dentro do direito civil, pensando na liberdade individual de expressão, passando pelo direito universal à medida que fortalece o direito à comunicação e a informação, garantindo o “direito a uma política pública democrática de comunicação que assegure pluralidade e diversidade na representação de ideias e opiniões” (Sgoti; Peruzzo, 2015, p. 4).

Enquanto iniciativa educacional, a JuvLab mostrou-se parte importante no desenvolvimento dos jovens, influenciando-os no fortalecimento de seus ecossistemas educacionais, atuando de maneira dialógica e horizontal, incentivando o uso das linguagens e das tecnologias associadas a reflexões e ações indigitadas para o exercício prático do direito universal à expressão, colocando estes jovens como sujeitos autônomos e empoderados na qualidade de comunicadores, além de promover capacitação em torno da educação para a comunicação.

Assim como em minha vez enquanto jovem comunicadora participante da JuvLab, é importante ressaltar que evidentemente, a maioria dos anseios dos jovens enquanto bolsistas era indicada para o profissional, pensando em formações técnicas e práticas, desenvolvimento de novas habilidades, empregabilidade e a própria ajuda de custo ofertada na Agência, portanto, todos os anseios, em sua maioria, sendo bem-sucedidos.

Por outro lado, é importante refletir que a formação crítica é uma das bases da educação, pensando em sua própria elaboração no período de 1960 a 1980, em que “o objetivo do comunicador popular não era utilizar os meios, ao contrário [...], era denunciá-los” (Machado, 2008, p. 6), ou mesmo em Gutierrez (1978, p.39), quando afirma que educar é “conseguir que o homem seja capaz, durante toda a sua vida, de interrogar-se e encontrar respostas adequadas para transformar a realidade.” Entretanto, apesar das inúmeras contribuições positivas do Programa enquanto formação profissional, é notório nos relatos que outros dos fundamentos importantes para a educação, como a apropriação crítica, as ocupações políticas dos espaços e a conscientização comunitária, ainda que presentes,

atuaram em segundo plano diante da formação dos ex-bolsistas, relacionando a educomunicação com um campo acadêmico, pouco imergindo-se nela como “um campo de práticas que atua nos e com os movimentos sociais na transformação social, ou seja, tem em seu bojo uma perspectiva ideológica, política” (Machado, 200, p. 5), reiterando que “nenhuma política pública de juventude que não permita em si mesma a possibilidade de sua própria subversão é um espaço para a liberdade” (Goulart, 2011, p. 76).

Para êxito ainda maior de um programa assente na educomunicação, é preciso entendê-la como “uma estratégia promotora da justiça social, baseada no diálogo” (Peruzzo, 2011; Kaplún, 1999, p. 4), desta maneira, fortalecendo o “debate político vinculado à cidadania, liberdade de expressão e interculturalidade”, (*Idem, idem*), dirigidas, principalmente, para a formação de uma juventude de consciência crítica, livre – aqui é a “capacidade de agir sem constrangimentos e com os recursos e o poder necessários para objetivar as intenções que motivam a ação em primeiro lugar” (Pappámikail, 2010, p. 405) – e encorajada a desenvolver não um protagonismo “submetido à lógica capitalista, onde há somente um vencedor, foca no produto, remete a ideia do antagonista” (Brasil, 2019, p. 136), mas com foco em sua autonomia compartilhada, discutida e decidida coletivamente (Brasil, 2019), relacionando-se entre si e com a comunidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensaio acadêmico ora sob remate teve como objeto de estudo a Agência Experimental de Comunicação - JuvLab. O foco da pesquisa foi compreender as repercussões que a educomunicação, por meio da JuvLab, da Rede Cuca, teve na trajetória de jovens egressos do Programa no ano de 2022, no Município de Fortaleza-Ceará.

Os principais resultados encontrados indicam que a maioria dos entrevistados já possuía algum tipo de relação com a comunicação, realizando cursos, trabalhando na área ou mesmo estudando sobre o assunto em instituições de ensino superior. Também em sua maior parte, já haviam realizado algum outro curso na Rede Cuca, especialmente os direcionados para a comunicação, despertando, desta maneira, a pretensão de um retorno posterior, neste caso, para a realização da JuvLab.

Sobre a atuação no âmbito do Programa, os comunicadores relataram ter tido experiências tanto com formação teórica, como, por exemplo, em oficinas vinculadas para fotografia, *Indesign*, *storytelling*, quanto prática, realizando ações tendidas para o “Setembro Amarelo”, para o mês da visibilidade lésbica, entre outras coisas, além de desenvolver

atividades de social mídia, fotografia e audiovisual destinadas a outros programas sociais da própria Rede Cuca, atendendo às variadas necessidades e às realidades dos jovens (Ribeiro; Lanes, 2006). Os ex-bolsistas relatam que atuavam de maneira supervisionada, mas que tinham muita liberdade de produção, parte importante da educomunicação a Paulo Freire (1968, 1969), à medida que propõem o desenvolvimento e a geração de vias horizontais de interlocução, opondo-se ao ensino, chamado por Freire (1977) de hierárquico e autoritário, permitindo uma interação dialética entre as pessoas e suas realidades (Próspero, 2013), sendo passível de “fazer ou desfazer” algo não condizente com o que pretendiam passar em seus projetos, sendo responsáveis, inclusive, por mediar a relação com outras partes da equipe, devendo todos entrar em acordo “sozinhos”, demonstrando uma atuação autônoma dos jovens dentro da Agência, mas que também é colaborativa, despertando, além de um senso de independência, também sentimentos transportados para o coletivo, atuando de modo participativo em ambos, desenvolvendo importantes laços entre si e com o entorno.

Pela comunicação não só expresso emoções, sentimentos, como também lido com afeto. Pela comunicação busco afeto, carinho, ser querido, amado. Se essas emoções são bem gerenciadas, são positivas, facilitaremos todas as atividades em todas as dimensões e direções das nossas vidas. (Moran, 1998, p.10-16)

Para mais, os relatos transparecem características como a liderança, a confiança e a autodeterminação desenvolvendo-se nos jovens, não reduzindo as práticas a um letramento digital e midiático (Martín-Barbero, 2001) mas auxiliando-os em trabalhos futuros, relacionamentos e posicionamentos.

Perante os relatos entre os jovens, ainda que ocorrentes, foram feitas poucas referências ao lado crítico das pessoas, sem menção às ocupações políticas dos espaços e à conscientização comunitária, partes tão importantes da política pública e que fundamenta a educomunicação, pois eram passíveis de ser mais bem e amplamente trabalhadas, aliando ao anseio profissional dos jovens a sua consciência crítica perante a comunicação e a própria democracia, sua natureza dialógica, entendendo-os não como seres fragilizados que necessitam dos cuidados das práticas governamentais, mas como sujeitos de posicionamentos, capazes de “reagir frente aos outros e ao mundo que nos rodeia” (Gutierrez, 1978, p.39), julgando e decidindo no entendimento de quem são.

No caso, demanda, sobretudo, uma pedagogia específica para sua própria disseminação: uma pedagogia de projetos voltada para a dialogicidade educacional, em condições de prever formação teórica e prática para que as novas gerações tenham condições não apenas de ler criticamente o mundo dos meios de comunicação, mas, também, de promover as próprias formas de expressão a partir da tradição latino-americana, construindo espaços de cidadania pelo uso comunitário e participativo dos recursos da comunicação e da informação. (Soares, 2011, p. 37)

Em remate, este estudo revela que a Agência Experimental de Comunicação teve repercussões na perspectiva formativa dos jovens comunicadores, com procedência na educomunicação, sendo bem-sucedida na formação de ecossistemas comunicativos abertos e democráticos, como propôs Martín-Barbero (2001), sendo preenchida por espaços dialógicos, prática adotada tanto por Freire (1968), quanto por Kaplún, (1999), estabelecendo outras modalidades de participação cidadã, contribuindo para o protagonismo comunicativo dos sujeitos e atuando, participativa e criativamente. Entretanto, apesar de presentes em suas práticas, o fortalecimento das condições para que o jovem se posicionasse e agisse de maneira crítica e consciente (Costa, 2000) foi deixado em segundo plano, complexificando a ampliação do seu interesse em participar da consolidação de uma sociedade mais justa.

Almeja-se que, com amparo na reunião dos relatos colhidos entre jovens comunicadores, coordenador e supervisora, ouvindo-se suas perspectivas, entendimentos e interveniências referentes a sua passagem pela JuvLab, bem assim das análises e interpretações feitas com apoio nelas, este trabalho contribua para outros estudos e se achegue às próprias juventudes, preenchendo-as de esperança para a ressignificar a comunicação como elemento de transformação social, cidadania e educação.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. (Orgs.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

ABRAMOVAY, Miriam *et al.* **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina**: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO; BID, 2002. 192 p.

ALENCAR, R. P. **Políticas públicas e jornalismo para a promoção do desenvolvimento humano**. São Paulo, 2004. p. 1-23. Mimeografado.

ALVES, Patrícia Horta. **Educom.rádio** - uma política pública em educomunicação. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-05072009-211722/publico/1345636.pdf>> . Acesso em: 09 set. 2024.

ARAÚJO, C. Educomunicação e Rede Cuca: o Programa JuvLab na formação de jovens comunicadores no ano de 2022: entrevista. [13 ago. 2024]. Fortaleza: Entrevista com ex-bolsista. **Entrevista** concedida a Nicole Freitas.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5525040/mod\\_resource/content/2/ARI%C3%88S.%20Hist%C3%B3ria%20social%20da%20crian%C3%A7a%20e%20da%20fam%C3%ADlia\\_text.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5525040/mod_resource/content/2/ARI%C3%88S.%20Hist%C3%B3ria%20social%20da%20crian%C3%A7a%20e%20da%20fam%C3%ADlia_text.pdf)>. Acesso em: 09 jul. 2024.

BARBALHO, Alexandre. **A criação está no ar**: Juventudes, política, cultura e mídia. Fortaleza: Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE, 2012. Disponível em: <<https://storage.woese.com/documents/3707d0d242bb967b8b5b5470bd7bd2db68c63674.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2024.

BARROS, L. M. de. Comunicação e educação numa perspectiva plural e dialética. **Nexos - Revista de Estudos de Educação e Comunicação**, São Paulo, p. 19-33, 1997.

BENTO, J. Educomunicação e Rede Cuca: o Programa JuvLab na formação de jovens comunicadores no ano de 2022: entrevista. [22 ago. 2024]. Fortaleza: Entrevista com coordenador . **Entrevista** concedida a Nicole Freitas.

BORGES, M. Educomunicação e Rede Cuca: o Programa JuvLab na formação de jovens comunicadores no ano de 2022: entrevista. [07 ago. 2024]. Fortaleza: Entrevista com ex-bolsista. **Entrevista** concedida a Nicole Freitas.

BORTOLIERO, S. T. **Mário Kaplun**: biografia de um visionário. *Comunicação & Sociedade*, v. 22, p. 11-18, 2006.

BRASIL, I. M. G. F. **A relação dialógica entre a educomunicação e a formação humana em Paulo Freire**: uma análise sobre o protagonismo juvenil do programa *Conexões Periféricas*. 2019. 352 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Orientadora: Maria Eleni Henrique da Silva. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/45730>>. Acesso em: 04 jul. 2024.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude. **Movimento: Revista de Educação**, [S.l.], n. 3, 29 jan. 2016. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm)>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria Normativa Interministerial n.º 17, de 24 de abril de 2007**. Institui o Programa Mais Educação, que visa fomentar a educação integral de crianças, adolescentes e jovens, por meio do apoio a atividades sócio-educativas no contraturno escolar. **Diário Oficial da União**, Brasília, 26 abr. 2007. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/mais\\_educacao.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/mais_educacao.pdf)>. Acesso em: 01 jul. 2024.

CABALLERO, F. S. **Introducción a la Teoría de la Comunicación Educativa**. Alcalá de Guadaíra: Mad Ediciones, 2000.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G.; ANDRADE, E. R. **Cultivando vida, desarmando violências**: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza. Brasília: UNESCO; Brasil Telecom; Fundação Kellogg; Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2001. Disponível em: <[https://www.faneesp.edu.br/site/documentos/cultivando\\_vida\\_desarmando\\_violencias.pdf](https://www.faneesp.edu.br/site/documentos/cultivando_vida_desarmando_violencias.pdf)>. Acesso em: 05 set. 2024.

CHIARELLA, T. *et al.* A Pedagogia de Paulo Freire e o Processo Ensino-Aprendizagem na Educação Médica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 39, n. 3, p. 418–425, jul. 2015.

COELHO, F. Mario Kaplún: a comunicação educativa por uma sociedade mais democrática. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 32., 2009, Curitiba, PR. Curitiba: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0275-1.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2024.

COSTA, A. Educomunicação e Rede Cuca: o Programa JuvLab na formação de jovens comunicadores no ano de 2022: entrevista. [10 ago. 2024]. Fortaleza: Entrevista com ex-bolsista. **Entrevista** concedida a Nicole Freitas.

COSTA, A.C.G. **Protagonismo juvenil**: adolescência, educação e participação democrática. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

COSTA, S. B. S. da; GHISLENI, T. S.; CARLESSO, J. P. P. Educomunicação na escola: narrativa de uma experiência pedagógica. **Disciplinarum Scientia. Série: Ciências Humanas**, Santa Maria, v. 21, n. 1, p. 25-34, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/3105/2511>>. Acesso em: 25 mai. 2024.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, p.40-52, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 21 jan. 2024.

\_\_\_\_\_. **A música entra em cena: o rap e o funk** na socialização da juventude em Belo Horizonte. 2001. 334 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/001209777>>. Acesso em: 07 mar. 2024.

DIÁRIO DO NORDESTE. Grande Fortaleza é a 5ª do País de maior desigualdade de renda. Diário do Nordeste, Fortaleza, 23 out. 2020. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/grande-fortaleza-e-a-5-do-pais-de-maior-desigualdade-de-renda-1.3003175>>. Acesso em: 23 fev. 2024.

DIAS, B. Educomunicação e Rede Cuca: o Programa JuvLab na formação de jovens comunicadores no ano de 2022: entrevista. [14 ago. 2024]. Fortaleza: Entrevista com Supervisora. **Entrevista** concedida a Nicole Freitas.

EDITAIS DE COMUNICAÇÃO. **Juventude Fortaleza**. Disponível em: <<https://juventude.fortaleza.ce.gov.br/rede-cuca/editais-de-comunicacao>>. Acesso em: 16 ago. 2024.

FERREIRA, B. Paulo Freire sabia que educação sem comunicação não transforma. **Instituto Palavra Aberta**. 23 set. 2021. Disponível em: <<https://www.palavraaberta.org.br/artigo/paulo-freire-sabia-que-educacao-sem-comunicacao-nao-transforma>>. Acesso em: 13 set. 2024.

FORTALEZA. **Seleção Juventude**. Prefeitura Municipal de Fortaleza. Disponível em: <https://selecaojuventude.fortaleza.ce.gov.br/>. Acesso em: 18 ago. 2024.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Sobre educação: diálogos**. Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Tradução de Flávio Paulo Meurer (revisão da tradução de Enio Paulo Giachini). 7. ed. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista: EDUSF, 2005. (Coleção pensamento humano).

GADAMER, Hans-Georg.; FRUCHON, Pierre (Org.). **O problema da consciência histórica**. Tradução de Paulo César Duque Estrada. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

GARCIA, A. Educomunicação e Rede Cuca: o Programa JuvLab na formação de jovens comunicadores no ano de 2022: entrevista. [12 ago. 2024]. Fortaleza: Entrevista com ex-bolsista. **Entrevista** concedida a Nicole Freitas.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GÓES, G. S.; MARTINS, F. S.; NASCIMENTO, J. A. S. **Carta de Conjuntura: O trabalho remoto e a pandemia**. Brasília, DF: IPEA, 2021. n. 50. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/201118\\_nota\\_teletrabalho.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/201118_nota_teletrabalho.pdf)>. Acesso em: 01 abr. 2024.



GOIS, C. W. L. **Psicologia Clínico-Comunitária**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2012.

GOULART, M. V. S. **Incursões biopolíticas: o poder jovem nas tramas da arena pública**. 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/32012>>. Acesso em: 13 jul. 2024.

GOV.BR. **Estatuto da Juventude completa nove anos em 2022**. 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2022/08/estatuto-da-juventude-completa-nove-anos-em-2022>>. Acesso em: 09 abr. 2024.

GUTIERREZ, F. **Linguagem Total: Uma pedagogia dos meios de comunicação**. São Paulo: Summus, 1978.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude: ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro, DIFEL: 2000.

IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Desigualdades Socioespaciais de Acesso a Oportunidades nas Cidades Brasileiras - 2019**. Brasília: Ipea, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9586>> Acesso em: 21 jan. 2024.

IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil 2012/2013**. Brasília: Ipea, 2013. Disponível em: <[https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2269/1/Livro\\_Panorama\\_da\\_comunica%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_das\\_telecomunica%C3%A7%C3%B5es\\_no\\_Brasil\\_2012\\_2013\\_mem%C3%B3ria\\_v\\_4.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2269/1/Livro_Panorama_da_comunica%C3%A7%C3%A3o_e_das_telecomunica%C3%A7%C3%B5es_no_Brasil_2012_2013_mem%C3%B3ria_v_4.pdf)>. Acesso em: 22 jan. 2024.

IPECE. **INFORME 57: Perfil da Juventude em Fortaleza**. Abril de 2013.

KAPLÚN, M. **Una Pedagogía de la Comunicación: el Comunicador Popular**. 2. ed. La Habana: Editorial Caminos, 2002. Disponível em: <[https://www.academia.edu/10249303/KAPLUN\\_Una\\_pedagogia\\_de\\_la\\_comunicacion](https://www.academia.edu/10249303/KAPLUN_Una_pedagogia_de_la_comunicacion)>. Acesso em: 21 jan. 2024.

\_\_\_\_\_. **Una Pedagogía de la Comunicación**. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3709744/mod\\_resource/content/1/Una%20Pedago](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3709744/mod_resource/content/1/Una%20Pedago)

gia%20da%20Comunica%C3%A7%C3%A3o\_%20M%C3%A1rio%20Kaplun.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2024.

\_\_\_\_\_. **Comunicación entre grupos** – El método de cassete-foro. Bogotá: Centro Internacional de Investigaciones para el Desarrollo, 1984.

KRAUSKOPF, D. La Construcción de Políticas de Juventud en Centroamérica. In: DÁVILA LEÓN, O. (Org.). **Políticas públicas de juventud en América Latina: políticas nacionales**. Viña del Mar - Chile: Cidpa, 2003. p. 6-34.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos jovens**: da Antiguidade à Era Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, Waner Gonçalves. Política pública: discussão de conceitos. **Revista Interface** (Porto Nacional - TO), [S. l.], n. 05, 2012. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/interface/article/view/370>>. Acesso em: 12 abr. 2024.

MARANDINO, Martha; SELLES, Sandra Escovedo; FERREIRA, Marcia Serra. **Ensino de Biologia**: histórias e práticas em diferentes espaços educativos. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção Docência em Formação. Série Ensino Médio).

MÁRQUES, F. T.; TALARICO, B. S. L. U. Da comunicação popular à educomunicação: reflexões no campo da “educação como cultura”. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 11, n. 2, p. 422-444, 3 set. 2016.

MARTÍN-BARBERO, J. M. *Heredando el Futuro. Pensar la Educación desde la Comunicación*. In: **Nómadas**. Bogotá, septiembre de 1996, n. 5.

\_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.

MATTELART, A. A construção social do direito à Comunicação como parte integrante dos direitos humanos. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo. V.32, n.1, p. 33-50, jan-jun 2009.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de; NASCIMENTO, Verônica. Construindo uma Cultura de Paz: o Projeto Paz na Escola em Fortaleza. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.).

**Cultura de paz, educação ambiental e movimentos sociais:** ações com sensibilidade. Fortaleza: Editora UFC, 2006. p. 26-35.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. *In*: PERALVA, Angelina & SPOSITO, Marília. Juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 1997, p.3-14.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente:** movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAN, J. M. **Mudanças na Comunicação Pessoal**. São Paulo: Paulinas, 1998.

NICO, M. L. **Life is cross-sectoral:** why shouldn't youth policy be? França: Partnership between the European Commission and the Council of Europe in the Field of Youth, 2014.

Observatório da Juventude. **Cartografia das Juventudes:** o que os jovens contam. Fortaleza, 2017. 35 p. Disponível em: <<https://observatoriodejuventude.fortaleza.ce.gov.br/images/acervo/cartografia-das-juventude-s-o-que-os-jovens-contam.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2024.

OBSERVATÓRIO DE JUVENTUDE. **Programa Jovens Comunicadores**. Observatório de Juventude, 2024. Disponível em: <<https://observatoriodejuventude.fortaleza.ce.gov.br/index.php/component/tags/tag/programa-jovens-comunicadores>>. Acesso em: 17 ago. 2024.

OLIVEIRA, D. Educomunicação e Rede Cuca: o Programa JuvLab na formação de jovens comunicadores no ano de 2022: entrevista. [10 ago. 2024]. Fortaleza: Entrevista com ex-bolsista. **Entrevista** concedida a Nicole Freitas.

ONU. **Servicios prestados por la juventud: un estudio de la experiencia de ocho países**. Nova York: ONU, 1975.

PAPPÁMIKAIL, Lia. Juventude (s), autonomia e sociologia. **Sociologia**: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP, vol. XX, 2010, pg. 395 – 410.

PARRA, J. B. **O estatuto da juventude** – Instrumento para desenvolvimento integral dos jovens. Brasília a. 41 n. 163 jul./set. 2004.

PERALVA, Angelina. *O jovem como modelo cultural*. In: PERALVA, Angelina. & SPOSITO, Marília. Juventude e contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 1997, p. 15-22.

PERUZZO, C. M. K. Comunicação Comunitária e Educação Para a Cidadania. In: **Revista PCLA - Pensamento Comunicacional Latino-Americano**. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco-Umesp, v.4, n.1, 2002.

\_\_\_\_\_. Comunicação nos movimentos sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. **Contemporanea: comunicação e cultura**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 138-158, jan.-abr. 2013.

\_\_\_\_\_. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. In: OLIVEIRA, Maria José da Costa (org.). **Comunicação Pública**. Campinas: Alínea, 2004.

\_\_\_\_\_. Ideias de Paulo Freire aplicadas à Comunicação popular e comunitária. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. ID 24207, 2017. DOI: 10.15448/1980-3729.2017.1.24207. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/24207>>. Acesso em: 30 jan. 2024.

\_\_\_\_\_. Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas. **Revista Fronteiras**, Brasília, v. 11, nº1, p. 33-43, jan./abr. 2009. Disponível em: <<https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/5039/2288>>. Acesso em: 15 mai. 2024.

\_\_\_\_\_. O rádio educativo e a cibercultur@ nos processos de mobilização comunitária. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 18, n. 3, p. 933-958, 2011. DOI: 10.15448/1980-3729.2011.3.10390. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/10390>>. Acesso em: 7 set. 2024.

PLANCA, Cristiane Maros; SCHMIDT, Patrícia; DE MORAES MACIEL, Marília Crispi. Contribuições da educomunicação para a escola como espaço de comunicação participativa e de educação dialógica. **Poiésis-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, v. 3, n. 5, p. 29-45, 2010.

PRÓSPERO, D. **Educomunicação e políticas públicas**: os desafios e as contribuições para o

Programa Mais Educação. 2013. 368 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Orientador: Ismar de Oliveira Soares. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-30012014-105832/publico/DanieleProspero.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2024.

Rede Cuca. Instituto Cuca, Fortaleza, c2021. Disponível em: <<https://institutocuca.org.br/rede-cuca/>>. Acesso em: 21 jan. 2024.

**REDE CUCA dá início às atividades da Agência Experimental de Comunicação.** Prefeitura de Fortaleza, Fortaleza, 19 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/rede-cuca-da-inicio-as-atividades-da-agencia-experimental-de-comunicacao>> Acesso em: 21 jan. 2024.

RIBEIRO, E.; LÂNES, P. L. L. **Diálogo nacional para uma política pública de juventude.** Rio de Janeiro: Ibase; São Paulo, SP: Pólis, 2006. Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/jspui/bitstream/11465/388/1/POLIS\\_dialogo\\_nacional\\_para\\_uma\\_politica\\_publica\\_juventude.pdf](http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/jspui/bitstream/11465/388/1/POLIS_dialogo_nacional_para_uma_politica_publica_juventude.pdf). Acesso em: 13 abr. 2024.

SALGUEIRO, V. **A promoção da cultura de paz nas escolas** – a ótica das juventudes. Tese de doutorado, FAGED – Fortaleza, 2009.

SOARES, Ismar. Alfabetização e Educomunicação: o papel dos meios de comunicação e informação na educação de jovens e adultos ao longo da vida. Universidade de São Paulo, 2003. **Anais** do III Telecongresso Internacional de Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: <<https://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/89.pdf>> Acesso em: 25 jan. 2024.

\_\_\_\_\_. **Contra a violência: experiências sensoriais envolvendo luz e visão.** Educação para a mídia e Tecnologia Educacional de um ponto de vista Latino-americano. In: **A Criança e a Mídia**, São Paulo, Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Educomunicação: O conceito, o profissional, a aplicação.** São Paulo, SP. Editora Paulinas, 2011. Disponível em: <[https://statics-americanas.b2w.io/produtos/7415522/documentos/7415522\\_1.pdf](https://statics-americanas.b2w.io/produtos/7415522/documentos/7415522_1.pdf)> Acesso em: 21 jan. 2024.

\_\_\_\_\_. **O que é Educomunicação.** ABPEducom, 2015. Disponível em: <<https://abpeducom.org.br/educom/conceito/#:~:text=A%20Educomunica%C3%A7%C3%A>

3o%20%C3%A9%20entendida%20pela,dos%20recursos%20da%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20C%20suas >. Acesso em 30 jan. 2024.

\_\_\_\_\_. **Mas, afinal, o que é educomunicação?** São Paulo: Portal do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo – USP, 2014. Disponível em: <<https://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2024.

SOARES, Laiz. A porta ainda é estreita para a inserção dos jovens no mercado de trabalho.

**Exame.** Disponível em: <https://exame.com/bussola/a-porta-ainda-e-estreita-para-a-insercao-dos-jovens-no-mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 13 set. 2024.

SOUSA, M. A. **Propósito do Protagonismo:** Quais Discursos e Significados? Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, p. 151. 2011. Disponível em: <[https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2243/1/2011\\_DIS\\_MASOUSA.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2243/1/2011_DIS_MASOUSA.pdf)>. Acesso em: 14 abr. 2024.

SOUZA, C. Políticas Públicas: Uma Revisão da Literatura. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez 2006, p. 20-45. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/soc/a/6YsWyBWZSdFgfSqDVQhc4jm/?lang=pt>>. Acesso em 12 jan. 2024.

SOUZA, R. M. de. *O conceito de protagonismo juvenil*. In, ESPINDOLA, Brenda (org). **Protagonismo da juventude brasileira: teoria e memória**. São Paulo, 2009. Instituto ArteCidadania (IAC). Centro de Estudos e Memória da Juventude (CEMJ).

SPOSITO, M. P. **Trajetórias na constituição de políticas públicas de juventude no Brasil**. Políticas públicas: juventude em pauta. Tradução. São Paulo: Cortez/Ação Educativa/Fundação Friedrich Ebert, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/001340187>>. Acesso em: 12 abr. 2024.

SPOSITO, M. P.; CARRANO, P. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.24, p.16-39, set./dez. 2003., p.71.

## **APÊNDICES**

### **APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

#### **Termo de Consentimento Livre Esclarecido**

Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) da pesquisa: EDUCOMUNICAÇÃO E REDE CUCA: O PROGRAMA JUVLAB NA FORMAÇÃO DE JOVENS COMUNICADORES NO ANO DE 2022, realizada pela graduanda Nicole Stefani Dourado de Freitas, aluna regular de GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E PROPAGANDA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC), sendo orientada pela Professora Doutora Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Os objetivos desta pesquisa são explorar as repercussões do antes, durante e depois da participação na Agência Experimental de Comunicação - JuvLab, da Rede Cuca, na trajetória de jovens comunicadores na turma de 2022, ouvindo e relatando seu percurso pessoal, profissional e acadêmico, para assim identificar as possibilidades oferecidas aos bolsistas e as possíveis potencialidades para o seu desenvolvimento.

Este termo de consentimento é entregue em duas vias para sua assinatura, caso venha a concordar em participar da pesquisa, sendo destinada uma via para você e outra para a pesquisadora. O material utilizado para a coleta de dados será um composto de entrevistas com questões abertas (semi-estruturadas), sendo utilizado gravador de áudio para a entrevista. Se alguma destas questões gerarem desconforto ou constrangimento para você, você não será obrigado a respondê-las. Isso não o penaliza nem o impedirá de continuar participando da pesquisa. As entrevistas ocorrerão de forma remota e síncrona em horário previamente combinado com você que lhe seja mais apropriado. Depois das entrevistas, elas serão transcritas fielmente, levando em consideração as respostas dos entrevistados. Você terá liberdade de se recusar a participar da pesquisa a qualquer momento.

A sua participação na pesquisa será de fundamental importância, para que possam ser atingidos os objetivos do estudo, colaborando com a análise dos dados e publicação dos

mesmos posteriormente. Será garantido seu anonimato, ou seja, o seu nome não será revelado no decorrer da análise e na publicação do estudo. Não será cobrado nenhum valor para sua participação, assim como não haverá ressarcimento por contribuir com o estudo. Ao final da pesquisa também haverá um encontro na instituição, em um momento em que a pesquisadora apresentará os dados de sua pesquisa.

A pesquisadora encontra-se disponível para esclarecer qualquer dúvida durante e após a pesquisa, por meio dos contatos: Nicole Stefani Dourado de Freitas, telefone: (85) 99872-9603, e-mail: nicole.freitas@alu.ufc.br; e a Professora Dra. Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante pelo e-mail: andrea@virtual.ufc.br. Para informar qualquer questionamento durante sua participação no estudo, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal do Ceará, no endereço: Av. Cel. Nunes de Melo, 1127, Campus Rodolfo Teófilo, Bairro Rodolfo Teófilo - CEP 60430-270 - Fone (85) 3366-8344 - Fortaleza-CE. O Estudo obedece às normas nº 196 de 10 de outubro de 1996 do Conselho Nacional de Saúde - Ministério da Saúde e de acordo com a Declaração De Helsinki (1965) e as revisões de Tokyo (1975) e Venice (1983).

#### Compromissos Éticos:

Dentre as normas previstas na Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, destacamos o cumprimento de garantia de que você:

Terá contato, em qualquer etapa da pesquisa, com os profissionais responsáveis pelo estudo para o esclarecimento de quaisquer dúvidas que surgirem. Pesquisadora Nicole Stefani Dourado de Freitas (nicole.freitas@alu.ufc.br) e a Professora Orientadora Dra. Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante (andrea@virtual.ufc.br);

Neste estudo, todos os requisitos da Bioética serão rigorosamente cumpridos; Você poderá retirar seu consentimento a qualquer momento durante a pesquisa, sem que com isso ocorra penalidade de qualquer espécie;

Você está recebendo garantias de que não haverá divulgação de seu nome nem qualquer outra forma de informação que ponha em risco sua privacidade e seu anonimato;

Você poderá ter acesso a todas as informações colhidas pela pesquisadora e aos resultados do estudo, inclusive ler as transcrições gravadas de sua entrevista, tendo total oportunidade de refutar o transcrito, permitindo ou impedindo que seja publicado; O pesquisador utilizará as informações somente para esta pesquisa. Eu, Nicole Stefani Dourado de Freitas assumo o compromisso de cumprir os termos da Resolução nº



196/96 do Conselho Nacional De Saúde.

O abaixo-assinado, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ anos, RG nº \_\_\_\_\_ declara que é de livre e espontânea vontade que está participando como voluntário(a) da pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive oportunidade de fazer perguntas sobre o conteúdo do mesmo, como também sobre a pesquisa e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro ainda estar recebendo uma cópia deste Termo.

Fortaleza, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

_____	_____	_____
Nome do(a) Voluntário(a)	Data	Assinatura

_____	_____	_____
Nome do(a) Pesquisador(a)	Data	Assinatura

## **APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA EX-BOLSISTAS**

### **Quem é você?**

Nome Completo:

Edição (ano/semestre):

Entrevista realizada em:

Nome Fictício (Caso não queira a identidade revelada):

1. Como você conheceu o programa da JuvLab?
2. O que o motivou a entrar no JuvLab? O que você buscava?
3. Qual sua edição? Por quanto tempo esteve?
4. Quais eram os seus sonhos e objetivos ao entrar no JuvLab?
5. Profissionalmente falando, o que você fazia antes do programa?

6. O que você fazia na agência?
7. Teve algo que te marcou atuando na JuvLab? O que mais gostou de fazer?
8. Você desenvolveu alguma habilidade durante sua atuação dentro da agência? Qual?
9. Teve algum momento em que se sentiu “o protagonista” durante o programa?
10. A trajetória no JuvLab contribuiu para os seus sonhos e objetivos? De que forma?
11. Após o programa, algo mudou em sua vida pessoalmente e profissionalmente?
12. Hoje, você se sente protagonista de sua história?
13. Quais são os seus sonhos e objetivos agora, após passar pela agência?
14. Se a JuvLab fosse um programa pago, você teria participado?

## **APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA COORDENADOR E SUPERVISOR JUVLAB**

### **Breve histórico de vida:**

Nome Completo:

Formação:

Entrevista realizada em:

Nome Fictício (Caso não queira a identidade revelada):

1. Qual a sua vivência dentro da Rede Cuca? Foi egresso de algum programa?
2. Em que ano surgiu a Agência? Em qual temporada está?
3. O programa nasceu de alguma necessidade pontual? Como foi implantado?
4. Como a Rede Cuca define a Agência e suas propostas?
5. A quem se destina o programa?
6. Como é estruturado o programa? Como funciona? Desde a seleção até sua fase final?
7. Quantos jovens participam por temporada? Como acontece a distribuição de funções entre eles?
8. Quantas pessoas estão envolvidas na equipe? Quais suas funções dentro do programa?
9. Para você, a Agência atua dentro de uma metodologia educacional? Se sim, de que formas você consegue enxergar esses métodos cotidianamente na agência? (Citar exemplos)
10. Após o fim de uma temporada, quais os resultados considerados mais relevantes diante uma avaliação interna?

## **APÊNDICE D - ENTREVISTA APLICADA A EX-BOLSISTA DAVI OLIVEIRA**

### **1. Quem é você?**

- Meu nome é Davi Silva, sou estudante de publicidade e propaganda, tenho 23 anos quando eu vim para cá, né? Porque assim antes de eu morar em Fortaleza, eu morava na região metropolitana, né aqui próximo em Maracanaú. E aí a minha vinda para Fortaleza marcou mais, tipo assim, só se concretizou através do Cuca, porque até então eu iria morar sozinho, né? Eu e mais uma pessoa dividindo a casa e etc e no momento eu não tinha, é, renda né? uma renda de estágio, de trabalho e etc e aí com a concretização do Cuca. Quando sai o edital etc eu consegui me mudar para..., pera que eu já me mudei bem umas três vezes já só nesse período. Eu morei ali próximo ao Shopping Jóquei. E aí depois eu me mudei, né posteriormente ainda no período do Cuca para o João 23, quando terminou o Cuca finalizou né, A edição. Eu estou atualmente morando agora para banda do Manoel Sátiro.

### **2. Como você conheceu o projeto da JuvLab?**

- A Rede Cuca eu já acompanho há um bom tempo, sabe? Porque Maracanaú ainda não tem políticas públicas voltadas diretamente para os jovens, até tem algum incentivos aqui e acolá, mas não direcionado sabe?! E aí quando eu precisava fazer curso, seja natação, vôlei ou alguma capacitação técnica eu procurava sempre o Cuca, então o Cuca do Mondubim, que era o mais próximo da minha casa, né, quando eu morava no Maracanaú, era uma referência então eu sempre ficava aqui e acolá olhando para ver se tinha algum curso, alguma coisa que me interessava, que me brilhava os olhos, foi quando eu percebi que tinha esse edital rolando, né, da JUVLAB e eu me interessei bastante, só que até então eu tava meio assim, receoso se eu fazia ou não, aí com o incentivo de amigos, né também, aí eu falei não porque não fazer né? E aí foi assim que eu descobri que tinha a JuvLab e eu me inscrevi no edital.

### **3. O que o motivou a entrar no JuvLab? o que você buscava?**

- Além da questão da renda, o que brilhou os olhos foi a experiência, né, de agência, coisa que até então eu não tinha, tanto de agência, quanto de estágio, eu estava praticamente no sexto sétimo semestre quando eu me inscrevi para o edital e eu ainda não tinha passado por essa experiência. Eu falei “não, se eu for entrar para o mercado de trabalho, eu preciso ter uma experiência comprovada.” Eu acredito que a agência, né, experimental da Rede Cuca seria um bom pontapé. Foi a partir daí que eu falei “não, eu vou fazer, eu vou me inscrever e aí esse vai ser o meu start.”

**4. Qual a sua edição? por quanto tempo esteve?**

- Eu era da turma de 2022, ela foi até 2023.

**5. Quais eram os seus sonhos e objetivos ao entrar no JuvLab?**

- Bom, os meus sonhos primeiramente, né? Era conseguir fazer um bom trabalho porque eu tava muito, como eu te falei, inicial. Então eu tinha muitos receios, sabe, medo de não conseguir fazer um trabalho que me era passado, medo de não conseguir me integrar com pessoas diferentes, né? Porque não era só eu, eram muitos outros jovens e possivelmente estavam em situações paralelas à minha né?! então um dos meus sonhos. Era que eu não, que eu conseguisse na verdade, é, fazer tudo da forma como eu estava pensando. Aí sobre os objetivos, um dos meus objetivos era sair de lá com um estágio formal, sabe?! Estágio onde eu conseguisse sobreviver, né aqui em Fortaleza e também é aprender mais, né? Extrair tudo que eu pudesse extrair do programa.

**6. Profissionalmente falando o que que você fazia antes do projeto?**

- Eu já tinha feito alguns cursos de design, né? Cursos online que eram oferecidos, curso também no Cuca, fora e eu participava do Pet, né que é dentro da UFC, o Programa de Educação editorial, então nele, vamos dizer assim, uma minha agência, né? A gente tinha vários pilares e dentro desses Pilares a gente trabalhava com pesquisa, com educomunicação, com a parte de design social e ética e lá no pet, eu ficava mais com a parte do Design, né? Então todos os tipos de cards que precisavam para eventos, tipo a semana de comunicação de Publicidade ou então de jornalismo, eu era acionado, tinham outras pessoas, né? Além de mim também que ficavam responsáveis, mas no final a gente era uma uma equipe, né? A equipe de design que tava lá para sanar essas demandas. Mas enfim, a gente tava lá.

**7. O que você fazia na agência? Trabalhava em grupo? Sua criatividade era instigada?**

- Quando a gente entrou, eles perguntaram para a gente: ‘Ah, você quer qual área?’ Aí falaram: ‘Temos essa área, essa área e essa área’. A priori, como eu já tinha trabalhado muito no pet com a parte de design, eu falei eu quero social mídia, mas como é uma parte democrática, né da da distribuição, tinha gente que tinha mais afinidade com outras áreas, então para o design especificamente na JuvLab, não tinha tanta demanda, ou seja, acabou que eu tive ficar na parte de design mais por uma questão de não ter pessoas com experiência, então para o projeto poder andar, eles precisavam de alguém que já tivesse um pouco dessa experiência, e eu fui uma dessas pessoas. E aí, com relação às pessoas, em trabalhar em equipe, era bem tranquilo no

começo era aquele frio na barriga, você fica nervoso porque são outras pessoas, não sabe como é o dia a dia delas, não sabe como é a personalidade, então eu fiquei muito nervoso, sabe?!

**8. Teve algo que te marcou atuando na JuvLab? O que mais gostou de fazer?**

- Pronto, o que eu mais gostei de fazer foi trabalhar com as campanhas, sabe?! Porque apesar de ser uma agência experimental, a gente sabe, né, dentro da graduação, que é complicado você sair da área assim, mais teórica ali da faculdade e ingressar numa agência, né?! comercial e tais e já trabalhar com campanhas. Então já sabia que, na minha cabeça, a maioria das agências, parte das agências aqui do Ceará, eles não trabalhariam com campanhas assim como a gente trabalhou na JuvLab. Então pra mim isso foi tão legal, eu tinha companheiros, então eu dividia ideias, a gente se juntava, e pensava: ‘ah, vamos trabalhar esse tema, mas e aí o que que a gente vai fazer? vai ser uma campanha voltada para isso, pra isso e pra aquilo, aí nesse mês tem isso’, então era uma troca que eu achava muito precioso, coisa que, apesar de ter né? Esse contato hoje profissionalmente, estando trabalhando em uma agência, ter contato com times e tirar dúvidas, etc, não é o mesmo sentimento, sabe?! Lá era muito coração, era muito massa, sabe?!

**9. Você desenvolveu alguma habilidade durante sua atuação dentro da agência? Qual?**

- Eu já tinha aprendido muita coisa na faculdade, né, obviamente, mas o que mais me surpreendeu foi alguns desafios, sabe? Que dentro da campanha a gente tinha que estruturar as coisas muito bem amarradinha, né? Tudo bem alinhadas, porque não era só a JuvLab em si, né? Assim falo isso como agência é, por parte das redes, mas o programa em si, o programa Mais Futuros tinha outras, vamos dizer assim, outros segmentos, então tinha o pessoal do audiovisual, tinha o pessoal que cuidava da fotografia, então a gente tinha que alinhar a nossa campanha juntamente com eles e para a gente, né?! Especificamente para mim, isso era um desafio, porque você tinha que comunicar outros grupos de pessoas o objetivo da sua campanha, a gente tinha que explicar a necessidade daquela campanha, tinha que amarrar tudo certinho para que eles se integrassem, então tudo era feito em conjunto, não era só a gente, conjuntamente tinham outras pessoas externas. Então tinha que acionar o pessoal do Cuca Mondubim, o pessoal do Cuca Jangurussu, para fazer uma campanha integrada, então foi um dos desafios. Outros que eu encontrei foi mais com relação a técnica, sabe?! Porque na realidade a gente fez um projeto, né? Um projeto final igual como a gente faz aqui na faculdade, um TCC, um projeto final e aí vocês podem escolher um

produto. No nosso caso foi um produto, né?! A gente fez um álbum de figurinhas e o nosso desafio era fazer com que o álbum, ele fosse ilustrado. Foi um trabalho de ilustração com fotografia. Teve essa parte textual, né?! Porque a gente teve que reunir fatos históricos, fizemos um mapa e a gente tinha que analisar qual era a história daquele lugar para fazer a parte textual. E especificamente para mim, como estava na no design, foi a parte da ilustração e eu particularmente não sei desenhar, aí eu fiquei assim ‘Meu Deus, o que é que eu vou fazer? Eu não sei desenhar’. A minha dupla de design, né, que era a pessoa que estava que, que teve o intermédio entre nós dois, né, também não sabia, aí a gente ficou olhando assim um para o outro, ele olhou para mim e eu olhei para ele, aí ‘a gente vai ter que conseguir fazer isso de um jeito ou de outro’, aí eu ‘não, eu vou pegar toda essa experiência que eu tive agora, a da faculdade, vou juntar, vou olhar uns vídeos no YouTube, eu vou conseguir!’. Terminei as ilustrações assim, só assim me tremendo, porque eu não sabia se eles iam gostar, mas no final foi aprovado. Eu fiquei até um pouco emotivo na hora da apresentação falando: ‘gente, eu não sabia que eu sabia desenhar’.

**10. Teve algum momento em que se sentiu “o protagonista” durante o programa?**

- Pronto de protagonismo mesmo, eu diria que eu me sentia protagonista, quando eu fazia os design, sabe? Quando era uma coisa coletiva eu não tinha esse sentimento porque às vezes eu me colocava muito no lugar do outro, então me colocar nesse lugar de ter os holofotes para mim era tirar um pouco do brilhantismo dos meus colegas, sabe?! Então o trabalho em equipe para mim foi o que mais me chamou atenção. No quesito protagonismo, eu tive mais essa parte quando eu tive que apresentar o projeto final, né?! Porque foi definido né, na verdade foi perguntado o conjunto quem gostaria de apresentar e poucas pessoas se dispuseram a apresentar o projeto final, então eu e mais algumas pessoas nos colocamos à frente, né? Então para mim esse foi o meu momento de protagonismo, né? Porque eu tive que representar as outras pessoas, então tive que falar por outras pessoas sobre as experiências dela obviamente, né, consultada sentada, alinhando né, com essas pessoas, o que é que elas estavam sentindo ao fazer determinada coisa dentro da JuvLab. Foi um momento assim bastante tenso até, mas no final deu tudo certo.

**11. A trajetória no JuvLab contribuiu para os seus sonhos e objetivos? De que forma?**

- Com certeza, assim, absolutamente, porque o meu objetivo era pegar experiência, né, em determinadas áreas. E como eu te falei, um dos quesitos que eu queria era sair um

pouco do Design e consegui sair e fiz também Social Mídia lá dentro, trabalhei de tudo um pouco. Eh, fui pra evento, fiz cobertura, então assim, os meus objetivos eram trabalhar né, com social mídia e trabalhar posterior a JuvLab, e eu consegui os dois. Hoje eu trabalho como Social Mídia em uma agência, a ‘Engaja Comunicação’, então eu acredito que esse sonho né, de estar formalmente contratado assim no mercado e etc, foi atingido e graças a muita apoio, assim, da JuvLab que fez com que esses anseios que eu tinha antigamente de duvidar da minha própria capacidade, sabe? ‘Será que eu consigo?! Será que eu não consigo?!’ E aí através da JuvLab eu consegui realizar isso tudo.

#### **12. Após o projeto, algo mudou em sua vida pessoalmente e profissionalmente?**

- Pronto, pessoalmente foi com esses anseios, teve uma fala até da nossa coordenadora, né? A Branca que me marcou muito sabe, no final ela teve um momento com a gente e conversou e uma das coisas que ela falou foi ‘gente, não duvidem de vocês, vocês estão extremamente capacitados para o mercado o mercado precisa de pessoas como vocês’, então assim, depois de passar por tudo que a gente passou ali, de aprendizado, né, de dificuldade também, porque a gente encontra ao longo do caminho, eu consegui né, realizar esse sonho de estar trabalhando numa agência, no que eu tava querendo trabalhar que era social mídia e isso tudo foi muito bom, porque como eu falei, né?! Um dos empecilhos para mim e o pontapé também da JuvLab foi a questão financeira, então o que eu faria após a bolsa, o término da bolsa, eu ainda precisaria do dinheiro, então assim, terminou a JuvLab e eu já engatei nesse trabalho, então para mim foi uma realização sabe?!

#### **13. E hoje, você se sente protagonista da sua história?**

- Sinto, com certeza. Foi assim um vira chaves mesmo assim, na minha vida, essa questão, porque me deu a autoconfiança que eu precisava. Hoje eu trabalho mais confiante, sabe?! Eu não fico perguntando tantas coisas, obviamente que a gente tem que perguntar porque eu ainda trabalho enquanto estagiário, né?! Então tudo ali tem que ter uma confirmação, mas eu já trabalho assim, sabendo que eu tenho que fazer, sabendo que eu consigo fazer, sabendo que eu vou entregar e essa entrega vai ser de qualidade.

#### **14. Quais são os seus sonhos e objetivos agora, após passar pela agência?**

- Pronto, depois de eu ter saído, eu sonho foi esse mesmo, assim de fato de me realizar, mas os meus sonhos futuros, é, pós, tudo isso e de ter essa bagagem, né de ter a JuvLab como experiência, trabalhar de fato na área, a longo ou médio prazo, não sei, acho que é a curto médio prazo. Eu ainda quero trabalhar na agência, né?! E a agência

e pegar um pouco mais dessa experiência, porque eu acredito que eu ainda tenho muito a aprender e posteriormente quem sabe, trabalhar em uma área que mescla, né, um pouco dos dois, tanto o design, quanto a parte de mídias.

**15. Se a JuvLab fosse um projeto pago, você teria participado?**

- Olha, como um dos fatores era a questão econômica e também tinha a questão do deslocamento, porque eu ainda morava, a priori, no Maracanaú, demorava bastante tempo, porque assim a JuvLab, a nossa parte de design, redes, etc, era no José Walter ou seja, deslocamento era um pouco maior, sabe, não foi só a questão do dinheiro e tal, mas foi também a questão da do deslocamento. Então se fosse pago, eu acredito que eu cogitaria um pouco a não fazer, mas a depender de como fosse eu acho que também do incentivo dos meus colegas, eu acredito que sim, eu poderia fazer, mas a priori esses dois motivos assim, eu acho que não faria.

**16. O que é ser jovem para você?**

- Eu me lembro muito bem quando eu fiz a campanha e perguntaram, a gente fez essa mesma pergunta, sabe?! para as pessoas também, foi a nossa primeira campanha, aí teve essa pergunta, eu fiquei assim refletindo desde então, né, “o que é ser jovem?”, porque nós mesmos fizemos essa pergunta e eu sempre travava um pouco e até agora estou travando, mas para mim ser jovem é poder, né, vivenciar tudo, tudo o que você quiser, poder se integrar a pessoas, a comunicar coisas e principalmente a realizar os seus sonhos. Então ser jovem para mim é ser um mix de possibilidades.

**APÊNDICE E - ENTREVISTA APLICADA A EX-BOLSISTA ANNA GARCIA**

**1. Quem é você?**

- Eu me chamo Anna Rafaely, né? Todo mundo me chama de Rafa. Eu tenho 24 anos. Agora eu faço faculdade com a área que não tem nada a ver, em relação à questão que a gente vai falar agora, né? Eu faço uma engenharia de pesca na UFC. E eu moro ali pelas bandas do Quintino Cunha.

**2. Como você conheceu o projeto da JuvLab?**

- A JuvLab, ela foi mais pelo Cuca em si, eu já fazia alguns cursos relacionados a área da comunicação. E aí eu acabei que sabendo do projeto, no caso do Futuros, né? E aí eu comecei a pesquisar mais com os meus professores. Eles foram me dando dicas de como entrar e aí por um, como é que fala meu Deus! por pouquíssimo, né?! Porque eu tinha pouquíssimo cursos da área da comunicação e eu pensei que eu não ia conseguir



entrar, mas aí eu conversando com eles eu meio que consegui ter acesso a todo o processo do Futuros, e aí eu entrei na Lab e foi tudo.

**3. O que o motivou a entrar no JuvLab? O que você buscava?**

- Como era um curso que eu tava fazendo no Cuca era de fotografia, e aí tinha muita ligação com a agência, né? Tipo, era tudo relacionado à comunicação, não era jornalismo, era tudo ao mesmo tempo e aí isso me chamava muita atenção, porque é uma área que eu queria investir e era minha área, né?! Era minha área. E aí quando eu vi que tinha várias possibilidades de eu me desenvolver como profissional também, mesmo “brincando” de trabalhar lá, porque, enfim, tinha toda a bolsa, né, te incentivar a estudar mais e eu tava procurando estudar mesmo, eu tava fazendo o curso. É isso aí, tudo junto, foi o que me incentivou mais.

**4. Qual a sua edição? por quanto tempo esteve?**

- Eu sou de 2022, a segunda edição eu acho, fiquei por 10 meses.

**5. Quais eram os seus sonhos e objetivos ao entrar no JuvLab?**

- Antes do Futuros, eu tava muito na vibe da fotografia, né?! E eu tava ainda tentando entrar na faculdade também e tudo relacionado a isso, só que não deu certo o meu, é, entrar na área que eu queria, mas antes eu queria muito me desenvolver na ciência, não tem muito a ver, né?! Essa área relacionada ao ambiental, eu tava muito focada em ser voluntária nessas coisas e tudo mais, e tudo linkando com a fotografia também. E aí esse era o meu meu plano, de me desenvolver na fotografia para tentar voluntariar em algum negócio relacionado ao meio ambiente, nada a ver, assim (risos).

**6. Profissionalmente falando, o que você fazia antes do projeto?**

- Antes do projeto, outra coisa nada a ver também, eu tava numa área, como é que fala meu Deus... eu costurava aí eu só tava nessa e focando ali em ir para alguma das áreas que eu queria.

**7. O que você fazia na agência? Trabalhava em grupo? Sua criatividade era instigada?**

- Eu era fotógrafa na agência, tinha essa área específica que não era tão trabalhada, então meio que eu fazia o meu trabalho específico, relacionado a coisa de agência, mas eu também ajudava em outras áreas com os outros colegas, né, tipo fazer roteiro de alguma coisa ou então dar ideia da minha área, da fotografia para os meninos de design mexer, eu fazia alguns offs com eles, né, relacionado à questão mais jornalística, do repórter Cuca, eu passei por tudo, então não era uma coisa tão fixa pra mim.

**8. Teve algo que te marcou atuando na JuvLab? O que mais gostou de fazer?**

- Eu acho que sim, eu acho que a coordenação em si, tipo, foi um suporte muito grande para mim, porque quando eu cheguei lá, eu ainda tava muito insegura com a questão da comunicação, né?! Eu tava entrando numa fotografia, eu já tinha uma base, mas eu me sentia muito insegura para mostrar o meu trabalho e a coordenação, a galera que tava trabalhando lá - que ainda tá, eu acho, hoje em dia - me deram muito suporte, muito mesmo. Tipo, me deram coragem para eu conseguir desenvolver meu trabalho, fizeram eu acreditar no meu próprio trabalho, coisas que eu não via, eles me davam um suporte muito grande, que eu não tinha em casa, eu não tinha como a minha família com alguns amigos e assim, isso fez eu me desenvolver muito dentro da Agência e ainda não foi tudo, né?! O meu potencial, ele era pequeno, mas ele se elevou ao nível grande, além de eu ter saído com inseguranças ainda, mas foi algo que eu vejo que fez um diferencial muito grande para mim fora, né, depois quando eu saí. Essa questão do apoio deles mesmo, foi um suporte muito grande, em relação a questão da fotografia também, eu nunca tinha trabalhado profissionalmente mesmo, né?! Lá na agência era uma coisa experimental, mas era algo que você literalmente tava experimentando, você tava sendo profissional, mas não tinha o peso de ser profissional, entendeu?! “Ah, faz esse trabalho aqui, mas sem pressa, faça do teu jeito, da forma que tu quer”, me deu muitas possibilidades de ser criativa dentro do meu próprio momento.

**9. Você desenvolveu alguma habilidade durante sua atuação dentro da agência? Qual?**

- Eu já tinha essa questão de comunicação bem, como é que fala?! relevante! Eu sou uma, eu considero né, uma pessoa extrovertida, que meu lado extrovertido é mais aflorado do que introvertido, mas, essa questão de falar foi o que eu desenvolvi mais, nas redes sociais, entendeu?! de falar com a galera, quando eu tava sendo repórter, eu desenvolvi esse negócio de tá falando com outra pessoa, tendo contato, sabendo como lidar com a situação no ao vivo, quando tinha algumas coisas assim para gravar. Enfim, eu acho que essa questão de eu me comunicar com as pessoas, mais ativamente nas redes, eu acho que foi uma habilidade.

**10. Teve algum momento em que se sentiu “o protagonista” durante o programa?**

- Em algumas alguns fatores sim, porque todo mundo fica comentando a questão deles me colocarem muito nas redes né?! Tudo o que eles gravaram, eu tava lá, “vamo fazer um reels! Não, vamos chamar a Rafa pra ser a pessoa que vai se desenvolver”, teve meus outros colegas, mas assim, não sei, eu tava lá em algum momento, fazendo

alguma coisa, mostrando a minha cara E aí eu acho que foi por isso também que eu desenvolvi, mais eu essa parte, né? Eu sempre tava com a cara em algum lugar, entendeu? No YouTube no, sei lá meu Deus, no Reels, em algum lugar, eu tô lá.

**11. A trajetória no JuvLab contribuiu para os seus sonhos e objetivos? De que forma?**

- Contribuiu bastante, como eu falei: o suporte que eles me deram era algo que eu precisava pra conseguir desenvolver dentro de mim a minha profissão, né?! Tipo, o que eu queria, eu tava insegura com meu sonho e aí quando eu entrei na agência isso se firmou e eu consegui enxergar que era isso que eu queria, tanto que depois foi se desenvolvendo trabalhos... como é que fala meu Deus! Sem estar ligada a empresas, né?! Isso me deixou com mais segurança pra me desenvolver, para tentar algumas coisas relacionadas à área. O suporte deles foi essencial para mim, desenvolveu bastante e eu acho que eu levo para qualquer outra coisa, tipo, os comentários que eles deram, feedback que eles deram também.

**12. Após o projeto, algo mudou em sua vida pessoalmente e profissionalmente?**

- Pessoalmente eu acho que essa questão de comunicação é tudo muito ligado, eu consegui desenvolver essa minha parte de insegurança, né?! Como eu falei já, então profissional também, mas eu levei também pro pessoal. Profissionalmente sim, porque eu falei da questão do freelancer, né?! Depois que eu saí da agência, eu comecei a trabalhar com um dos meninos também da agência, né?! Ele é videoMaker. E aí meio que eu consegui me inserir no trabalho, no meio né, da área em si, aprendendo muita coisa que eu não desenvolvi ainda tanto na agência, porque era uma coisa, sei lá, o financeiro mexer com banco que não sei, o audiovisual, quem não sabe. Depois da agência também entrei num curso da Vila das Artes, então, tipo, é um dos cursos mais almejados para a área, né?! Isso com todo o intuito de se desenvolver mais em áreas que eu não consegui especificar na agência, mas que eram coisas que eu queria e isso foi o pontapé, eu trabalhei lá e só me deu mais desejo de se desenvolver na área, buscando as coisas aí em Fortaleza, entendeu?! Curso. Eu tentei me desenvolver com cursos né, em algumas áreas, fiz alguns trabalhos e é isso, eu vou tentando aí se inserir.

**13. E hoje, você se sente protagonista da sua história?**

- Sim, sim, eu consigo visualizar bastante os meus objetivos querendo ou não, ainda com questões ainda de insegurança com a relação do trabalho, né?! Porque eu também nesse momento, tô fazendo uma coisa nada a ver com o que eu queria, então meio que eu dei uma pausa no que eu realmente quero, mas sempre com um pezinho lá, como

eu falei, eu tô fazendo, tava fazendo um curso lá no Vila da Artes, então eu tô fazendo uma coisa aqui, mas eu tô com o pé lá e isso eu vejo, né?! O protagonismo de eu tentar se inserir de alguma forma, se desenvolver, “Eu tô fazendo outras coisas, mas eu tenho isso aqui como foco, é isso que eu quero, é o passo que eu quero dar, então eu me vejo sim.

**14. Se fosse um projeto pago, você teria feito?**

- Acredito que sim

**15. O que é ser jovem para você?**

- Eu acho que você poder ter mil e uma possibilidades de, se você é uma pessoa que consegue fazer isso, né, que consegue ser mil, diversas possibilidades de você conseguir experimentar, se tipo, você consegue atravessar seu medo e conseguir experimentar coisas novas, não ter medo de se jogar.

**APÊNDICE F - ENTREVISTA APLICADA A EX-BOLSISTA CARLA ARAUJO**

**1. Quem é você?**

- Meu nome é Carla Monique, eu tenho 21 anos, eu sou fotógrafa, mas eu também sou estudante pedagogia na UECE. Eu moro aqui na Messejana, no Guajiru e eu acho que é basicamente isso.

**2. Como você conheceu o projeto da JuvLab?**

- Pronto, eu já fazia parte do Cuca, eu já estava integrada lá no curso, e aí quando eu vi o edital, eu me inscrevi. E aí eu lembro que na época, eu até pedi uma carta de recomendação para o meu professor do curso de fotografia, ele fez, e aí foi basicamente isso.

**3. O que o motivou a entrar no juvlab? o que você buscava?**

- Na época, eu ainda tava bem... eu já tinha muita experiência com fotografia, mas eu queria ter mais experiência, e aí eu vi uma oportunidade de aprender com pessoas novas, né?! Porque era como se fosse uma agência de comunicação, então ‘ah, vou tentar’, na época eu fiquei bem em dúvida entre JuvLab e JuvTV e eu sou bem do tipo de pessoa que gosta de participar de projetos, então eu fui ‘ah, eu vou ter uma experiência, eu vou aprender muito e é isso’, foi basicamente isso e o fato de ter bolsa, de ajudar também foi um motivo também.

**4. Qual a sua edição? por quanto tempo esteve?**

- Eu era da turma de 2022 até 2023.

**5. Quais eram os seus sonhos e objetivos ao entrar no JuvLab?**

- Eu acho que eu não tinha um objetivo tão claro, mas eu queria muito vivenciar a experiência como um todo, sabe?! de ter mais experiência, eu sentia que eu sairia de lá mais preparada para o mercado de trabalho, eu acho que era tipo isso, eu buscava essa preparação que só o curso não traz, entendeu? Porque lá eu teria prática, tipo isso.

**6. Profissionalmente falando o que que você fazia antes do projeto?**

- Eu fazia ensaios fotográficos, ainda faço né?!

**7. O que você fazia na agência? Trabalhava em grupo? Sua criatividade era instigada?**

- Eu fiquei como fotógrafa, eu e mais uma pessoa, mas eu também participei de roteiros de vídeo, produção de vídeo, direção de vídeo e na campanha como um todo, né?! Porque todo mundo participa de um pouco de tudo, foi uma experiência assim bem legal, experimentar um pouco de tudo, até coisas assim, que às vezes eu nem imaginava que ia tá, eu estava até no em frente das câmeras, que eu não gostava muito, mas eu tive essa experiência também, como parte lá de repórter, né?! Tipo isso, foi muito legal.

**8. Teve algo que te marcou atuando na JuvLab? O que mais gostou de fazer?**

- Teve, eu acho que as coisas que eu mais gostava, era quando a gente tinha campanha e que tinham ensaios para as campanhas, não era toda a campanha que tinha, né?! Mas teve um específico que eu adoro muito, porque até hoje eu utilizo como meu portfólio, que é ‘Melanina Viva’, que foi na consciência negra, né?! Esse tipo de coisa e a gente utilizou a referência de brasilidade, que na época tava em alta, e também sobre a campanha de ‘Inclusive Eu’, que era uma campanha para pessoas PCD’s, então foi muito legal, foi muito legal pensar no ensaio, fazer o ensaio, também em relação às pessoas que a gente foi conhecendo, as histórias, principalmente focado no ‘Inclusive Eu’, que eram pessoas que talvez eu nem tinha tanto acesso, e aí ter esse acesso, ter fotos assim, ficaram muito bonitas, na minha concepção, foi uma experiência muito bacana.

**9. Você desenvolveu alguma habilidade durante sua atuação dentro da agência? Qual?**

- Quando eu fui lá eu já sabia muita coisa, né? Mas o que aprendi mais foi em relação, talvez a ter mais confiança. E aí quando foi que os portfólio também e foi foram trabalhos que eu gostei muito automaticamente, eu também me sentia mais confiante ou quando as pessoas confiavam os projetos em mim eu ficava “caramba, então realmente posso fazer isso, posso fazer outras coisas e também eu acho que eu

aprendi um pouco a sair só do ensaio fotográfico comercial. Comecei a enxergar um novo mundo, né, desses ensaios de campanha, esse tipo de coisa.

**10. Teve algum momento em que se sentiu “a protagonista” durante o programa?**

- Eu acho que foram mais nessas duas campanhas que eram as duas fotografias da agência e a gente tava como protagonista, né? A gente decidia tudo, digamos assim, a gente definia como ia ser o cenário, como a gente ia fazer, e eu acho que assim essas duas campanhas foram, por isso que eu gosto tanto, na verdade, eu acho que é por causa disso.

**11. A trajetória no JuvLab contribuiu para os seus sonhos e objetivos? De que forma?**

- Contribuiu como eu falei, né? Eu acho que eu ganhei mais confiança durante o processo, então querendo ou não, confiança é algo que precisa no mercado de trabalho, eu já tinha, mas já tinha pouco e aí tinha essa experiência, né, ajudou bastante. Sem contar que o networking que a gente tinha é muito bacana. Então até hoje eu posso contar com vários colegas que eu conheci lá, amigos mesmo que eu fiz e é muito legal isso, quando a gente tem uma edital, a gente se envia e querendo ou não, isso colabora muito no meio artístico que a gente vive, né?! no mundo da comunicação como um todo.

**12. Após o projeto, algo mudou em sua vida pessoalmente e profissionalmente?**

- Eu não sei dizer, pra falar a verdade, eu não consigo pensar em nada em específico. Eu acho que essa parte aí de trabalhar em equipe, eu acho que eu aprendi bem mais, né?! Porque até então eu só tinha experiência sendo fotógrafa autônoma, então era tudo eu com o cliente, né, mas não era eu e outra equipe, a gente não pensava junto várias pessoas, não! E aí eu acho que quando eu tivesse experiência, era eu, era a Rafa, era os demais pessoal que tava na campanha. Então eu acho que me ajudou muito nesse processo de realmente trabalhar em equipe. Como eu falei também a questão do networking, então, eu acho, a gente vai conhecendo pessoas, por exemplo, eu era fotógrafa, tinha um videomaker, então eu atualmente indico o trabalho de videomaker pro pessoal, indico o designers, indico coisas que não são na minha área e ao mesmo tempo essas pessoas também me indicam, estão querendo ou não cria assim uma oportunidade muito grande entre a gente mesmo sabe?!

**13. Se a JuvLab fosse um projeto pago, você teria participado?**

- Acredito que... Não sei, talvez.

**14. O que é ser jovem pra você?**

- Nossa, a gente fez uma campanha, eu não lembro qual foi a minha resposta na época (risos). Eu acho que ser jovem é viver experiências, sejam elas quais forem, é tentar errar e aprender com os erros. É isso é viver, sabe?!

## **APÊNDICE G - ENTREVISTA APLICADA A EX-BOLSISTA ANA DA COSTA**

### **1. Quem é você?**

- Meu nome é Karine Sue, mas todo mundo me chama de Sue, eu tenho 27 anos, eu moro no Messejana, mais especificamente no Conjunto São Bernardo e atualmente eu tô trabalhando com edição de vídeo no CREA do Ceará. Basicamente isso.

### **2. Como você conheceu o projeto da JuvLab?**

- Na época da pandemia, né, eu fui passar uns dois meses na casa da minha amiga ali no Jangurussu, e aí, eu nunca tinha feito curso no Cuca, né? Porque antigamente faziam as inscrições presenciais e aí começou a ter essas inscrições online, né?! Daí eu consegui fazer minhas inscrições no curso e comecei a fazer um curso na área de fotografia e audiovisual, aí eu fiz tanto no Jangurussu, quanto no Mondubim, aí no Mondubim, eu tava em uma aula, aí tinha um cartaz e aí tinha sobre o JD (Juventude Digital), né? E aí quando abriu inscrições, eu já me inscrevi, e aí logo depois que eu terminei o curso, aí já abriram inscrições para o futuros e aí eu já tava olhando mais as coisas da Rede Cuca e tudo mais, e aí eu fui lá e me inscrevi, porque eu disse assim “Ah, agora eu tenho um portfólio pra eu conseguir me inscrever”, né?! Porque a gente tem que mandar portfólio e aí eu fui e me inscrevi, né?! Nisso, eu já tinha voltado pra casa, tava aqui de novo. E aí eu lembro que eu me inscrevi foi, foi pra entrevista, né, e tudo mais e aí depois passou tudo.

### **3. O que te motivou a entrar na JuvLab?**

- Tá, sendo bem sincera, eu me interessei muito pela questão da JuvLab por causa que ele... Eu tava em dúvida na JuvTV e a JuvLab, né, só que a JuvLab ele tinha a questão de ser uma agência, né, e aí eu poderia trabalhar tanta a área de design que eu já tinha, como eu poderia também entrar na questão da comunicação no audiovisual, já na JuvTV é, tinha a questão do, mais de vídeo, de edição e tudo mais e tals e aí e também por conta dos Cucas, né, por causa que a JuvTV é lá no Mondubim, e aí eu tipo assim, eu vou botar como segunda opção e tal vou fazer vou vou lá por causa que eu acho que eu vou poder trabalhar umas coisas que eu tenho. Porque até então eu nunca tinha feito, é... coisas de vídeo, né, tipo eu tinha edição de vídeo e tal, mas eu não tinha tido aula, né, de fato tal e aí eu disse assim, eu posso entrar nesse mundo também.

#### **4. Qual a sua edição? por quanto tempo esteve?**

- 2022. Eu fiquei 10 meses, foi de junho até abril, eu acho.

#### **5. Quais eram os seus sonhos e objetivos ao entrar no JuvLab?**

- Na verdade, eu acho que quando eu entrei eu não tinha muita perspectiva não. Eu tava muito assim. Outra coisa também, que a monitoria ela dá bolsa, né?! E aí eu fui também muito pensando sobre isso, por causa tipo assim, “Ah, eu não tô trabalhando e aí é uma renda extra ali que vai entrar para mim, além de já tá estudando alguma coisa que me interessa, né? Então acho que foi duas coisas que bateu forte. Daí eu acho que no início quando eu tava no no, começando na agência lá, né?! Eu tava muito mais sobre tipo ganhar dinheiro, né?! Ter uma rendinha ali e tal, mas aí depois quando teve a primeira reunião, porque assim, tem as reuniões gerais né, com todo mundo e aí todo mundo foi decidindo as coisas que ia fazer e aí a gente tava muito assim: “nossa, a gente não vai fazer nada, a gente vai ficar sentado fazendo nada, como é que pode um negócio desse?”, por causa que a gente tava vendo, “ah, o pessoal da JuvTV vai fazer filme para o programa que não sei o quê, não sei o quê”, aí o pessoal que era do repórter Cuca vai tá lá entrevistando o pessoal e a JuvLab? vai fazer o que? E aí eu sei que teve a primeira reunião nossa, aí a nossa coordenadora Bianca falou assim: “ó, vocês vão ser os que mais trabalham na questão da monitoria” (risos), porque os nossos conteúdos eram mensais, a gente cria campanha mensalmente e tem que criar conteúdo tanto de reportagem, tanto de podcast, tanto de design, tanto de vídeo e edição e tudo mais, e aí a gente ficou assim: “Ah, como assim meu Deus e aí, eu lembro logo na primeira reunião, eu tava escalada para ser design, né?! Por causa que o meu portfólio todo era em design e aí eu disse assim: “Bianca, eu gosto muito do Design, eu tenho muito eh, muito muito material nisso e eu acho que eu queria me aventurar mais na área de audiovisual aqui dentro da agência a questão da criação de vídeo a edição e tudo mais, porque isso é o que eu queria estar aprendendo aqui” e aí ela disse... Tinham outras pessoas que entraram exatamente para a questão de vídeo, né?! E aí eu disse: “Se tiver vaga, eu gostaria de fazer, mas se não tiver tudo bem, eu vou, eu vou me empenhar na questão do design também e tal, né?! Aí, eu sei que ela aceitou e aí meio que isso virou meu objetivo, né?! Tentar aprender o máximo a questão de outra linguagem, né?! Além da questão de vídeo, edição e tudo mais, e acabou que eu mesma fiz muita coisa além do audiovisual, também me aventurei na questão do design, me aventurei aí na questão de apresentação, de produção, enfim, eu fiz um pouco de tudo (risos).

#### **6. Profissionalmente falando o que que você fazia antes do projeto?**



- Bom, eu trabalhava numa pizzaria em 2018, aí eu trabalhava lá, só que eu queria fazer faculdade, queria fazer um curso e tal e trabalhando lá eu pegava muito do meu tempo, por causa que eu entrava de quatro da tarde e lá terminava tipo doze, mas eu sempre saia mais ou menos uma hora, aí tomava muito do meu tempo que eu ficava muito cansado, aí eu pedi demissão, e aí eu fui comprar um aprendiz, né, Jovem Aprendiz, e aí por causa que era meio período e aí eu teria mais tempo de poder estudar e tudo mais e atrelar isso na faculdade. Aí é, eu lembro que eu até já fazia faculdade, mas só que eu tranquei na época que eu tava trabalhando na pizzaria. Ai eu entrei para fazer Gestão de Turismo, aí eu não curti, não foi minha cara, aí eu fui tranquei, aí foi bem na época que eu tava trabalhando também, aí depois que eu pedi demissão, aí eu comecei eu vi mudança de curso dava para mim fazer ambiental, e aí eu gostava né e tal, puxei aquele aquela ideia, aí eu comecei a fazer e logo em seguida, eu consegui um emprego jovem aprendiz. Aí eu passei em 2019, até o final de 2020, fazendo Aprendiz e fazendo minha faculdade, né?! Aí quando chegou em 20 terminou o coisa de Aprendiz, e aí eu ia tentar outro emprego, né? Tentar outra coisa, mais efetivo e tal, só que aí veio a pandemia, eu não consegui, não consegui trampo, não consegui fazer as coisas e tal. E aí eu ficava muito, tipo... Nisso, em 2018 até 2020, eu fiz um curso na AGRACO, né?! A AGRACOM aqui do de Fortaleza, que era, já era uma coisa que eu gostava muito, era questão de edição de vídeos, photoshop e tudo mais né? E aí eu tinha essa vontade de fazer esse curso desde a época da escola, só que eu nunca tive condições de pagar, quando eu tava trabalhando, aí eu comecei a fazer esse curso. Me decepcionei com o curso, por causa que eu queria me aprofundar muito mais nos conteúdos de tipo... História da Arte, conceito de design, não sei o quê, não sei o quê, e lá era muito mais sobre a ferramenta, aprender a usar a ferramenta e tudo mais e aí eu fiquei muito chateada com isso, tanto é que foi por isso que eu fui tentar fazer o JD, né?! Por causa que eu tava procurando muito mais esse conteúdo mais “teórico”.

**7. O que você fazia na agência? Trabalhava em grupo? Sua criatividade era instigada?**

- Sim, lá na Agência, por isso que eu gostava muito, é por causa que a gente era muito colaborativo, né? E eu, dentro da agência é a mesma coisa que, eu percebi lá dentro, né?! Porque eu não me entendia como uma pessoa, como, como uma comunicadora, né?! Eu tava entrando naquele mundo agora e aí dentro da Agência eu consegui me ver dessa forma como uma comunicadora e tudo mais. E, outra coisa que me instigou muito dentro agência, foi a questão de liderança, né, que era uma coisa que eu sempre

botava muito de “ah, não quero ficar líder de nada, nem de escola, nem de sala”, eu sempre fugia dessas coisas, só que dentro da Agência eu me sentia muito confortável com isso, né? Eu eu me dava bem com a, com a maioria das pessoas da, da, da, da, do, do coisa, né do da equipe e tudo mais e então eu me sentia muito confortável e a gente tinha muita reunião, isso é uma coisa que eu adorava, que a gente todo é começo de mês ou então no final do do do do do mês a gente sentava e eu conversava sobre as pautas e ia ver qual eram os assuntos que a gente ia querer falar é e e e que tipo de material a gente ia querer entregar, se a gente vai entregar quantos vídeos, se a gente ia ter stories, se a gente ia ter post e tal, então a gente sentava e alinhava tudo isso, daí é, por eu ter uma comunicação muito próxima com a, com todo mundo da equipe eu ficava, eu comecei a ter muito essa coisa de tipo, “tá gente, vamos sentar vamos fazer isso, aí depois, tá, como é que tá o pessoal do design, como é que tá num sei o que e tal, a menina da social mídia, como é que tá, mas como é que tá fazendo?”, e aí eu me colocava muito nesse papel, não tinha, é... Porque assim, a gente era uma equipe, a gente era nossa coordenadora e o assistente de lá também, né? E aí eles estavam lá colaborando com a gente, só que a gente fechava muito muito entre a gente e depois passava para ela, né? Não tinha uma pessoa líder que ia ter que passar as coisas para ela, tinha uma equipe lá do criativo que era a Naara, a Bia e a May, né? E aí até lá na época que fizeram isso, deve ter sido lá no início da agência, a gente falou “ué, mas a gente não vai dar idéia, não?” (risos), mas acabou que todo mundo dava suas ideias, era muito colaborativo e tudo mais. E essa questão de liderança se deu muito por causa de assim, a gente era dividido em equipes de funções, tinha o pessoal do audiovisual, o pessoal da do Design, o pessoal da produção, social mídia e o criativo e repórter também. E aí dentro da minha equipe de audiovisual era eu, o Iago e o Vitor, e aí ele era muito mais audiovisual, o Vitor era muito mais edição, o Iago ele era muito mais de de captação e eu tava tentando entrar na edição também, só que eles não tinham experiência de de criação de conteúdo, né?! E aí tem, é, a gente lá junto é, eu mesmo que eu me coloquei nessa situação e aí eu botava tudo no papelzinho e desenhava. E aí isso me faz é, eu estando como “liderança” entre aspas, né? Liderando a nossa equipe ali pelo audiovisual, acabou que eu fui migrando isso também para dentro da agência como um todo, né? E eu me colocava muito nessa situação. Eu acho que todo mundo meio que se colocava desse jeito também, mas eu era, eu me metia muito mais por essas pessoas.

**8. Teve algo que te marcou atuando na JuvLab? O que mais gostou de fazer?**

- Ah, logo no início da Agência que a gente ia começar a criar conteúdo, a menina, que ela nem continuou na Agência, que ela saiu logo, ela era do Repórter, aí ela deu a ideia de fazer uns documentários, e aí isso era só com um mês, a gente ia fazer quatro documentários de alunos da Rede Cuca falando como era a juventude e como se trabalhar dentro dos esportes e tudo mais, só que aí todo mundo era, era o primeiro mês, ninguém tinha experiência com nada e tal e aí atrasou tudo (risos) e aí a gente conseguiu entregar um vídeo na campanha, que era até a campanha Ser Jovem e o nome do documentário era Juventude Em cena, só que no mês seguinte ia sair um vídeo de um menino que ele era da animação, só que era o mês de agosto que ia Ter um evento geek no Cuca, aí o coordenador geral dos Cucas, o João foi e disse assim “ah, eu acho que a gente poderia lançar o Juventude Em Cena todos os meses, fazer um videozinho sobre os alunos e tal todo mês”, e aí isso meio que virou um projeto nosso do audiovisual da Agência, todo mês a gente entrevistava uma pessoa linkado a cada campanha que a gente tava fazendo, então isso virou um projeto dentro da monitoria. E aí, eu acho que o Juventude Em Cena foi o projeto ali, que eu me empenhei e me esforcei pra fazer tudo direitinho.

**9. A trajetória no JuvLab contribuiu para os seus sonhos e objetivos? De que forma?**

- Eu acho que sim, porque assim, eu já editava de forma muito amadora, né? Antes de entrar na monitoria foi lá que eu tive mais experiência de ir além de tipo, ah vou só editar um vídeo, na verdade a gente tinha todo um projeto de Ah, o que vídeo que a gente quer fazer, o que é que a gente quer passar com isso então tinha toda a produção a pré-produção e tals, né? E aí foi lá que eu aprendi todo esse rolê. Eu também fiz muitas conexões, que isso é muito importante, né? Conexões tanto com o pessoal daqui de cada Cuca, né? E tanto quanto com os profissionais do Cuca, né? E aí foi lá também que que, foi através deles, né, que eu consegui questões de linkagem para um trabalho que eu tô hoje, né? Então foi lá que “ah vou indicar essas pessoas aqui da Rede Cuca, que fizeram monitoria aqui” e aí eu fazia a entrevista e tô trabalhando dentro dessa área, né? Que eu poderia não estar, poderia ter feito só a monitoria e não trabalhando nisso, muito impossível, porque eu acho que foi uma coisa que eu gostei muito. Eu acho assim, ah, eu quero fazer isso aqui e aí eu consegui esse emprego e aí eu tô fazendo trabalhando nessa área, né? Nessa parte de edição de vídeo, e o que é mais interessante é que foi que a coordenadora que nem é do Cuca que eu tava, só que como eu era tão metida nas coisas, aí ela veio conversar comigo no privado, e o que era mais interessante é por causa assim, lá na JuvLab a gente fez no final de 2022, fez

tipo uma confraternização nossa e aí teve tipo uma uma entrega de faixas do pessoal, né? E aí, a minha era tipo, era tipo “mil e uma coisas”, né?! E aí eu lembro que quando essa, a querida lá do outro Cuca veio falar comigo, aí disse assim “a vaga tá dizendo que é para você saber tanto na questão de design, era design alguma coisa, e edição de vídeo” e aí ela disse assim, “quando eu vi a vaga eu pensei logo em tu porque tu sabe tanta a questão de design como a questão de edição de vídeo.

**10. Após o projeto, algo mudou em sua vida pessoalmente e profissionalmente?**

- Sim, eu acho que a experiência que eu tive com a JuvLab moldou muito questão no meu eu profissional, sabe? Porque por conta de toda a responsabilidade que a gente tinha como equipe, eu não eu não sei sobre os outros o pessoal das outras dos outros Cucas, mas dentro da JuvLab a gente trabalhava muito em equipe, tanto é que até hoje a gente conversa, a gente tem contato, né? Porque a gente se deu muito bem e a gente era muito unido, sabe? Então, eu acho que foi basicamente isso. A minha experiência como monitora na JuvLab mudou muito o meu profissional na questão da comunicação, né? Além do fato deles terem me entregado, terem me ajudado a me ver como uma comunicadora, que era uma coisa que eu não me via, eles também me ajudaram a tipo, é, como trabalhar em equipe dentro, na questão de Agência, né? Porque eu acho que é diferente para cada equipe, para cada área, né? E aí dentro da JuvLab, a gente aprendeu muito sobre isso, né, sobre cada um tem sua função e a gente tem que acreditar muito na equipe na equipe que a gente tá, tipo eu sei fazer muita coisa, mas eu não posso “ah, pera aí, deixa que eu faço tudo”, não dá, né?! Você tem que deixar cada pessoa fazer o seu e entender o processo de cada um também, né?! Eu acho que é basicamente isso.

**11. Se a JuvLab fosse um projeto pago, você teria participado?**

- Não, porque na época eu não tinha condições de pagar para participar, né?! E eu acho que o fato de ser exatamente gratuito e também da bolsa, me fez com poder participar dela, até porque tipo, na época eu não tinha carteirinha, então eu pagava inteira, né?! E aí parte da bolsa era só minha passagem, então ela dava o combustível para eu poder tá lá, sabe?! Porque se não fosse isso, eu não conseguiria ir para as aulas para estar lá participando, porque tipo, eu moro na Messejana, né?! Não tem Cuca aqui perto que dá pra eu ir a pé né?! Eu acho que, pessoas que moram perto dos Cuca, eu queria muito morar perto de uma Cuca, né?! Porque eu acho que é um privilégio, porque de certa forma é um privilégio muito grande, né?! Mas o mais perto que tem é o do Jangurussu, só que eu tenho que passar pela BR para mim chegar lá, é mais ou menos, seria mais ou menos meia hora, uma hora ir andando, entendeu?! Ou então de

bike e tudo mais, então eu acho que se fosse algo pago não era alguma coisa que eu ia eu ia procurar ver se tinha alguma bolsa para mim tentar participar.

## **12. O que é ser jovem pra você?**

- Ih (risos), eu fiquei quase um ano fazendo essa mesma pergunta por causa que a nossa primeira campanha era Ser Jovem e aí a gente finalizava perguntando “o que é ser jovem para você?”. Eu acho que ser jovem é você ter aí disposição e eu acho que é você ter o privilégio de tentar, sabe?! Porque eu acho que é uma... Assim, quando mais velho você vai ficando, mais você vai percebendo, entra numa questão muito mais mental, né?! Mas quanto mais velho você vai ficando, mais você vai achando que você não pode fazer as coisas, né?! Ah porque eu tô velho vou fazer isso, porque num sei o que e tal, e eu acho que ser jovem é exatamente isso, é você acreditar que você pode fazer as coisas, né?! Então, tipo, é qualquer coisa que você pode, que você quiser tentar, você pode estar indo, caso, tipo, óbvio que salve as coisas que você... Que não é pago, né?! Tipo, você tem condições de estar fazendo aquilo, mas eu acho que se você tem condições e se você tem tempo também e disposição para tá fazendo aquilo, é uma fase que você pode estar fazendo. Qualquer coisa que você queira fazer, tipo, eu tava na Gestão Ambiental, aí fui para o design e fui para o audiovisual, sabe?! Você pode eu acho que é uma fase de você pode tentar sem medo, né? Então eu acho que ser jovem é isso, né? É você poder fazer o que você quiser fazer sem medo.

## **APÊNDICE H - ENTREVISTA APLICADA A EX-BOLSISTA MAIANA BORGES**

### **1. Quem é você?**

- O meu nome é Maiana, como você já sabe, eu sou amiga do Rafa e foi ele que me falou sobre você. Eu tenho 30 anos, já sou mãe de um filho de 5 anos e outro aqui na barriga nesse momento, por isso que eu marquei até essa vídeo chamada porque para sair é um pouquinho mais complicadinho, então posso dizer assim, nessa etapa. Eu sou uma pessoa muito criativa, eu adoro conversar, adoro me comunicar de forma geral, sou bem otimista, se eu posso dizer assim, uma comunicadora, eu acho que isso sempre esteve comigo desde a infância, só que eu só fui descobrir todo esse potencial depois. Sou da área de Turismo, já indo para questões de trabalho, né?! Eu tenho 1 metro e 58, não sei se isso é tão relevante, né?! Sou muito expressiva, gosto muito de pessoas que conseguem ver um lado mais resolutivo das coisas, principalmente em relação ao trabalho, mas a vida também e acredito que de forma geral, é isso, uma pessoa gosta muito de cores, acho que você já tá vendo um pouquinho aqui e eu acho que de certa forma isso interferiu muito em quem eu sou dessas personalidade desse

cabelo, dá para detectar de forma geral. Eu sou uma pessoa considerada parda, né, na nossa sociedade, apesar de eu me considerar uma pessoa negra. Hoje em dia eu tenho muito apreço e estudo bastante sobre o racismo estrutural que era uma coisa que antes eu não tinha tanto conhecimento, nunca me ajudou muito nisso e em relação a trabalho, eu comecei no turismo, então sai do ensino médio, entrei no IFCE, estudei Turismo no ensino técnico e estudei Gestão Desportiva e de Lazer no superior, num tem muito a ver uma coisa com a outra, mas eu consegui aproveitar matérias da área do lazer vinculado ao turismo. “Mas por que Maiana você escolheu o turismo?”, porque era parte de comunicação que naquele momento dava para passar na nota do ENEM, a gente tá falando de sei lá, 10 anos atrás.

## **2. Como você conheceu o projeto da JuvLab?**

- Tá vamos lá, eu acho que eu já ia entrar nessa questão. Depois de dar turismo trabalhar na área engravidar a primeira vez, veio a pandemia, eu entrei num projeto social que se chama “Bora aí mulher”, esse projeto era um projeto que tinha uma bolsa para mulheres periféricas mulheres de religiões de Matriz africanas também, mulheres lésbicas, o público LGBTQIA+, na área de marketing, foi aí que eu comecei a gostar dessa área, na verdade eu já gostava, só não tinha conhecimento, nem, digamos assim, “vontade financeira” para investir nisso, mas depois veio a oportunidade e a pandemia, né?! Assim, mudou muita coisa. Depois disso, passaram-se dois anos e veio a seleção do CUCA, li todo o edital, vi que eu me encaixava na área de social media, justamente por já ter essa bagagem do “Bora aí mulher”, e aí eu comecei a atuar na área, dois anos depois de eu atuar aqui na área. Passei pela seleção. E aí eles pediram para a gente fazer algo relacionado a marketing, para você ser selecionado, eu fiz uma campanha que tinha como tema Fake News e eu fiz uma campanha inteira, como se fosse lançar essa campanha para mídias sociais, porque o meu forte hoje é produção de conteúdo para mídias sociais, então assim, eu vou desde conhecer o cliente, eu vou entender o que ele precisa, eu vou entender as métricas para saber o que que já deu certo e o que a gente pode testar para que dê mais certo ainda e o CUCA foi um divisor de águas porque não era só Social Mídia que eu aprendi, lá é interessante que a gente circulou por várias áreas: Fotografia, Videomaker, Edição, a própria área do social mídia, jornalismo, então assim era um dever que eles tinham conosco de ‘Ah, vocês vão circular várias áreas para vocês aprenderem um pouco de tudo, por isso que se chama até a agência e Experimental, né da gente experimentar, né?

## **3. O que o motivou a entrar no JuvLab? o que você buscava?**

- Sendo bem sincera, qualificação profissional e prática, né?! Prática sobre na área, como é que era trabalhar na área de marketing, de comunicação num veículo como o Cuca, fora que por morar no José Walter eu tenho acesso ao Cuca, eu moro muito próximo então já fazia atividades físicas lá, faço natação, então assim, o Cuca normalmente ele vincula a juventude de forma geral, primeiro muitas vezes pelo esporte, acredito, por algum tipo de curso que eles têm de um mês, alguma coisa assim, e a partir disso você sabe o que tá acontecendo lá e você se interessa, eu pelo menos me interessei bastante e o edital foi uma forma de ingressar, depois que eu li, eu vi “nossa essa vaga tem muito a ver comigo!”, é tanto que eu tinha uma além da dedicação, lógico, de mandar tudo que foi proposto dentro do edital, eu tinha muita... certeza, eu vou passar nisso porque eu tinha total confiança que ia passar. Então foi essa questão de classificação profissional mesmo e gostar, eu gosto da área, não é uma área que, vamos dizer assim, que é muito fácil todo mundo gosta ou que todo mundo gosta de falar de pegar um microfone e tal, então assim, é o que eu queria experimentar e outra: quando a gente entra, a gente é avaliado sempre, né, lógico. Então, nós tínhamos a avaliação dos monitores e tínhamos avaliação nossa sobre como é que tava todo o processo, todos os meses. Nessa avaliação, eu sempre pedi para passar pela bateria de entrevistas, porque tem eventos também, isso aí que eu acho massa, é que eles têm eventos ligados à prefeitura, né, a juventude e eles inserem esses jovens nesses eventos para que eles tenham experiência prática de como é entrevistar, de como é estar como filmmaker e é uma coisa que eu aprendi que a faculdade muitas vezes não te dá, prática de mercado, porque uma coisa a gente pode dar uma simulação, lógico, eles vão passar isso algumas, alguns professores passam isso, mas a prática naquele momento de lidar com o público, com sobre riscos, com eventos, eu sei que é algo que assusta algumas pessoas, mas eu adoro e eu acho que a melhor forma de você aprender: errando. Então, eu lembro de um evento Férias na PI que eu fiz e eu pedi para estar ali entrevistando, a minha supervisora ouviu, me colocou lá e ela deu “ó, você vai estar entrevistando X pessoas!”, é isso! Primeiro eu conversei com os diretores que já me conheciam para pegar confiança, depois começou uma chuva de pessoas e aí eles gravam, editam e depois colocam no YouTube da rede, né!? E é muito bom que a gente pode colocar no portfólio também essa história.

**4. Qual a sua edição? por quanto tempo esteve?**

- Edição de 2022.

**5. Quais eram os seus sonhos e objetivos ao entrar no JuvLab?**

- É uma boa pergunta (risos), então assim, eu posso dizer que naquela época, eu tinha o objetivo, era melhorar da cabeça, no primeiro momento sabe, a questão de pandemia com a maternidade, foi bem punk durante muito tempo, porque eu dependi financeiramente também do meu esposo por muito tempo. Então eu acho que meu sonho naquele primeiro momento era sair e ter uma nova perspectiva profissional em primeiro momento.

**6. O que você fazia na agência? Trabalhava em grupo? Sua criatividade era instigada?**

- Eu entrei como social mídia certo, porém é quando a gente entra lá a gente entende que é uma outra realidade. A gente trabalha com campanhas publicitárias, então a gente, para eu por exemplo, que não tenho faculdade de publicidade para mim foi um universo novo, já conhecia o universo de criar uma campanha, mas não na prática, de como se fosse no mercado. Então a gente foi desde a reunião sobre o ia entender qual era o tema nosso primeiro tema foi o dia Internacional da Juventude, então a gente foi trabalhar em cima disso. Então assim, eu era a única ali na JuvLab, pelo menos naquela época, né, que já tinha trabalhado com métricas, já tinha trabalhado com o Instagram dessa forma de analisar os dados para poder a gente fazer algo diferente. E aí juntou a cabeça de uma junto ou cabeça de outro e aí a gente foi tornando essa campanha possível, se eu posso dizer assim que a gente tava conversando então assim a gente tava entendendo.

**7. Teve algo que te marcou atuando na JuvLab? O que mais gostou de fazer?**

- Acredito que foi entrevistar. Entrevistas, participar dos eventos, cumprir os eventos com os artistas, estar em cima do palco ali perto daquele artista, conversar com ele, estudar sobre aquela pessoa antes de incrementar, eu acho que é um é um negócio que eu gosto bastante, eu gosto muito de Podcast. Então é algo que eu estudei antes de fazer. Essas entrevistas, por exemplo, eu vou entrevistar um cantor X, então muitas vezes eu vou perguntar, eu vou dar uma olhada no que ele tá fazendo no momento do trabalho dele pega alguma referência de música e pergunta sobre aquilo então assim isso me ajudou muito porque foram perguntas que foram bem bacanas assim, eu recebi feedbacks bem positivos sobre isso, mas a questão de trabalhar com redes também métricas, mas assim, eu eu acredito que eu gosto mais de falar do que tá nos bastidores.

**8. Você desenvolveu alguma habilidade durante sua atuação dentro da agência? Qual?**



- Eu acho que a questão de maior segurança. E outra coisa, nós tínhamos oficinas com outras profissionais na área e palestras que nos incentivavam muito e uma que eu que me marcou muito foi de uma fonoaudióloga, porque a dicção como você fala a imagem que você vai passar e é isso que acontece na entrevista.

**9. A trajetória no JuvLab contribuiu para os seus sonhos e objetivos? De que forma?**

- Com certeza principalmente a questão de... É como se eu tivesse feito uma faculdade prática em 10 meses, porque uma faculdade eu teria que passar por várias etapas e até a áreas que eu não sou tão habilidosa, como design e edição de vídeo. Sei? sei! Aquela questão, não é o meu forte para eu viver disso então não é não. É algo que eu digo assim, meu potencial é aqui não é eu potencial é aqui falando conversando gosto de ensinar também que eu tô criando essa habilidade agora e eu acho que o principal potencial. Tipo, ah, eu queria aprender mais sobre fotografia, ela contribuiu para que eu aprendesse, né? Tipo isso, principalmente na questão da sobrevivência das entrevistas, ela contribuiu também na questão de lives, porque foi algo que não tinha na programação de certa forma para que a gente fizesse, só que como eu trabalho com social media como eu tenho que explorar as mídias principalmente porque eu trabalho muito no Instagram e aí tem que entender.

**10. Após o projeto, algo mudou em sua vida pessoalmente e profissionalmente?**

- Acho que confiança sobre o meu potencial, confiança sobre o que eu consigo fazer porque eu tinha questões até pessoais e profissionais sobre essa questão do que eu entrego e será que é bom. Então eu acho que o Cuca também tinha esse papel de errar, você podia errar muito facilmente, no mercado de trabalho, se você errar, você se queima com o cliente, tem que lidar com o cliente. De toda forma, é uma, é um desafio, eu não gosto de dizer, eu não gosto de dizer a palavra difícil, eu gosto de dizer que é desafiador. Depois que eu terminei o programa, logo depois eu também já entrei na área com freelancer, além de sempre trabalhar com meu marido na área. Hoje eu trabalho numa ONG, chamada Barraca da Amizade e aí dentro do projeto, eu exerço esse papel de produção de conteúdo.

**11. O que é ser jovem pra você?**

- É uma boa pergunta, porque eu fui uma das pessoas que entrevistei esses jovens, fazendo essa pergunta, e é incrível que quanto mais novo, mais dúvidas você tem sobre o que é ser jovem, porque você ainda não passou por certas etapas da sua vida,

de certa forma, tudo bem, até porque cada realidade é uma realidade, tem jovens que vão ter sim poucas responsabilidades, mas a palavra que mais me vem sobre... eu nem sei se eu encaixo isso em ser jovem ou não ser jovem, mas eu gosto muito da palavra de auto responsabilidade, porque muitas vezes o jovem não tem, eu mesmo não tinha, isso interferiu muito na minha vida profissional, pessoal, fazer escolhas.

## **APÊNDICE I - ENTREVISTA APLICADA A SUPERVISORA BIANCA DIAS**

### **1. Quem é você?**

- Sou a Bianca, tenho 27 anos. Estou aqui como supervisora de educomunicação, tecnologia e linguagens, na rede CUCA José Walter e a minha formação é jornalismo, né, Comunicação Social Jornalismo, e eu tenho uma especialização em gestão cultural, né, que a gente acaba trabalhando com essa área aqui também dentro da rede Cuca.

### **2. Qual a sua vivência dentro da Rede Cuca? Foi egresso de algum projeto?**

- Eu comecei, eu era estagiária, né, na Jangadeiro FM, na rádio Jangadeiro FM. E aí o locutor em algum momento ele divulgou o repórter Cuca, né? Que também é um projeto da rede cuca, voltado para a comunicação. E aí na época ele falou "ô Bia tu deveria participar, isso aqui é muito legal e tal é é vai envolver prática e eu tava no segundo semestre, né?" Então teve um certo momento que eu fui me inscrever e eu comecei no cuca do Jangurussu como jovem, né? Fui repórter Cuca lá e aí o repórter Cuca foi meu primeiro projeto mesmo da era da comunicação dos primeiros projetos, né? O primeiro mesmo foi a rádio, é, se eu não me engano e em seguida, o João que é o coordenador, né atual coordenador, já era na época e atualmente ele é não perto. Agora eu vou reformular minha pergunta porque eu não lembro se ele já era coordenador se ele era supervisor, mas na época, a gente lançou, a rede Cuca lançou a monitoria de jovens comunicadores, né? Ainda não era chamado Futuros. Eita mas tudo bem. Deixa eu olhar aqui, mas a gente começou, mas a gente começou com essa monitoria, eu participei da primeira monitoria e ainda não tinha a JuvLab, né? Era só a JuvTV que aí era um canal no YouTube. Porque a gente produzia já muitos materiais em audiovisual, só que a gente não tinha onde veicular esse material, né? A gente tinha algumas parcerias com a TV Ceará, por exemplo que tinham conexões periféricas que era um outro programa que a gente gravava também era um programa de reportagem é? E aí a gente é juntamente com a equipe, né? E o João a gente participou dessa monitoria, fomos da primeira turma e a gente começou, enfim, esse projeto. E aí logo depois disso teve uma seleção para assistente, né? Eu lembro que na

época eu não passei quem passou foi o Will que também foi jovem da monitoria junto comigo e aí logo em seguida. Depois de alguns meses assim o João entrou em contato comigo, né? Dizendo que tinha uma vaga para assistente disponível, se eu tivesse ainda interesse eu poderia ir no dia seguinte já entregar minha documentação aí foi a partir daí eu entrei com uma assistente de comunicação comunitária, que na época a coordenação ainda era de comunicação comunitária. Depois disso eu fui promovida para ser supervisora e desde então tô aqui.

**3. Em que ano surgiu a agência? em qual temporada está?**

- É, então, acho que foi em 2021. E aí eu sei que depois disso teve, eu acredito que a gente esteja na quarta turma, né? Porque teve a turma de vocês, então tá dividido em duas e isso. Ah entendi aí tá na 2024.2. É isso? Ah não mulher, tu vai ter que parar essa gravação para eu lembrar. Peraí, deixa eu ver aqui. Eu sei pelo edital. É porque a gente meio que não tem os dias, os meses certo para usar semestre, né? A gente não tem aí tem turmas que são de 4 meses, tem turmas que tem uns 10 meses. É quando é de 10 meses. Eu acredito que seja a quarta edição eu posso dar uma olhadinha depois que a gente sair daqui. Com certeza a informação, mas eu acho que é a quarta Edição mesmo, porque tu foi a primeira, aí depois o Rafa participou de novo. Aí teve uma terceira edição com o Vitor, não acho que a gente tá na terceira Edição e ele é de 2023 a de 2022 acabou no meio de 2023. Aí começou a de 2023. Aí eu acho que ela tomou todas 2023, aí vocês estão na parte é claro.

**4. O Programa nasceu de alguma necessidade pontual? Como foi implantado? (descrever brevemente)**

- Ele foi pensado pelo nosso secretário, né? O Davi Gomes, atual secretário de juventude, ele chegou com essa proposta para o João, o nosso coordenador, e aí o João juntamente com ele e a equipe, decidiu implementar JuvLab, porque realmente eu acho que veio dessa ideia dele, mas parte também de uma necessidade do mundo que a gente vive na comunicação atualmente, né? O repórter CUCA e a JUVTV é muito produção audiovisual, os meninos não trabalhavam tanto a questão de rede social, por exemplo, não trabalhavam tanto a questão do design, a questão da publicidade em si, então, a gente meio que pensou a JuvLab para agregar mesmo as outras produções que a gente já tinha né? Porque, tu que já participou da JuvLab, via que a gente atendia ali muito identidade visual para além das campanhas pensadas dentro do projeto, a gente deixa a identidade visual de produções audiovisuais também, né? Sei lá, curta, um filme que os meninos iam fazer e os meninos estão ali para pensar e a identidade visual, pensar divulgação tudo isso, então foi a necessidade

mesmo de acompanhar a tecnologia e as mudanças que existem dentro da comunicação, mas também partiu de uma de um ponto de partida assim do nosso secretário.

**5. Como a Rede Cuca define a agência e suas propostas?**

- Olha, eu acho que isso vem muito da necessidade dos jovens que chegam, percebendo como a gente trabalha hoje em dia, óbvio que a gente já tem algumas coisas que são fixas, né? Que são campanhas que a gente produz, a gente também tá trabalhando nessa questão do atendimento ao público e aí atualmente a gente tem trabalhado muito com as próprias empreendedoras que trabalham dentro do Cuca, né? Que são parte de um projeto do setor de empregabilidade da rede pública, então muitas delas estão aqui trabalhando vendendo suas produções, mas elas não tem uma marca, elas não tem uma, enfim, uma rede social, não tem o básico assim, né, para poder evoluir no projeto delas. Então a gente tá começando nessa questão do atendimento ao público, a gente atendeu já por exemplo, alguns jovens da Comunidade em Pauta, né? Que é um outro projeto da rede pública que eles têm os grupos de dança deles, né? Eles ensaiam dentro do espaço da Rede Cuca, eles usam o espaço da rede Cuca para ensaiar seja de dança, teatro, enfim. Então acho que, de programação fixa, né, de planejamento que a gente tem hoje dentro da JuvLab, é isso assim, campanhas educativas e atendimento ao público, né? Mas fora isso a gente vem escutando muito os meninos a partir do que eles trazem para a gente dentro do edital, a gente define muito junto com eles, né, até para entender o quê que eles esperam aprender aqui, né? Porque eles trazem as ideias muitas vezes e a gente obviamente como um lugar de formação, a gente oferece e o profissional para estar ali orientando.

**6. A quem se destina o programa?**

- A quem se destina, eu acredito que é a comunidade mesmo sabe é é é as comunidades que ficam ao redor do Cuca. E eu não acho que a gente não chegou nesse lugar ainda de alcançar Fortaleza como um todo, né? Até porque é muito recente, é um projeto muito recente, mas eu acho que as pessoas em volta do Cuca que frequentam o Cuca, já tem um pouco mais de conhecimento do que haja o milagre do que elas podem agregar.

**7. Como é estruturado o Programa? Como funciona, desde a seleção até sua fase final?**

- Pronto, a gente lança o edital, né? Começa com o edital, e aí a gente depois que lançou o edital que tem as inscrições a gente faz um processo seletivo de entrevista normalmente. A gente faz também uma prova prática, né? Porque a JuvLab é

diferentemente do repórter Cuca, ele vem realmente para inserir as pessoas dentro da comunicação que não tem conhecimento nenhum, né? Já a JuvLab não, a gente precisa e coloca como requisito no edital que elas tenham uma noção mínima assim de comunicação, que elas já tenham feito algum curso dentro da rede cuca, de audiovisual, de fotografia, já tem alguma experiência na área de alguma forma, né?! E aí depois que a gente passa por esse processo seletivo, a gente tem os primeiros meses do projeto com formações, né com oficinas, vai muito da introdução mesmo dentro da comunicação, né? Que aí é roteiro, é gravação, é design, para a gente meio que nivelar mesmo conhecimento de todo mundo para que depois eles possam ir para a prática. E aí a ideia é essa, né? Os primeiros meses é formação teórica, depois disso eles passam para a prática e aí no final do projeto a gente normalmente faz um momento de pitting, que aí a gente traz profissionais que já estão no mercado de trabalho para ver o que foi produzido mesmo e enfim fazer comentário, né? Para que tanto possa agregar para os meninos, quanto também possa dar visibilidade para eles, né? Para que eles possam porque por exemplo na última turma a nossa a todos os meninos já estão trabalhando porque sim, a galera que veio de outras empresas, viu que eles fizeram né? então já a gente já saiu dali meio que com o networking deles feito, tanto que depois eles só “Bianca, eu preciso de tal pessoa, Bianca pra gente tal pessoa”, e chegou um momento que eu disse “meu Deus, eu não tenho mais ninguém gente”, mas já saíram todos empregados, então o processo é esse assim que a gente faz, né? Tem essa finalização no final de ter esse momento de pitting para apresentar o que foi produzido e ele já saírem daqui para o mercado de trabalho.

#### **8. Quantos jovens participam por temporada?**

- Esse não tem o número fechado, assim, acho que da turma de vocês foi tipo 20, se eu não me engano, né? Aí é essa aqui já tá no José Walter já tem 10 aqui, tem 10 no Pici, né? Então a gente não tem o número fechado mesmo assim, é mais por cada edição, a gente conversa, né, enquanto gestão para poder ver como é que vai ser.

#### **9. Como acontece a distribuição de funções entre eles?**

- Desde o momento da seleção, a gente já entende, mais ou menos ali quantos designers a gente vai ter, quantos vídeo makers a gente vai ter, então quando eles começam o projeto, a gente já tem uma noção de qual interesse deles, né? E aí a gente pergunta para eles, qual área eles querem atuar, e aí a gente só define. E aí no caso se faltar, sei lá, tem tá faltando uma pessoa para ficar no atendimento, a gente vai conversando para entender quem tem interesse, né? Explicar também um pouquinho da função, e aí

se for necessário a gente chama alguém que possa dar uma formação para cada função e eles possam exercer.

**10. Quantas pessoas estão envolvidas na equipe? Quais suas funções dentro do projeto?**

- Pronto, atualmente nos Cucas, a gente tem um assistente de comunicação, temos uma técnica de rádio, um técnico de imagem, né, que aí fica mais nessa parte do audiovisual e a supervisão né, diretamente com os meninos, né? E fora isso, a gente por ser uma coordenação que tá também junto com os professores de audiovisual, fotografia e Informática, a gente também, quando é necessário, engloba os meninos junto com os professores que aí vem nessa questão das formações, né? Quando precisa de uma orientação, é mais precisa de alguém, assim que realmente vale acompanhar os meninos no processo, aí a gente fala com os professores, e fora isso a gente tem a coordenação também do João, que fica na rede. São duas de assim, ele tá distribuindo em duas JuvLabs. Só que no José Walter é isso, tipo é assim no começo, era só aqui no José Walter e eu acho que era muito é porque a gente tem um Coworking aqui, né? E aí logo depois o Pici foi lançado e também tinha o coworking lá e aí acabou que, apesar dos meninos não estarem no coworking hoje em dia, no início a ideia era essa por conta dos espaços do qual o outro para poder eles utilizarem aquele espaço e aí mais a questão do José Walter, Pici, foi mais pela necessidade mesmo assim a gente teve muitos inscritos no Pici. E aí acaba que se torna muito distante para eles estarem indo todos os dias, né? Então a gente dividiu as sedes.

**11. Para você, a Agência atua dentro de uma metodologia educ comunicativa? Se sim, de que formas você consegue enxergar esses métodos cotidianamente na agência? (citar exemplos)**

- Ontem eu tava até tendo uma conversa com os meninos, os técnicos daqui é e eu tava falando exatamente sobre isso. A gente recebe demandas da secretaria de juventude, da prefeitura, né, dos outros setores da Rede Cuca também para fazer cobertura, enfim, assim como eu falei do Comunidade em Pauta que a gente teve que criar a identidade visual deles e produzir conteúdos para eles colocarem nas redes sociais, então é espera-se que a galera entregue um conteúdo de qualidade, né? Só que a gente tem que estar o tempo todo nesse processo de a gente está formando jovens, então eles têm esse processo de errar, né? Eles têm essa possibilidade de errar, né? Então é um processo prioritariamente formativo assim, a gente dá essa orientação deles terem esse processo de formação nos primeiros meses exatamente para que eles aprendam a teoria antes de ir para a prática, né? E eu acho que o projeto se torna completo

exatamente por isso, assim porque, dentro da rede cuca a gente consegue ofertar a teoria com os nossos professores, né, para além de convites também que a gente pode fazer para profissionais de Fora para poder acrescentar ainda mais no conhecimento da galera, e depois eles vão para a prática que aí eu acredito que assim como foi a minha experiência quando eu fui jovem da rede Cuca, foi o que mais me agregou dentro da rede Cuca, né? Porque na faculdade por exemplo, né? A gente não tem esse tempo para pegar no equipamento com calma, para pegar uma câmera e ir ali gravar, fazer uma externa com calma, né? Tudo muito para passar da disciplina, né, receber a nota da disciplina e para outro. Então eu acho que na Rede Cuca a gente tem esse esse período que a gente consegue experimentar e errar e enfim, produzir alguma coisa que a gente tem orgulho de fazer ali, né?

**12. Após o fim de uma temporada, quais os resultados considerados mais relevantes diante uma avaliação interna?**

- Nicole, eu acho que como eu falei assim de o fato da galera ter entrado em contato com a gente várias vezes e ter, ah “Bianca precisa de uma de uma pessoa para ficar na rede social precisa de um design” e tal e aí eu dizia gente eu não tenho mais ninguém disponível, tá todo mundo todo mundo trabalhando sabe é para além disso que eu acho que isso é um indicativo muito bom para a gente né É É ver os jovens, por exemplo, eu já tive uma jovem aqui que ele não era da comunicação, né? Ele não era da comunicação era a primeira vez que ele tava tendo esse contato, ele começou a editar pelo caput no celular um videozinhos mesmo básicos assim ele trabalhava como frentista em posto de gasolina. E aí ele veio pra rede pública com essa pouca experiência que ele tinha de editar vídeo no celular e hoje em dia ele é um videomaker, tipo cara, sabe é já tá trabalhando já tá com vários trabalhos aí então eu acho que para além desse índice de ‘entraram no mercado de trabalho’, é ver isso sabe é ver a é a galera se encontrando dentro da profissão é ver como eles evoluíram é ver que eles muitas vezes chegam aqui eh sem esperança, né? Chegam aqui desmotivados mesmo, porque muitas vezes entendem que esse espaço não é para eles, né É É que mexeram Numa câmera não é para eles que eles nunca vão conseguir comprar uma câmera, mas que ao longo do processo eles se descobrem desse dentro desse momento, né dentro dessa formação e saindo aqui já com muitos planos, né? Para o futuro. Então acho que para além do do mercado de trabalho é ver a galera se encontrando mesmo, né dentro do dentro das suas profissões ou se também não se encontrem, pelo menos tiveram a experiência para realmente pensar não, eu não quero

isso. Eu quero aquilo, sabe, então eu acho que é o estímulo da gente que tá aqui dentro desses projetos acompanhando os meninos.

## **APÊNDICE J - ENTREVISTA APLICADA AO COORDENADOR JOÃO BENTO**

### **1. Quem é você?/Qual a sua vivência dentro da Rede Cuca? Foi egresso de algum projeto?**

- Atualmente minha formação é em Comunicação Social, Jornalismo, né, pela UFC e atualmente na Coordenação de Educomunicação, Tecnologias e Linguagens da Rede Cuca, né? Tenho aí na trajetória profissional algumas experiências em assessoria de comunicação, algumas experiências como repórter também, mas desde 2012, eu tô muito mais focado nesse campo de educação e comunicação e direitos da juventude. Eu entrei no CUCA em 2014, mas antes eu trabalhava em uma ONG que acaba vendo educação e comunicação, e durante todo o período regular da graduação, né? Porque, minha graduação não foi regular, mas eu acho que todo esse período eu tive... eu participei da liga, né? Que era a agência experimental, na época era a única agência, hoje eu acho que ela vai ser também ter a Rastro, não sei se tem alguma outra no curso, mas era a agência experimental de comunicação, então também já tinha um pouco dessa vivência que lá no futuro ela vem também contribuir para a criação do modelo da JuvLab.

### **2. Em que ano surgiu a agência? em qual temporada está?**

- Pronto, a agência já era um desejo nosso, né? Porque essa vivência já era um desejo nosso, um desejo dos jovens que participavam dos processos de formação do Cuca, né? Primeiro por uma lacuna de linguagem mesmo, assim um campo, porque a nossa produção na comunicação, primeiro comunicação Comunitária, né que o histórico começa lá atrás em 2014, quando eu entrei, a gente era a equipe de comunicação Popular, depois passou a se chamar Comunitária as Primeiras Experiências eram muito relacionadas ao rádio, então que a gente tinha por exemplo tanto com publicidade, quanto com jornalismo eram inserções no rádio, né? Esporte, boletins, supletivos, informativos, etc. E aí com o tempo a gente vai incorporando né, a produção televisiva, a produção audiovisual, a gente vai atendendo esses anseios que os jovens tinham de expressão, de apropriação das linguagens, as tecnologias também vão se tornando mais acessíveis, de celular, de câmera etc. Então a gente vai acompanhando esse universo, né? E aí a gente já tinha essa demanda mapeada, porque muito do que se produziam eram produções que estavam dentro desse campo do jornalismo Popular, então notícias sobre os territórios, reportagens e outros conteúdos



produzidos ou dentro dessa dessa lógica, né do documental, do jornalismo, enfim. Então já existia esse campo, primeiro campo do desejo dos jovens, segundo o campo também de uma de um entendimento dessa interface com o mundo do trabalho, né? Então assim havia uma uma série de ramificações, de possibilidades de atuação dos jovens, né, de formação desses jovens a partir da implementação de uma agência no equipamento como a rede Cuca, que é uma política pública, a maior política pública de juventude do país e da América Latina, assim em termos de investimento, de estrutura e tudo mais, inclusive de complexidade, né, de diversidade de atividades que são ofertadas, de ações, serviços enfim. E aí essa esse diálogo com o mundo do trabalho é um diálogo muito contemporâneo, tem enfrentamento das vulnerabilidades, porque não é um fundamento único de gerar emprego, né, mas há uma preocupação da rede hoje, de conseguir garantir caminhos de possibilidades para os jovens, porque a gente compreende, né, que quando fala a gente é o Banco Mundial, é uma série de organismos que vão trabalhando com esse indicador de que a não inserção profissional, ela é uma ela é uma vulnerabilidade por si só e ela é um agravante para outras demarcadores sociais, demográficas, enfim. E o terceiro fator é de fato relacionado a experimentação, a esse campo da economia criativa, né de você poder, enfim, coisas que você mesma vivenciou como aluno da agência, né? Assim, desenvolver campanhas, prototipar produtos, de conseguir ter um campo de experimentação e de entender a publicidade dentro de uma perspectiva de promoção de direito e dentro de uma perspectiva de democratização da informação, de ampliar o acesso das comunidades dos territórios aos serviços que são direitos das pessoas, né? São serviços fundamentais. Então acho que vende esses três lugares assim. Quando o Davi assumiu, foi o primeiro projeto na área de comunicação que ele capitaneou, assim, foi o desenvolvimento da agência. Então, a agência vem, a primeira edição dela, né, edição piloto que a gente chama, vem em 2021, ela já nasce dentro do Programa Futuros, né? Como que aí eu é, uma Agência, um Programa de monitoria com algumas bolsas, né? Ali 40 acho que 40 a 60 bolsas. E aí o projeto dá uma uma escalada, né? Nesses últimos quatro anos a gente escalou esse projeto em termos de recurso em termos de tamanho mesmo. E aí dentro dos projetos foi criado também a agência, já compreendendo essa necessidade da ajuda de custo, né, dessas bolsas como também um facilitador dos jovens conseguirem se dedicar a formação. Então a primeira edição ela teve seis meses, ela se põe no lugar, foi realizada no segundo semestre de 2021, coisa que foi depois que a gente veio do da abertura do lockdown, né? A gente ainda fazia as atividades. Ela tá na terceira de fato de fato assim porque a

gente teve vocês em 2021 ali do segundo semestre a primeira turma, a segunda turma durou 10 meses em 2022, né? Então atravessou o ano de 2022, porque foi lançado o edital ali em meados de junho de 2022 e foi até virou o ano, né? E a gente teve aí na terceira edição do Futuros, não teve agência, porque ainda tinha turma em vigor, né? Que foi e aí a gente tá hoje com a turma de 2020 e não, perdão é a quarta edição mesmo, mas ele teve uma com mais curta no ano passado que foi de fato bem focada em design gráfico e videomaker, né? Ela não teve outras experiências que as outras como estiveram muito.

**3. O Programa nasceu de alguma necessidade pontual? Como foi implantado? (descrever brevemente)**

- O projeto nasce de fato dessa demanda apresentada pelos jovens, ela é uma demanda mapeada, né? Os jovens traziam não só os jovens, mas também a equipe técnica mesmo e os assistentes, os técnicos de educomunicação da imagem, rádio. Então vai mais na ponta, a gente já vinha mapeando essa necessidade as pessoas pediam, né? Cursos nas na área a gente tinha o Repórter CUCA, por exemplo como um lugar em que a galera do jornalismo conseguia exercitar muito essa veia da comunicação Comunitária dentro do audiovisual dentro do rádio na fotografia, enfim, né?! Então conseguir qualificar tecnicamente para essa lógica do Mundo do Trabalho ao mesmo tempo que conseguia trabalhar comunicação numa perspectiva diferente, né? Uma perspectiva mais voltada de fato a promoção de direitos, e aí faltava esse lugar da publicidade, do design, né? Inclusive assim, tem um outro também que influencia a criação da agência, que é a Chancela da Cidade Criativa que Fortaleza tem, né? Que é uma cidade tinha cancelada pela Unesco como uma das cidades criativas e aí a agência ela também é uma forma de trazer esse essa vivência com a criatividade, né com essas múltiplas possibilidades que a agência ela trabalha de fato assim de design de jogos passando pelo design gráfico, videomaker, é confecção de documentário, enfim, ela mexe com todos os campos ao mesmo tempo, né e trabalha atendendo demandas que são do território então demandas de pequenos empreendedores coletivos de jovens movimentos sociais grupos organizados, né dos que estão nos Cucas ou que estão pelos territórios. Enfim, esse movimento da cidade criativa, ele também influencia a criação de um projeto que pudesse potencializar são criativa dentro dos territórios a partir da dessa vivência com as ferramentas da publicidade, né e que é basicamente isso assim tem um fator que contribui muito que é o fator que quando o Davi vem, também o Davi, ele é designer, né graduado é publicitário e aí mexe em design, então ele também já tinha esse olhar mais eh estruturado, né para

como essa a gente tinha a vontade já reprimida e ele tinha um formato já mais já tinha aquele olhar para poder viabilizar esse processo então quando a gente começou assim que ele assumiu como secretário a gente começou e foi literalmente assim que ele assumiu mesmo assim ó, eu achei o primeiro semestre do ano a gente passou inteiro desenhando o formato da agência, né repensando e aí dialogando com outros projetos que de comunicação que tem hoje nos Cucas com mais de duas TV as rádios enfim, mas foi bem isso assim foi um dos primeiros projetos da da gestão atual, né? Assim, a gestão do Davi então assim destacando isso não não sentia de personalizar, mas na verdade assim, de fazer essa marca temporal, né? Porque vem também pode ser essa sem você ter uma pessoa que também com essa sensibilidade para a importância que o potencial de um de um projeto dentro dos territórios que a gente atende, né que são muito vulneráveis, é um definidor mesmo assim então você tem que criar um projeto que tenha de fato que gera impacto, né?!

#### **4. Como a Rede Cuca define a agência e suas propostas?**

- A agência ainda é um lugar, eu vou falar assim, “ainda” porque acho que é o mesmo pensamento que a gente começou o projeto, assim. A agência é a casa da inovação na Rede Cuca, é o lugar em que a gente consegue ter talvez assim visualizar a liberdade, né do jovens as formas criativas, inventivas de você impactar e de você transformar a política pública de juventude, eu acho que a agência é esse lugar assim dentro do Cuca de todas as iniciativas, inclusive começaram a se talvez assim se espelhar mais nesse modelo em que o grupo consegue com orientação conformação, mas o grupo consegue receber fazer uma leitura de território fazer uma leitura das faltas que são de interesse, né, e traduzir essas pautas em ações criativas que impactam principalmente outros jovens. Então hoje eu defino a agência ainda como a casa da criatividade dentro da rede pública e assim que se destino projeto.

#### **5. A quem se destina o programa?**

- Normalmente as jovens de 15 a 29 anos, né? Porque esse é o recorte da política pública de juventude tem uma natureza na agência e isso aí eu confesso que não foi bem uma natureza planejada, ela é de fato do uso, né? Porque a política pública ela vai se construir muito também nessa vivência prática, né? Esse projeto que constrói muito nessa vivência prática. Então hoje a gente tem uma natureza de vivência Universitária, por exemplo, tem muitos jovens universitários que vão pra agência e para outros projetos de comunicação para poder... a primeira intenção é vivenciar na prática que não consegue vivenciar na universidade por conta da da contingência de tempo mesmo, né? E hoje a gente tem até uma certa mudança de perfil, existem

muitos universitários, existem muitas pessoas nesse processo de descoberta profissional, mas existe uma galera que tá de fato buscando outras formas de se expressar na vontade de gerar renda de conseguir sabe assim, se sustentar seu sonho, então agência tem esse esse lugar. Se a gente falar assim em termos de composição, a agência é um projeto bem jovem. Ela tá ali na faixa dos 18 aos 24 anos, a gente tem poucas pessoas que estão nessa turma atual, principalmente é porque a gente tem poucas pessoas que estão além dessa faixa, né? Na turma de vocês a primeira a gente já tinha uma galera mais próxima dos 29 e tal, 27, 29 anos, mas essa turma atual a gente tá bem mais próximo assim saindo da escola. Isso assim, é uma agência bem jovem, bem conectada com as tendências de produção acima de uma galera que consome tudo muito rápido, que o que aparece é uma galera que é por isso que a gente quer a casa da criatividade que a galera que inova porque tava vendo tudo de novo o que tá acontecendo então ao mesmo tempo tá vivenciando também.

**6. Como é estruturado o Programa? Como funciona, desde a seleção até sua fase final?**

- A JuvLab faz parte do Programa Futuros, que é um programa de monitoria da Rede. Cuca, é um programa que também cresceu desde a primeira edição, né? A gente começou com 125 bolsas, passamos para 150, depois tivemos um aditivo de mais 100. E esse ano a gente lançou 400 bolsas de R\$ 500, né?! A seleção começa nessa inscrição que os jovens, eles normalmente, eles mandam uma uma carta de intenção ou preenchem um formulário que é equivalente a essa carta né, com algumas perguntas é encaminhando portfólio que eles têm assim, a agência era pensada para você já até alguma experiência prévia em algum curso anterior na Rede Cuca, seja a experiência na universidade, seja vindo do centro em Vila das Artes, Porto Iracema CCBJ, né? Enfim, você vem de algum lugar com ou mês uma experiência, autodidata, né, de produção galera que trabalha com mídias sociais com design de forma autorais. E aí a gente faz essa primeira análise. Depois tem a etapa de entrevista, prova prática, né? Que aí nessa prova prática a gente trabalha, é estruturado por área que os jovens escolhem, então a galera que trabalha comigo normalmente faz uma uma prova relacionada audiovisual, galera do design com design, é o pessoal do planejamento que trabalha dentro dessa área especificamente a gente vai avaliando os conhecimentos nesse sentido, né? E aí são os a composição da agência como hoje a gente teve mais bolsas, né? A gente separou um pouco o grupo então hoje de agência na verdade, ela tá com duas sedes, ela tem a sede no José Walter e ela tem a sede no Pici e a gente tem 20 bolsistas distribuídos entre os dois Cucas, né? Fora aí porque

tem uma galera do audiovisual, a galera que soma com a Agência, mas que dentro do edital do Futuros eles estão em outro projeto, né? Foi feito um outro processo de seleção, mas que no final das contas todo mundo é a Agência, porque todo mundo trabalha junto.

**7. Quantas pessoas estão envolvidas na equipe? Quais suas funções dentro do projeto?**

- A equipe de comunicação em média, hoje a gente tem em cada um dos Cucas, um supervisor, um técnico de imagens, um técnico de rádio e um assistente de comunicação e eu na coordenação, né, aí comigo tem uma secretária escolar que trabalha mais no atendimento dos cursos mesmo, mas que também organiza esses processos do Futuro, né? No total eu diria que a gente tem 20 pessoas trabalhando com jovens comunicadores, mas aí eu tô falando no processo ampliado diretamente com a agência são essas quatro pessoas, esses quatro profissionais que atuam a supervisora, o técnico de imagem, do técnico de rádio e o assistente, sendo assistente a figura mais central, é a figura de referência para para turma.

**8. Para você, a Agência atua dentro de uma metodologia educ comunicativa? Se sim, de que formas você consegue enxergar esses métodos cotidianamente na agência? (citar exemplos)**

- A gente sempre se baseou, e aí eu vou eu volto para minha formação, né, na universidade com as coisas com as quais eu tive contato quase que a minha formação inteira ao passar por essa vivência mais próxima dos movimentos sociais e dessas pautas, dessa dessa produção dialógica de comunicação, né? A gente tinha quando fazia parte da Liga, assim, a gente precisava coisas que hoje a gente vai conseguir ficar aprimorar assim, mas a gente às vezes acabava semanas para discutir um briefing, porque a gente ficava muito tempo indo e vindo assim, às vezes meio sem método mesmo, né?! E aí, eu acho que isso é o ponto que a gente já corrigiu lá na agência. Porque a gente já vai fazer essa discussão mais com o método, né? A partir do design, enfim, que de alguma outra metodologia ágil, né, para organização das ideias. Enfim, mas dentro da prática dessa prática educ comunicativa, né, assim, acho que primeiro eu destaco essa capacidade do diálogo, então toda a produção, ou da formação, todo pensamento da agência, ele é baseado nesse diálogo entre o ser instituição, né ser Cuca que é um prédio, que se não tem jovens lá dentro, se não tem pessoas lá dentro, ele é um prédio, mas essa esse prédio hoje né? Essa política pública ela tem uma alma, ela tem uma um lugar de olhar esse direcionamento, então existe esse diálogo com essa instituição, com a equipe técnica, né, profissionais que

acompanham e com os jovens. Assim, e aí sobretudo é um projeto que é feito com coisas com elementos que os jovens alimentam sim, né? São jovens que trazem essa referência lá para dentro, que lógico, passa por uma mediação pedagógica, né da equipe que está acompanhando, uma mediação formativa, também, lógico por outras mediações, por outras contingências, que qualquer instituição vivenciam, então é o tempo são as contingências de território que a gente tá falando de zonas em que a gente vive situações de conflito urbano de vulnerabilidades sociais, né? Debaixo do IDH, etc.

**9. Após o fim de uma temporada, quais os resultados considerados mais relevantes diante uma avaliação interna?**

- Internamente a gente sempre destaca a qualidade técnica das produções, então é o álbum, são os curtas, podcast, etc, então sempre é um fator que é muito avaliado, a gente consegue repetir durante muito tempo o trabalho da equipe, né, da equipe de jovens que eu digo principalmente, a partir das produções. Existem indicadores, né? A gente trabalha com o contrato de gestão no Cuca, então lógico existem indicadores que a gente tem que atender é, indicadores de evasão, né, assim então quanto menos jovens saírem do projeto, melhor, quanto mais jovens concluírem a formação, melhor. E também indicadores de inserção no mundo do trabalho, assim, compreendendo não só o mercado formal, mas a própria inserção no ensino superior a própria compreensão, né, dentro dessa vivência, a partir dessa vivência a compreensão sobre esse projeto de vida, que desde a primeira edição a gente gira em torno de 40% que é um indicador muito positivo, se você pensar em outras políticas e em outras práticas que são voltadas para a inserção profissional. Então assim, a cada 10 jovens que passam por nossa formação, pelo menos quatro conseguem ingressar, durante ou logo após a formação em algum tipo de experiência profissional, né?! E isso é um indicador também muito positivo, porque isso demonstra com a comunicação saindo de uma perspectiva reducionista, assim, de apropriação técnica, que basta você ensinar o software que o jovem vai conseguir entrar no mercado de trabalho, etc, indo por uma perspectiva mais dialógica mais complexa, mais filosófica do campo da comunicação a gente consegue gerar um impacto uma permanência maior dos jovens dentro do mundo do trabalho, né? Então isso vai com certeza no futuro muito breve vai impactar muito a cidade.